PLATÃO

DIÁLOGOS

O BANQUETE - FÉDON - SOFISTA - POLÍTICO

Traduções de:
JOSÉ CAVALCANTE DE SOUZA *(O Banquete)*
JORGE PALEIKAT E JOÃO CRUZ COSTA *(Fédon, Sofista, Político)*

1972

EDITOR: VICTOR CIVITA

Títulos originais:
Συμπόσιον (O Banquete)
Φαίδων (Fédon)
Σοφιστής (Sofista)
Πολιτικός (Político)

1.ª edição — Novembro 1972

© - Copyright desta edição, 1972
Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo
Traduções publicadas sob licença de:
Difusão Européia do Livro, São Paulo (O Banquete)
Editora Globo S.A., Porto Alegre (Fédon, Sofista, Político)

FÉDON

Introdução

57 a EQUÉCRATES

— Estiveste, Fédon, ao lado de Sócrates, no dia em que ele bebeu o veneno na prisão? Ou acaso sabes, por outrem, o que lá se passou?

FÉDON

— Lá estive em pessoa, Equécrates.

EQUÉCRATES

— E então, de que coisas falou ele antes de morrer? Qual foi o seu fim? Isso eu gostaria de saber, pois atualmente não há nenhum de meus concidadãos de Flionte[1] que esteja em Atenas, e de lá, faz muito tempo, que não nos vem nenhum estrangeiro capaz de
b nos dar informações seguras, a não ser que Sócrates morreu após ter bebido o veneno. Mas, quanto ao mais, ninguém nada nos soube relatar.

FÉDON

58 a — Não sabeis, tampouco, nada também a respeito das circunstâncias do seu julgamento?

EQUÉCRATES

— Sim, dele tivemos alguma informação. E uma das coisas, mesmo, que muito nos surpreendeu foi ter ocorrido sua morte muito tempo depois do julgamento. Que houve, Fédon?

1 Em Flionte ou Flio, no Peloponeso, um discípulo de Filolau, Eurito de Tarento, havia estabelecido um círculo de pitagóricos, em cuja sede Fédon foi recebido por Equécrates e associados (58d, 102a). (N. do E.)

FÉDON

— Houve no seu caso, Equécrates, uma coincidência fortuita: a do dia que precedeu ao julgamento com a coroação da popa do navio que os atenienses mandam a Delos.

EQUÉCRATES

— E que navio é este?

FÉDON

— Segundo conta a tradição, é o navio no qual Teseu transportou outrora os sete moços e as sete moças que deviam ser levados para Creta[2]. Ele os b

2 A peregrinação a Delos é um simples culto ao deus Apolo e à deusa Ártemis. A lenda é a seguinte: Androgeu, filho do afamado rei Minos de Creta, visitara Atenas e tomara parte nos jogos ginásticos; fora superior a todos, despertando assim a inveja dos atenienses, que o mataram. Seu pai, então, para vingar a morte do filho, declarou guerra aos atenienses, vencendo-os, e estabelecendo como condição de paz que os vencidos enviassem periodicamente 7 moços e 7 moças a Creta. Estes jovens iriam servir de alimento ao monstro Minotauro que vivia no Labirinto de Creta, palácio fabuloso cuja saída ninguém conseguira encontrar. Por muito tempo os atenienses continuaram a enviar novas vítimas para Creta, até que o herói Teseu, herdeiro do trono, voluntariamente entrou no número das vítimas sorteadas, a fim de pôr termo a esse sacrifício periódico. Teseu conquistou em Creta o amor da princesa Ariadne, que lhe deu um novelo de lã vermelha e, assim, entrando no Labirinto, atou ele uma ponta do novelo numa pedra da entrada e, enquanto avançava, o desenrolava, ficando desta forma com o caminho de regresso assegurado. Conseguiu assim matar o Minotauro e retornar com seus companheiros salvos para a pátria. (N. do T.)

salvou e salvou a si mesmo. E assim, como a Cidade houvesse feito a Apolo, segundo se diz, a promessa de enviar todos os anos uma peregrinação a Delos se daquela vez os jovens fossem salvos, desde aquele fato até o presente se continuou a fazer essa peregrinação ao templo do deus. Manda uma lei do país que, a partir do momento em que se começa a tratar da peregrinação e enquanto ela dura, a Cidade não seja maculada por nenhuma execução capital em nome do povo, até a chegada do navio a Delos e sua volta ao porto. Às vezes, quando os ventos são contrários, sucede ser longa a travessia. Além disso, a peregrinação começa no dia
c em que o sacerdote de Apolo coroa a popa do navio, e aconteceu, como vos disse, que tal fato se realizou no dia que precedeu o julgamento. Foi por esse motivo que Sócrates, entre o julgamento e a morte, teve de passar tanto tempo na prisão.

EQUÉCRATES

— Mas quanto às circunstâncias da própria morte, Fédon? Que foi o que se disse e fez então? Quais de seus discípulos se achavam a seu lado? Os magistrados não lhes permitiram assistir a seu fim, ou este foi, pelo contrário, privado de amizade?

FÉDON

— Não, não. A verdade é que vá- d
rios o presenciaram, um bom número mesmo.

EQUÉCRATES

— Apressa-te, pois, a contar-nos todas essas coisas com a maior exatidão possível, a menos que algo to impeça.

FÉDON

— Não, realmente nada tenho que fazer no momento, e tratarei de vos dar uma descrição minuciosa. Aliás, nada há para mim que seja tão agradável como recordar-me de Sócrates, seja que eu mesmo fale dele, seja que ouça alguém fazê-lo!

EQUÉCRATES

— Pois, Fédon, encontras em idêntica disposição a todos os que te vão escutar. Portanto, procura ser o mais exato possível e nada esquecer.

A Narrativa

FÉDON

e — Enquanto estive ao lado de Sócrates minhas impressões pessoais foram, de fato, bem singulares. Na verdade, ao pensamento de que assistia à morte desse homem ao qual me achava ligado pela amizade, não era a compaixão o que me tomava. O que eu tinha sob os olhos, Equécrates, era um homem feliz: feliz, tanto na maneira de comportar-se como na de conversar, tal era a tranqüila nobreza que havia no seu fim. E isso, de tal modo que ele me dava a impressão, ele que devia encaminhar-se para as regiões do Hades, de para lá se dirigir auxiliado

por um concurso divino, e de ir encontrar no além, uma vez chegado, uma felicidade tal como ninguém jamais
59 a conheceu! Por isso é que absolutamente nenhum sentimento de compaixão havia em mim, como teria sido natural em quem era testemunha duma morte iminente. Mas o que eu sentia não era também o conhecido prazer de nossos instantes de filosofia, embora fosse essa, ainda uma vez, a natureza das nossas conversas. A verdade é que havia em minhas impressões qualquer coisa de desconcertante, uma mistura inaudita, feita ao mesmo tempo de prazer e de dor, de dor ao recordar-me que dentro em pouco sobreviria o momento de sua morte! E todos nós, ali presentes, nos sentíamos mais ou menos com a mesma disposição, ora rindo, ora chorando; um de nós, até, mais do que qualquer outro: Apolodoro[3].
b Deves saber, com efeito, que homem é ele e qual seja o seu feitio.

EQUÉCRATES
— Sim, bem o sei.

FÉDON
— Nele, esse estado confuso de dor e prazer atingia o auge; mas eu mesmo me encontrava presa duma agitação semelhante, e, da mesma forma, os outros.

EQUÉCRATES
— Mas os que então estiveram a seu lado, Fédon, quais foram?

FÉDON
— Além do mencionado Apolodoro estavam lá, de sua terra, Critobulo com seu pai, e também Hermógenes, Epígenes, Ésquines, e Antístenes. Lá se encontravam ainda Ctesipo de Peânia, Menexeno e alguns outros da mesma região. Platão, creio, estava doente[4].

c EQUÉCRATES
— Havia estrangeiros presentes?

FÉDON
— Sim, havia, notadamente Símias o Tebano, Cebes e Fedondes; e mais, de Mégara, Euclides e Terpsião.

EQUÉCRATES
— Dize-me: Aristipo e Cleômbroto não estavam presentes?

FÉDON
— Não. Dizia-se que andavam por Egina[5].

EQUÉCRATES
— E quem mais lá estava?

FÉDON
— Creio que foram estes, mais ou menos, todos os que então se encontravam a seu lado.

EQUÉCRATES
— Bem; e agora, dize, sobre que cousas falaram eles?

FÉDON
— Tomando as cousas desde o começo, vou esforçar-me por contá-las d
todas minuciosamente. Sabe, pois, que em nenhum dos dias anteriores havía-

[3] Apolodoro já é nosso conhecido do *Banquete:* não era o mais inteligente, mas, por certo, o mais entusiasta dos discípulos de Sócrates. (N. do T.)

[4] De todas estas pessoas, os únicos importantes são Antístenes, Euclides e Aristipo, fundadores de escolas filosóficas. Antístenes, na época em que foi escrito o presente diálogo, já é grande adversário da metafísica de Platão, mas o autor o considera boa pessoa e lhe permite, no drama, assistir à morte de Sócrates, embora como personagem muda. Mas Aristipo, o filósofo dos gozadores, é unicamente objeto de desprezo, e por isso Platão o afasta. (N. do T.)

[5] Egina: ilha perto de Atenas. Platão quer significar que estes homens fizeram tal viagem para se recrearem, não se tratando de uma viagem longa, necessária e intransferível; logo, é que ambos não sentiam interesse pela sorte de Sócrates nem por sua grandiosa filosofia. (N. do T.)

mos deixado de encontrar-nos, eu e os outros, junto a Sócrates, segundo era nosso hábito. Nosso local de encontro, ao romper do dia, era o tribunal onde se realizava o julgamento, pois ficava próximo à prisão. E assim todos os dias, a conversar, esperávamos que a prisão fosse aberta. Ela não se abria muito cedo; logo, porém, que era franqueada, dirigíamo-nos até onde estava Sócrates, e muitas vezes, passávamos o dia todo em sua companhia. Naquele dia, como deixáramos ajustado, encontramo-nos ainda mais cedo que de costume, porque na véspera, ao sair da
e prisão pelo entardecer, havíamos sabido que o navio sagrado retornara de Delos. Por isso ficara assentado que nos reuniríamos o mais cedo possível no lugar habitual. Ao chegarmos, o porteiro, vindo ao nosso encontro (era ele quem sempre nos atendia), até pediu-nos que ficássemos por ali e esperássemos, para entrar, que nos houvesse chamado. "É, disse ele, que os Onze[6] estão a tirar as correntes de Sócrates e a comunicar-lhe que este será o seu dia derradeiro." Depois disso quase não demorou a voltar, e convidou-nos para entrar.

Entramos, pois, e encontramos junto a Sócrates, que acabava de ser desagri- 60 a
lhoado, Xantipa[7] (tu a conheces!), que segurava o filho mais novo, sentada ao lado do marido. Assim que ela nos viu, choveram maldições e palavrórios como só as mulheres sabem proferir: "Vê, Sócrates, esta é a última vez que conversam contigo os teus amigos, e tu com eles!" Sócrates lançou um olhar na direção de Críton: "Críton, disse, faze com que a conduzam para casa!" E, enquanto era levada pela gente de Críton, ela se debatia e gritava.

[6] Os Onze: um grupo de onze homens escolhidos por votação cuidava em Atenas do cárcere e das execuções. Cf. Arist., *Const. Aten.*, 52, 1. (N. do T.)

[7] Xantipa deixou a fama de ser uma senhora algo violenta, que atormentou a vida do marido. Segundo Xenofonte, era uma verdadeira megera, mas enterneceu-se por ocasião da morte de Sócrates. (N. do T.)

O Prazer e a Dor

b Quanto a Sócrates, sentara-se no leito e, tendo encolhido a perna, esfregava-a fortemente com a mão. E enquanto a esfregava dizia-nos: "Como parece aparentemente desconcertante, amigos, isso que os homens chamam de prazer! Que maravilhosa relação existe entre a sua natureza e o que se julga ser o seu contrário, a dor! Tanto um como a outra recusam ser simultâneos no homem; mas procure-se um deles — tenhamos preso um deles — e estaremos sujeitos quase sempre a encontrar também o outro, como se fossem uma só cabeça ligada a um corpo duplo! Parece-me, mesmo, c
que Esopo, se nisso tivesse pensado, teria composto uma fábula a esse respeito: A Divindade, desejosa de lhes pôr fim aos conflitos, como visse frus-

trado o seu intento, amarrou juntas as duas cabeças; e é por isso que, onde se apresenta um deles, o outro vem logo. É, assim, que se lhe afiguram as coisas: devido ao grilhão, há pouco sentia dor na minha perna, e já agora sinto prazer!

Cebes interrompeu: — Por Zeus, Sócrates, foi bom me haveres lembrado isso! De fato, a propósito dessas tuas composições, em que transpuseste para o metro cantado os contos de Esopo e o hino a Apolo, várias pessoas já me têm perguntado — e entre elas, há pouco tempo, Eveno[8] — com que intenção as compuseste depois de tua chegada aqui, tu que até agora jamais fizeras coisas desse gênero. Se tens, pois, qualquer interesse em que eu possa responder a Eveno quando ele novamente me interrogar (porque bem sei que tornará a fazê-lo!), fala: que deverei dizer-lhe?

— Dize-lhe a verdade, Cebes: não foi com a intenção de lhe fazer concorrência, e muito menos às suas composições, que fiz aqueles versos: sei que isso teria sido difícil! Eu os fiz em virtude de certos sonhos, cuja significação pretendia assim descobrir, e também por escrúpulo religioso — prevendo, sobretudo, a eventualidade de que as repetidas prescrições que me foram feitas se relacionassem com o exercício dessa espécie de poesia. Eis como se passaram as cousas: Várias vezes, no curso de minha vida, fui visitado por um mesmo sonho; não era através da mesma visão que ele sempre se manifestava, mas o que me dizia era invariável: "Sócrates", dizia-me ele, "deves esforçar-te para compor música!" E, palavra! sempre entendi que o sonho me exortava e me incitava a fazer o que justamente fiz em minha vida passada. Assim como se animam corredores, também, pensava eu, o sonho está a incitar-me para que eu persevere na minha ação, que é compor música: haverá, com efeito, mais alta música do que a filosofia, e não é justamente isso o que eu faço? Mas sucede agora que, depois de meu julgamento, a festa do Deus está retardando minha morte. O que é preciso então, pensei, no caso de que o sonho me tenha prescrito essa espécie comum de composição musical, é que eu não lhe desobedeça; é que eu componha versos. E, de fato, é muito mais seguro não me ir sem antes ter satisfeito esse escrúpulo religioso com a composição de tais poemas, nem antes de haver prestado obediência ao sonho. E, por isso, minha primeira composição foi dedicada ao Deus em cuja honra estava sendo realizado o sacrifício. Depois de haver prestado a minha homenagem ao Deus, julguei que um poeta para ser verdadeiramente um poeta deve empregar mitos e não raciocínios. Não me sentindo capaz de compor mitos, por isso mesmo tomei por matéria de meus versos, na ordem em que me vinham ocorrendo à lembrança, as fábulas ao meu alcance, as de Esopo que eu sabia de cor. Assim, pois, aí está, Cebes, o que deverás dizer a Eveno. Transmite-lhe também a minha saudação, e além disso o conselho, se de fato ele é sábio, de seguir minhas pegadas o mais depressa que puder! Quanto a mim, parece que me vou hoje mesmo, uma vez que os atenienses me ordenam.

Então Símias disse:

— Que belo convite, Sócrates, para Eveno! Já por várias vezes tive oca-

[8] Eveno: poeta grego (N. do T.)

são de encontrar esse homem, e, a julgar pela minha experiência, ele sem dúvida seguirá de boa vontade o teu conselho!

— Ora — tornou Sócrates —, será que Eveno não é filósofo?

— Segundo penso, é — respondeu Símias.

— Então não há de desejar coisa melhor, ele ou quem quer que dê à filosofia a atenção que ela merece. Todavia, é de esperar que Eveno não fará violência contra si mesmo, pois, segundo dizem, isso não é permitido.

d Assim falando, desencolheu as pernas e, desde então, foi sentado dessa forma que continuou a conversar. A esta altura Cebes lhe fez a seguinte pergunta:

— Como podes dizer, Sócrates, que não é permitido fazer violência contra si mesmo, e, por outro lado, que o filósofo não deseja nada melhor do que poder seguir aquele que morre?

— Quê? Então, Cebes, não fostes instruídos a respeito deste gênero de questões, tu e Símias, que vivestes tanto tempo em companhia de Filolau[9]?

— Não, nada de claro, Sócrates.

— Eu, também, o que digo é por ouvir dizer, e seguramente nada impede que se transmita o que dessa forma me foi dado aprender. E, com efeito, talvez convenha particularmente aos *e* que devem transladar-se para o além a tarefa de empreender uma investigação sobre essa viagem e de relatar, num mito, o que julgamos ser tal lugar. E por que não? Que poderíamos fazer senão isso durante o tempo que nos separa do por do sol?

9 Filolau: filósofo pitagórico. Platão o conhecia pessoalmente, e muito o estimou. (N. do T.)

— Dize-nos pois, Sócrates, por que motivo se pode certamente negar que seja coisa permitida o suicídio? Eu mesmo, com efeito (é o que nos perguntavas há pouco), já ouvi Filolau dizer, no tempo em que se encontrava entre nós, e também a outros, que tal coisa não se pode fazer. Mas ninguém já foi capaz de ensinar-me qualquer coisa de exato a esse respeito.

— Vamos — disse Sócrates —, *62 a* vamos examinar isso. É possível, talvez, que eu te possa ensinar alguma coisa. É provável também que isso te pareça maravilhoso e que te espantes ao saber que, para todos os homens, há uma absoluta necessidade de viver, necessidade invariável mesmo para aqueles para os quais a morte seria preferível à vida. Acharás espantoso ainda que não seja permitido àqueles, para os quais a morte seja um bem preferível à vida, o direito de procurarem, por si, esse bem e que, para o obterem, necessitem recebê-lo de outrem.

Cebes sorriu docemente:

— Deus o sabe! — disse no modo de falar de seu país[10].

— Poder-se-ia, com efeito — vol- *b* veu Sócrates — encontrar nisso, pelo menos considerado sob essa forma, qualquer coisa de irracional. Todavia não é assim, e, muito provavelmente, aí não falta razão. A esse respeito há, mesmo, uma fórmula que usam os adeptos dos Mistérios[11]: "É uma espé-

10 Cebes é de Tebas, e os tebanos têm a fama de serem pouco instruídos e falarem um grego algo provinciano. Cebes, o aluno ardente de Sócrates, fala em geral a língua da gente letrada, mas neste momento, apaixonado por uma interessante questão filosófica, descura a linguagem e usa o dialeto regional de seu país. (N. do T.)

11 Platão refere-se aos mistérios órficos, que mencionara no *Menão*. (N. do T.)

cie de prisão o lugar onde nós, homens, vivemos, e é dever não libertar-se a si mesmo nem evadir-se." Fórmula essa, sem dúvida, que me parece tão grandiosa quão pouco transparente! Mas não é menos exato, Cebes, que aí se encontra justamente expresso, creio, o seguinte: os Deuses são aqueles sob cuja guarda estamos, e nós, homens, somos uma parte da propriedade dos Deuses. Não te parece que é assim?

— Parece-me — respondeu Cebes.

c — E tu, por acaso — continuou Sócrates — não havias de querer mal a um ser de tua propriedade que se matasse sem que tal lhe tivesses permitido? E não tirarias de seu ato a vingança que fosses capaz de tirar?

— Efetivamente.

— É provável, portanto, que neste sentido nada exista de irracional no dever de não nos matarmos, de aguardarmos que a divindade envie qualquer ordem semelhante àquela que hoje se apresenta para mim.

— Seja — disse Cebes. — Acho, sim, acho isso natural. Mas a coisa toma outro aspecto quando se trata do que há pouco dizias, acerca da facilidade com que os filósofos consentiriam em morrer. Isso, Sócrates, pare-

d ce-me uma inconseqüência, se é que há boas razões para afirmar o que dizíamos faz poucos instantes: que nos encontramos sob a tutela da Divindade, e que em nós ela tem uma de suas propriedades. Que não haja irritação da parte de homens sensatos, quando se lhes retira essa tutela dos Deuses, que são, precisamente, os melhores tutores, é coisa bem difícil de compreender! Não é crível, em tais circunstâncias, que alguém, em liberdade, possa encontrar maiores vantagens na sua própria autonomia. É possível que alguém, destituído de inteligência, possa ter essas idéias e, desse modo, fuja a seu dono sem refletir que, quan- e
do este é bom, não se deva escapar à sua autoridade mas, ao contrário, ficar o mais possível junto a ele. Fugir, pois, seria mostra de falta de reflexão por parte de tal homem. E quanto ao que tem inteligência, sem dúvida alguma teria o desejo de encontrar-se incessantemente ao lado de quem vale mais do que ele próprio. Ora, Sócrates, desta forma o que é natural é justamente o contrário do que dizíamos há pouco. Porque são justamente os homens de bom senso que devem irritar-se no momento da morte, enquanto que os insensatos se alegrarão.

Sócrates havia escutado Cebes e sentira prazer, pareceu-me, ante a dificuldade levantada por ele. Olhando 63 a
para o nosso lado disse:

— Verdadeiramente Cebes sempre está em busca de argumentos: não tem a mínima inclinação para acreditar imediatamente no que se lhe diz!

— Mas, Sócrates — acudiu Símias —, segundo penso, há também muita razão nos dizeres de Cebes: de fato, com que intenção homens incontestavelmente sábios haveriam de fugir de donos que valem mais do que eles próprios, e sem grandes cuidados, se afastariam deles? Meu pensamento também é que, além disso, a objeção de Cebes se dirige contra ti mesmo, pois é da mesma forma que, sem muito pesar, suportas a contingência de abando- b
nar-nos, a nós e àqueles excelentes donos — acabaste de convir nisto! — que são os Deuses.

— Tendes razão — disse Sócrates; — eu vos entendo: eis uma acusação de que me devo defender como se estivesse no tribunal.

— Isso mesmo — volveu Símias.

— Pois bem, vamos a isso! E procuremos sobretudo apresentar diante de vós uma defesa mais convincente do que a que fiz perante os juízes! Sim, confesso-o, Símias e Cebes: eu cometeria um grande erro não me irritando contra a morte, se não possuísse a convicção de que depois dela vou encontrar-me, primeiro, ao lado de outros Deuses, sábios e bons; e, segundo, junto a homens que já morreram e que valem mais do que os daqui. Mas, em realidade, ficai sabendo que, se não me esforço por justificar a esperança de dirigir-me para junto de homens que são bons, em troca hei de envidar todo o esforço possível para defender a esperança de ir encontrar, depois da morte, um lugar perto dos Deuses, que são amos em tudo excelentes, e, se há coisa a que eu me dedique com tôdas as minhas energias, será essa! Assim, por conseguinte, não tenho razões para estar irritado. Mas, ao contrário, tenho a firme convicção de que depois da morte há qualquer coisa — qualquer coisa, de resto, que uma antiga tradição[12] diz ser muito melhor para os bons do que para os maus.

12 Platão refere-se às tradições religiosas do pensamento grego, no centro das quais se encontra, também, a crença de uma boa sorte no Além. Os mistérios mais afamados eram os de Elêusis, cujos adeptos esperavam ter melhor sorte do que os demais mortos. Cf. Decharme, *La Critique des Traditions Religieuses ches les grecs* e E. Rohde, *Psyché*. (N. do T.)

— Que dizer, Sócrates? — tornou Símias. — Serás capaz de guardar unicamente para ti esses pensamentos, quando tens a intenção de partir? Não os partilharás conosco? Pois aí está certamente, segundo penso, um bem que nos é comum a todos. Ao mesmo tempo terás feito tua defesa, se tuas palavras conseguirem convencer-nos.

— Pois bem! Esforçar-me-ei por fazê-lo. Mas antes vejamos o que o bom Críton tem desde algum tempo a intenção de dizer-me.

— Que quero dizer? — perguntou Críton. — Nada mais do que o que está a repetir-me há muito o homem que deve ministrar-te o veneno: pede-me te explique que deves falar o menos possível. Porque falando muito a gente se aquece, e é necessário não contrariar assim a ação do veneno. Se continuas a conversar desse modo talvez seja preciso que o tomes duas ou três vezes para ter efeito.

— Dize-lhe que vá às favas! — respondeu Sócrates. — Para desempenhar-se de sua missão, ele que me dê o veneno uma, duas ou mesmo três vezes, se for preciso!

— Arre! era essa mais ou menos a resposta que eu previra — disse Críton — mas há muito que este homem estava a importunar-me.

A morte como libertação do pensamento

— Deixa-o falar! — prosseguiu Sócrates. — A vós, entretanto, que sois meus juízes, devo agora prestar-vos contas, expor as razões pelas quais considero que o homem que realmente consagrou sua vida à filosofia é senhor de legítima convicção no momento da
64 a morte, possui esperança de ir encontrar para si, no além, excelentes bens quando estiver morto! Mas como pode ser assim? Isso será, Símias e Cebes, o que me esforçarei por vos explicar. Receio, porém, que, quando uma pessoa se dedica à filosofia no sentido correto do termo, os demais ignoram que sua única ocupação consiste em preparar-se para morrer e em estar morto! Se isso é verdadeiro, bem estranho seria que, assim pensando, durante toda sua vida, que não tendo presente ao espírito senão aquela preocupação, quando a morte vem, venha a irritar-se com a presença daquilo que até então tivera presente no pensamento e de que fizera sua ocupação!

Nesta altura Símias se pôs a rir:

b — Por Zeus, Sócrates, eu não tinha nenhuma vontade de rir, mas tu me fizeste rir! É que, penso, se o vulgo te ouvisse falar desse modo se convenceria de que há muito boas razões para atacar os que se ocupam de filosofia, e a ele fariam coro sem reserva os nossos amigos[13]: "na verdade", diria ele, "os que se dedicam à filosofia são homens que se estão preparando para morrer"; e, se há uma cousa que seguramente pensarão, é que é justamente esse o fim que eles merecem!

— E o vulgo teria razão, Símias, de dizer isso, embora, é claro, não soubesse que estava a dizer uma verdade. Pois os que ignoram ele e os que lhe fazem coro é de que modo se estão preparando para morrer aqueles que verdadeiramente são filósofos, de que c
modo eles merecem a morte, e que espécie de morte merecem. Entre nós, com efeito, é que devemos tratar dessa questão, e, quanto ao vulgo e aos outros, não lhes demos atenção!

— Segundo nosso pensar, é a morte alguma cousa?

— Claro — replicou Símias.

— Nada mais do que a separação da alma e do corpo, não é? Estar morto consiste nisto: apartado da alma e separado dela, o corpo isolado em si mesmo; a alma, por sua vez, apartada do corpo e separada dele, isolada em si mesma. A morte é apenas isso? d

— Sim, consiste justamente nisso.

— Examina agora, meu caro, se te é possível compartilhar deste modo de ver, pois nisso reside, com efeito, uma condição do progresso de nossos conhecimentos sobre o presente objeto de estudo. Crês que seja próprio de um filósofo dedicar-se avidamente aos pretensos prazeres tais como o de comer e de beber?

— Tão pouco quanto possível, Sócrates! — respondeu Símias.

— E aos prazeres do amor?

— Também não!

— E quanto aos demais cuidados

[13] Alusão ao que diz Aristófanes nas *Nuvens*. Cf. 65 e 67 deste texto. (N. do T.)

do corpo, pensas que possam ter valor para tal homem? Julgas, por exemplo, que ele se interessará em possuir uma vestimenta ou uma sandália de boa qualidade, ou que não se importará e com essas coisas se a força maior duma necessidade não o obrigar a utilizá-las?

— Acho que não lhes dará importância, se verdadeiramente for filósofo.

— De forma que, na tua opinião — prosseguiu Sócrates —, as preocupações de tal homem não se dirigem, de um modo geral, para o que diz respeito 65 a ao corpo, mas, ao contrário, na medida em que lhe é possível, elas se afastam do corpo, e é para a alma que estão voltadas?

— Sim, sem dúvida.

— É, pois, para começarmos a nossa conversa, em circunstâncias desta espécie, que se revela o filósofo, quando, ao contrário de todos os outros homens, afasta tanto quanto pode a alma do contato com o corpo?

— Evidentemente.

— Sem dúvida, a opinião do vulgo, Símias, é que um homem, para o qual não existe nada de agradável nessa espécie de coisas e que com elas não se preocupa, não merece viver, mas, pelo contrário, está muito próximo da morte quem assim não faz nenhum caso dos prazeres de que o corpo é instrumento?

— É a própria verdade o que acabas de dizer.

— E agora, dize-me: quando se trata de adquirir verdadeiramente a sabedoria, é ou não o corpo um entrave se na investigação lhe pedimos auxílio? Quero dizer com isso, mais ou b menos, o seguinte: acaso alguma verdade é transmitida aos homens por intermédio da vista ou do ouvido, ou quem sabe se, pelo menos em relação a estas coisas não se passem como os poetas não se cansam de no-lo repetir incessantemente, e que não vemos nem ouvimos com clareza? E se dentre as sensações corporais estas não possuem exatidão e são incertas, segue-se que não podemos esperar coisa melhor das outras que, segundo penso, são inferiores àquelas. Não é também este o teu modo de ver?

— É exatamente esse.

— Quando é, pois, que a alma atinge a verdade? Temos dum lado que, quando ela deseja investigar com a ajuda do corpo qualquer questão que seja, o corpo, é claro, a engana radicalmente.

— Dizes uma verdade.

— Não é, por conseguinte, no ato c de raciocinar, e não de outro modo, que a alma apreende, em parte, a realidade de um ser?

— Sim.

— E, sem dúvida alguma, ela raciocina melhor precisamente quando nenhum empeço lhe advém de nenhuma parte, nem do ouvido, nem da vista, nem dum sofrimento, nem sobretudo dum prazer — mas sim quando se isola o mais que pode em si mesma, abandonando o corpo à sua sorte, quando, rompendo tanto quanto lhe é possível qualquer união, qualquer contato com ele, anseia pelo real?

— É bem isso!

— E não é, ademais, nessa ocasião que a alma do filósofo, alçando-se ao mais alto ponto, desdenha o corpo e d dele foge, enquanto por outro lado procura isolar-se em si mesma?

— Evidentemente!

— Mas que poderemos dizer, Sí-

mias, do seguinte: afirmaremos a existência do "justo em si mesmo", ou a negaremos?

— Certamente que a afirmaremos, por Zeus!

— E também a do "belo em si" e a do "bom em si", não é verdade?

— Como não?

— Ora, é certo que jamais viste qualquer ser desse gênero com teus olhos?

— Jamais.

— Mas então é porque os apreendeste por qualquer outro sentimento que não por aqueles de que o corpo é instrumento? Ora, o que eu disse há pouco é para todos os seres, tanto para a "grandeza", a "saúde", a "força", como para os demais — é, numa só palavra e sem exceção —, a sua realidade: aquilo, precisamente, que cada uma dessas coisas é. E será, então, por intermédio do corpo que o que nelas há de mais verdadeiro poderá ser observado? Ou quem sabe se, pelo contrário, aquele dentre nós que se tiver o mais cuidadosamente e no mais alto ponto preparado para pensar em si mesma cada uma dessas entidades, que considera e toma por objeto — quem sabe se não é esse quem mais deve aproximar-se do conhecimento de cada uma delas?

— Isso é absolutamente certo.

— E quem haveria de obter em sua maior pureza esse resultado, senão aquele que usasse no mais alto grau, para aproximar-se de cada um desses seres, unicamente o seu pensamento, sem recorrer no ato de pensar nem à vista, nem a um outro sentido, sem levar nenhum deles em companhia do raciocínio; quem, senão aquele que, utilizando-se do pensamento em si mesmo, por si mesmo e sem mistura, se lançasse à caça das realidades verdadeiras, também em si mesmas, por si mesmas e sem mistura? e isto só depois de se ter desembaraçado o mais possível de sua vista, de seu ouvido, e, numa palavra, de todo o seu corpo, já que é este quem agita a alma e a impede de adquirir a verdade e exercer o pensamento, todas as vezes que está em contato com ela? Não será este o homem, Símias, se a alguém é dado fazê-lo neste mundo, que atingirá o real verdadeiro?

— Impossível, Sócrates, falar com mais verdade!

— Assim, pois — prosseguiu Sócrates —, todas essas considerações fazem necessariamente nascer no espírito do autêntico filósofo uma crença capaz de inspirar-lhe em suas palestras uma linguagem semelhante a esta: "Sim, é possível que exista mesmo uma espécie de trilha que nos conduz de modo reto, quando o raciocínio nos acompanha na busca. E é este então o pensamento que nos guia: durante todo o tempo em que tivermos o corpo, e nossa alma estiver misturada com essa coisa má, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos! Ora, este objeto é, como dizíamos, a verdade. Não somente mil e uma confusões nos são efetivamente suscitadas pelo corpo quando clamam as necessidades da vida, mas ainda somos acometidos pelas doenças — e eis-nos às voltas com novos entraves em nossa caça ao verdadeiro real! O corpo de tal modo nos inunda de amores, paixões, temores, imaginações de toda sorte, enfim, uma infinidade de bagatelas, que por seu intermédio (sim, verdadeiramente é o que se diz) não recebe-

mos na verdade nenhum pensamento sensato; não, nem uma vez sequer! Vede, pelo contrário, o que ele nos dá: nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissenções, batalhas; com efeito, na posse de bens é que reside a origem de todas as guerras, e, se somos irresistivelmente impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo, de
d quem somos míseros escravos! Por culpa sua ainda, e por causa de tudo isso, temos preguiça de filosofar. Mas o cúmulo dos cúmulos está em que, quando conseguimos de seu lado obter alguma tranqüilidade, para voltar-nos então ao estudo de um objeto qualquer de reflexão, súbito nossos pensamentos são de novo agitados em todos os sentidos por esse intrujão que nos ensurdece, tonteia e desorganiza, ao ponto de tornar-nos incapazes de conhecer a verdade. Inversamente, obtivemos a prova de que, se alguma vez quisermos conhecer puramente os seres em si, ser-nos-á necessário separar-nos dele e encarar por intermédio da alma em si mesma os entes em si mesmos. Só
e então é que, segundo me parece, nos há de pertencer aquilo de que nos declaramos amantes: a sabedoria. Sim, quando estivermos mortos, tal como o indica o argumento, e não durante nossa vida! Se, com efeito, é impossível, enquanto perdura a união com o corpo, obter qualquer conhecimento puro, então de duas uma: ou jamais nos será possível conseguir de nenhum modo a sabedoria, ou a conseguiremos apenas quando estivermos mortos, porque nesse momento a alma, separada do corpo, existirá em si mesma e 67 a
por si mesma — mas nunca antes. Além disso, por todo o tempo que durar nossa vida, estaremos mais próximos do saber, parece-me, quando nos afastarmos o mais possível da sociedade e união com o corpo, salvo em situações de necessidade premente, quando, sobretudo, não estivermos mais contaminados por sua natureza, mas, pelo contrário, nos acharmos puros de seu contato, e assim até o dia em que o próprio Deus houver desfeito esses laços. E quando dessa maneira atingirmos a pureza, pois que então teremos sido separados da demência do corpo, deveremos mui verossimilmente ficar unidos a seres parecidos conosco; e por nós mesmos conheceremos sem mistura alguma tudo o que é. E nisso, provavelmente, é que há de consistir a verdade. Com efeito, é lícito b
admitir que não seja permitido apossar-se do que é puro, quando não se é puro!" Tais devem ser necessariamente, segundo creio, meu caro Símias, as palavras e os juízos que proferirá todo aquele que, no correto sentido da palavra, for um amigo do saber. Não te parece a mesma cousa?

— Sim, Sócrates, nada mais provável.

A Purificação

— Assim pois, companheiro — continuou Sócrates —, se é verdade o
c que acabamos de dizer, que imensa esperança não existe para aquele que se encontra nesta altura de minha rota! Lá no além, se tal deve acontecer em algum lugar, ele irá possuir com abundância tudo aquilo que exigiu de nós a realização de um imenso esforço, em nossa vida passada. E assim esta viagem, esta viagem que ora me foi prescrita, é acompanhada de uma feliz esperança; e o mesmo acontece a quem quer que possa afirmar que seu pensamento está pronto e o possa dizer purificado.

— Absolutamente certo — disse Símias.

— Mas a purificação não é, de fato, justamente o que diz uma antiga tradição?[14] Não é apartar o mais possível a alma do corpo, habituá-la a evitá-lo, a concentrar-se sobre si mesma por um refluxo vindo de todos os pontos do corpo, a viver tanto quanto puder, seja nas circunstâncias atuais, seja nas que se lhes seguirão, isolada e
d por si mesma, inteiramente desligada do corpo e como se houvesse desatado os laços que a ele a prendiam?

— É exatamente isso.

— Ter uma alma desligada e posta à parte do corpo, não é esse o sentido exato da palavra "morte"?

— É exatamente esse o sentido.

— Sim. E os que mais desejam essa separação, os únicos que a desejam, não são por acaso aqueles que, no bom sentido do termo, se dedicam à filosofia? O exercício próprio dos filósofos não é precisamente libertar a alma e afastá-la do corpo?

— Evidentemente.

— Não seria, pois, como eu dizia ao começar esta nossa conversa, uma coisa ridícula por parte dum homem, que durante toda a vida se houvesse esforçado por se aproximar o mais possível do estado em que ficamos quando estamos mortos, irritar-se contra a morte quando esta se lhe apresen- e
tasse?

— Por certo que seria ridículo!

— Assim, pois, Símias, em verdade estão se exercitando para morrer todos aqueles que, no bom sentido da palavra, se dedicam à filosofia, e o próprio pensamento de estar morto é para eles, menos que para qualquer outra pessoa, um motivo de terrores! Eis como devemos julgá-los. Não seria o supra-sumo da contradição que eles, por uma parte sentindo-se de todos os modos misturados com o corpo, e por outra desejando que sua alma existisse em si mesma e por si mesma, se tomassem de pânico e de irritação quando sobreviesse a realização de seus desejos? Sim, não seria uma contradição se não se encaminhassem com alegria para o além onde, uma vez chegados, terão a esperança de encontrar aquilo por que 68 a
em toda a sua vida se mostraram apaixonados: a sabedoria, que era o seu amor; e também não seria contraditório deixarem de sentir alegria ante a esperança de serem libertados da com-

[14] Esta tradição é do Orfismo. Veja Chantepie de la Saussaye, *História das Religiões*, Cap. XII. Cf. também E. Rohde, *op. cit.*, assim como S. Reinach, *Orpheus;* Zielinski, *La Religion dans la Grèce Antique.* (N. do T.)

panhia daquilo que os molestava? Mas então! Os amantes, as mulheres, os filhos não foram capazes, quando mortos, de inspirar a muitos o desejo de ir voluntariamente para as regiões do Hades, na esperança de lá os encontrarem, de rever o objeto de seus amores e permanecer ao seu lado; ao passo que um homem que fosse apaixonado pela sabedoria, que tivesse ardorosamente abraçado a esperança de em nenhuma b parte senão no Hades encontrá-la sob uma forma digna de ser desejada, então esse homem haveria de irritar-se no momento de morrer, então esse homem não se rejubilaria de poder dirigir-se para aquelas regiões? Eis o que deve pensar, meus companheiros, um filósofo, se realmente é filósofo; pois nele há de existir a forte convicção de que em parte alguma, a não ser num outro mundo, poderá encontrar a pura sabedoria. Ora, se assim é, não será o cúmulo da extravagância, como disse há pouco, que exista o temor da morte no espírito de um tal homem?

— Seguramente que seria o cúmulo, por Zeus!

— Dize-me, pois — continuou Sócrates —, não tiveste oportunidade de observar várias vezes que quando alguém se irrita no momento de morrer, não é a sabedoria que alguém ama[15], mas sim o corpo? E que esse c alguém talvez ame ainda as riquezas, ou as honrarias, quer uma, quer outra dessas coisas, ou quem sabe senão as duas juntas?

— Realmente. É como dizes.

— Assim, Símias, o que chamamos coragem também convém ou não convém, no seu mais alto grau, àqueles em quem se encontram, pelo contrário, as disposições de que eu falava?

— Sem nenhuma dúvida!

— Não acontece a mesma cousa com a temperança, e até com a temperança no sentido comum da palavra? Porventura a ausência de veemência nos desejos e uma atitude desdenhosa e prudente não são próprias unicamente daqueles que, no mais alto grau, sen- d tem desprezo pelo corpo e vivem na filosofia?

— Necessariamente.

— Aliás, basta que tenhas a bondade de refletir um momento apenas sobre a coragem e a temperança do resto dos homens, para que percebas toda a sua estranheza.

— Que queres dizer, Sócrates?

— Não ignoras que a morte é considerada por todo o resto dos homens como pertencendo ao número dos grandes males.

— Ah! bem o sei.

— O temor de males maiores não leva, por acaso, os que dentre eles têm mais coragem a enfrentarem a morte, quando se apresenta a ocasião de enfrentá-la?

— Como não!

— Assim, pois, é por serem medrosos e por temerem que são corajosos todos os homens, com exceção dos filósofos. E, contudo, é absurdo pensar e que o temor e a covardia dêem coragem!

— Tens toda a razão!

— Vejamos agora os que dentre eles são considerados prudentes. Não é uma espécie de desregramento, o princípio de sua temperança? Podemos afirmar enfaticamente que é impossível

[15] Platão serve-se de um jogo de palavras: *philósophos* (o que ama a sabedoria), *philosômatos* (o que ama o corpo), *philokhrématos* (o que ama as riquezas) e *philótimos* (o que ama as honrarias). (N. do E.)

serem as cousas assim, mas é um fato, contudo, que eles se encontram em situação análoga, na sua ridícula temperança! Porque é pelo fato de temerem ser privados de outros prazeres que cobiçam que se abstêm em face de alguns — porque, afinal, há muitos outros que os dominam. Parece errôneo
69 a chamar de desregramento a uma certa continência em face dos prazeres, e todavia é certo que, se esses homens suportam o jugo de certos prazeres, é porque dessa forma conseguem dominar alguns outros. Ora, isto concorda com o que acabamos de dizer há pouco. De qualquer modo, é num desregramento que está o princípio de sua temperança!

— Verossimilmente, com efeito.

— Na verdade, excelente Símias, talvez não seja em face da virtude um procedimento correto trocar assim prazeres por prazeres, sofrimentos por sofrimentos, um receio por um receio, o maior pelo menor, tal como se se tratasse duma simples troca de moedas. Talvez, ao contrário, exista aqui apenas uma moeda de real valor e em troca da qual tudo o mais deva ser oferecido: a sabedoria! Sim, talvez seja
b esse o preço que valem e com que se compram e se vendem legitimamente todas essas coisas — coragem, temperança, justiça — a verdadeira virtude, em suma, acompanhada de sabedoria. É indiferente que a elas se acrescentem ou se tirem prazeres, temores e tudo o mais que há de semelhante! Que tudo isso seja, doutra parte, isolado da sabedoria e convertido em objeto de trocas recíprocas, talvez não passe de alucinação uma tal virtude: virtude realmente servil, onde não há nada de são nem de verdadeiro! Talvez, muito ao contrário, a verdade nada mais seja do que uma certa purificação de todas essas paixões e seja a temperança, a justiça, a coragem; e o próprio pensa- c
mento outra coisa não seja do que um meio de purificação. É possível que aqueles mesmos a quem devemos a instituição das iniciações não deixem de ter o seu mérito, e que a verdade já de há muito tempo se encontre oculta sob aquela linguagem misteriosa. Todo aquele que atinja o Hades como profano e sem ter sido iniciado terá como lugar de destinação o Lodaçal, enquanto aquele que houver sido purificado e iniciado morará, uma vez lá chegado, com os Deuses. É que, como vês, segundo a expressão dos iniciados nos mistérios: "numerosos são os portadores de tirso, mas poucos os Bacantes[16]". Ora, a meu ver, estes últimos não são outros senão os de quem a filosofia, no sentido correto do termo, constitui a ocupação. E quanto a mim, durante toda a vida e pelo menos na d
medida do possível, nada deixei de fazer para pertencer ao número deles; nisso, pelo contrário, pus sem reservas todos os meus esforços. Entretanto, se tudo o que fiz estava certo, se meus esforços obtiveram algum êxito, é coisa que espero saber com certeza dentro em pouco, no além, se Deus quiser: tal é, pelo menos, minha opinião.

"Aqui está, Símias e Cebes, minha defesa; são estas as razões pelas quais vos deixo, tanto a vós como a meus donos daqui, sem sentir dor nem cólera, pois que — disso estou convencido e

16 Alusão aos mistérios em que havia cerimônias de purificação e graus de consagração: o grau de Bacante é o superior, enquanto que os portadores de tirso constituem o grau inferior. (N. do T.)

— no outro mundo irei encontrar, não menos do que aqui, outros bons donos como outros bons companheiros. O vulgo, na verdade, é incrédulo a respeito dessas coisas. Se, pois, diante de vós fui em minha defesa mais persuasivo do que diante dos juízes de Atenas, bem haja!" b

A Sobrevivência da Alma

70 a

As palavras de Sócrates suscitaram esta réplica de Cebes: "Tudo isso é, na minha opinião pessoal, muito bem dito, ó Sócrates; mas de tudo isso excetuo todas aquelas coisas que dizem respeito à alma e que são, para os homens, uma fonte abundante de incredulidade. Talvez, dizem eles, uma vez separada do corpo, a alma não exista mais em nenhuma parte e talvez, com maior razão, seja destruída e pereça no mesmo dia em que o homem morre. Talvez desde o momento dessa separação, se evole do corpo para dissipar-se tal como um sopro ou uma fumaça[17], e que assim separada e dispersa nada mais seja em parte alguma. E em conseqüência, se fosse verdade que em qualquer parte ela se houvesse concentrado em si mesma e sobre si mesma, depois de se ter desembaraçado daqueles males que há pouco passaste em revista, que grande e bela esperança, Sócrates, nasceria da verdade de teu discurso! Isso, todavia, requer sem dúvida uma justificação, a qual provavelmente não há de ser coisa fácil, para fazer crer que depois da morte do homem a alma subsiste com uma atividade real e com capacidade de pensar.

— É verdade, Cebes — disse Sócrates. — E então? Que nos resta fazer? Não desejas que a respeito deste mesmo assunto examinemos se de fato é verossímil ou não que as coisas se passem dessa forma? c

— Naturalmente que sim! — respondeu Cebes. — Eu teria até muito prazer em ficar sabendo que idéias tens a esse respeito.

— Pelo menos, se assim fizer — observou Sócrates —, talvez não haja ninguém, ao ouvir-me falar neste momento — ninguém, mesmo que seja um poeta cômico[18], — para pretender que sou tagarela e que falo de coisas que não me dizem respeito! Se, pois, tal é o teu desejo, eis uma coisa que deve ser examinada a fundo.

[17] Alusão às doutrinas dos primeiros filósofos gregos que, ainda como os primitivos, consideram a alma como um sopro (*pneuma*). Foi, aliás, por essa razão que ao conjunto dos fenômenos que mais tarde seriam estudados se deu, até à Idade Média, o nome pneumatologia. (N. do T.)

[18] Alusão a Aristófanes que, nas *Nuvens*, apresenta Sócrates como mero conversador ridículo. (N. do T.)

Os contrários

"Ora, examinemos a questão por este lado: é, em suma, no Hades que estão as almas dos defuntos, ou não? Pois, conforme diz uma antiga tradição nossa conhecida, lá se encontram as almas dos que se foram daqui, e elas novamente, insisto, para cá voltam e renascem dos mortos. E se assim é, se dos mortos nascem os vivos, que podemos admitir senão que nossas almas
d devem mesmo estar lá? Sem dúvida, não poderia haver novo nascimento para almas que já não tivessem existência, e para provar esta existência bastaria tornar manifesto que os vivos não nascem senão dos mortos. Mas se as coisas não se passarem assim, então algum outro argumento será necessário.

— Isso é absolutamente certo — disse Cebes.

— Toma cuidado, pois — continuou Sócrates —, não caias no erro de encarar essa questão unicamente em relação ao homem, mas, se desejas que ela se torne mais fácil, considera-a também em relação a tudo que é animal ou planta. Quero dizer, numa palavra, que, levando em conta todas as coisas que nascem, devemos verificar se em cada caso é bem assim que
e nasce cada um dos seres, isto é, se os contrários não nascem senão dos seus próprios contrários, em toda parte onde existe tal relação: entre o belo, por exemplo, e o feio, que é, penso, o seu contrário; entre o justo e o injusto; e assim em milhares de outros casos. Eis, pois, o que devemos examinar: será que necessariamente, em todos os casos em que existe um contrário, este não nasce de outra coisa que não seja o seu próprio contrário? Exemplo: quando uma coisa se torna *maior*, não é necessário que anteriormente ela tenha sido *menor*, para em seguida se 71 a
tornar *maior?*

— É.

— Não é verdade que, quando ela se torna *menor*, um estado anterior, em que era *maior*, deve dar origem posteriormente a um estado em que será *menor?*

— Assim é.

— E, por certo, é dum *mais forte* que nasce o *mais fraco*, e dum *mais lento* o que é *mais rápido?*

— Evidentemente.

— E que mais? Se uma coisa se torna *pior*, não é porque antes era *melhor*, ou *mais justa* porque antes era *mais injusta?*

— Com efeito, como não haveria de ser assim?

— Isto nos basta. Assim obtemos este princípio geral de toda geração, segundo o qual é das coisas contrárias que nascem as coisas que lhes são contrárias.

— Efetivamente.

— E agora dize-me além disso, não ocorre com essas coisas mais ou menos o seguinte: entre um e outro contrário não há, em todos os casos, uma vez que são dois, uma dupla geração; uma que vai de um desses contrários ao seu oposto, enquanto outra, b

inversamente, vai do segundo para o primeiro? Observemos, com efeito, uma coisa *maior* e uma coisa *menor:* não há entre as duas crescimento e decrescimento, o que permite afirmar, de uma, que ela cresce, e, da outra, que descresce?

— Há.

— E a decomposição e a composição, o resfriamento e o aquecimento, e todas as oposições semelhantes, ainda que às vezes não possuam nomes apropriados em nossa língua, não haveriam de comportar em todos os casos essa mesma necessidade, tanto de engendrar-se mutuamente como de admitir em cada termo uma geração dirigida para o outro?

— Sim, perfeitamente.

— Por conseguinte, que deveremos dizer? — continuou Sócrates. — c Acaso "viver" não possui um contrário, assim como "estar acordado" tem por contrário "estar dormindo"?

— É absolutamente necessário que tenha.

— Qual é?

— "Estar morto".

— Não é verdade que esses estados se engendram um ao outro, já que são contrários, e também que a geração entre um e outro é dupla, já que são dois?

— Assim é!

— Ora pois — continuou Sócrates — vou mencionar-te um dos dois pares de contrários, de que há pouco falei, e sua dupla geração; e tu depois me indicarás o outro par. Primeiro falo eu: dum lado, direi "estar dormindo", do outro, "estar acordado"; em seguida, é de "estar dormindo" que provém d "estar acordado", e de "estar acordado" que provém "estar dormindo"; enfim, para estes dois termos, as gerações são, uma, "adormecer", outra, "acordar". Achas que isto basta, ou não?

— Certo que basta!

— Cabe-te agora a vez de dizer outro tanto a respeito da vida e da morte. Não dirás, de início, que "viver" tem por contrário "estar morto"?

— É o que eu diria.

— E, em seguida, que esses estados se engendram mutuamente?

— Diria.

— Que é, por conseguinte, o que provém do que está vivo?

— O que está morto.

— E do que está morto, que é que provém?

— Impossível — disse Cebes — não admitir que é o que está vivo.

— É, pois, de coisas mortas que e provêm, Cebes, as que têm vida, e, com elas, os seres vivos?

— É claro.

— Quer dizer, então, que nossas almas existem no Hades[19].

— Parece mui verossímil.

— Das duas gerações, enfim, que aqui temos, não há pelo menos uma que não nos deixe dúvida sobre sua realidade? Por que o termo "morrer", penso, está fora de dúvida! Não está?

— Sim, é absolutamente certo.

— Que faremos, então? Não o compensaremos pela geração contrária? Porque, se não fosse assim, a Natureza seria coxa! Ou, pelo contrário, será preciso supor uma geração contrária ao "morrer"?

— Isso é, segundo penso, absolutamente necessário.

[19] Hades. Para Platão este nome tem aqui a significação de Invisível, o país do Invisível, o reino das sombras. (N. do T.)

— E qual é essa geração?

— É "reviver".

— Por conseguinte — continuou Sócrates — uma vez que "reviver" existe, não se poderá dizer que o que
72 a constitui a geração dos mortos para os vivos é precisamente "reviver"?

— Evidentemente.

— Há, pois, acordo entre nós ainda neste ponto: os vivos não provêm menos dos mortos que os mortos dos vivos. Ora, assim sendo, haveria aí, parece, uma prova suficiente de que as almas dos mortos estão necessariamente em alguma parte, e que é de lá que voltam para a vida.

— É também o que penso, Sócrates; segundo os princípios em que conviemos, as coisas necessariamente devem ser assim.

— Vê agora, Cebes, por que motivo não cometemos erro, segundo me parece, ao ficarmos de acordo a respeito dessas coisas. Suponhamos, com efeito, que não haja uma eterna compensa-
b ção recíproca das gerações, alguma coisa assim como um círculo em que giram esses contrários, mas que a geração vá em linha reta somente de um dos contrários para o outro que lhe está em frente, sem voltar em sentido inverso para o outro contrário e sem fazer a volta; então, bem o percebes, todas as coisas se imobilizariam na mesma figura, o mesmo estado se estabeleceria em todas elas, e cessaria a geração.

— Como assim?

— Nenhuma dificuldade há — disse Sócrates — em compreender o que acabei de dizer. Em vez disso, suponhamos, por exemplo, que existe o "adormecer", mas que não existe o "acordar" para fazer-lhe equilíbrio; nesse caso, hás de percebê-lo, a situação resultante tornaria uma infantilidade a aventura de Endimião[20], que já c
não teria sentido algum, uma vez que tudo mais se encontraria no mesmo estado, e como ele dormiria! Suponhamos, agora, que todas as coisas se unam e que não mais se separem; em pouco teriam realizado as palavras de Anaxágoras: "Todas as coisas estavam juntas!"[21] Suponhamos, da mesma forma, meu caro Cebes, que venha a morrer tudo o que participa da vida, e que, uma vez mortos, os seres permaneçam nesse estado, sem reviver. Nesse caso, não será forçoso que tudo no fim esteja morto, e que nada mais viva? Admitamos, com efeito, que o d
que vive provém de outra coisa que não a morte, e que o que vive, morre; haverá algum modo de evitar que tudo se venha a perder na morte?

— Absolutamente nenhum, pelo que penso — disse Cebes. — Segundo me parece, o que dizes é a pura verdade.

— Nada há, com efeito, Cebes, que conforme meu próprio modo de pensar seja mais verdadeiro do que isso; e não erramos, creio, ao ficar de acordo a esse respeito. Não, aí estão coisas bem

[20] Endimião: figura da lenda grega. Era um belo adolescente, a quem Zeus deu um sono e uma mocidade eternos. A deusa da Lua se apaixonou pelo belo rapaz, raptou-o e o depositou no monte Latmos, onde ficava a dormir, e onde a deusa o visitava e acariciava à vontade. (N. do T.)

[21] Palavras tiradas ao princípio do livro de Anaxágoras, filósofo naturalista. Segundo ele, a matéria é composta de pequenas partículas denominadas homeomerias. No princípio do mundo, todas as moléculas formavam uma mistura desordenada, um caos no qual o Espírito (*nous*) introduziu ordem, determinando que cada molécula procurasse suas companheiras. Platão menciona ainda uma vez Anaxágoras em nosso diálogo, e o critica. (N. do T.)

reais: o reviver, o fato de que os vivos provêm dos mortos, de que as almas dos mortos têm existência, e — insisto e neste ponto — de que a sorte das almas boas é melhor, e pior a das almas ruins!

— Em verdade, Sócrates — tornou então Cebes — é precisamente esse também o sentido daquele famoso argumento que (suposto seja verdadeiro) tens o hábito de citar amiúde. Aprender, diz ele, não é outra coisa senão recordar[22]. Se esse argumento é de fato verdadeiro, não há dúvida que, numa época anterior, tenhamos aprendido aquilo de que no presente nos 73 a recordamos. Ora, tal não poderia acontecer se nossa alma não existisse em algum lugar antes de assumir, pela geração, a forma humana. Por conseguinte, ainda por esta razão é verossímil que a alma seja imortal.

— Mas, Cebes — atalhou por sua vez Símias — de que modo se poderá provar isso? Faze com que me lembre, pois, de momento, não consigo recordar-me muito bem desse argumento.

— Temos disso — volveu Cebes — uma prova magnífica: interroga-se um homem. Se as perguntas são bem conduzidas, por si mesmo ele dirá, de modo exato, como as coisas realmente são. No entanto, esse homem seria incapaz de assim fazer se sobre essas coisas não possuísse um conhecimento e um reto juízo! Passa-se depois às figuras geométricas e a outros meios b do mesmo gênero, e assim se obtém, com toda a certeza possível, que as coisas de fato assim se passam.

— Entretanto — disse Sócrates — é muito provável, Símias, que, pelo menos dessa maneira, não se consiga convencer-te! Vê se, encarando a questão de outra forma, poderás compartilhar de minha opinião. Porque, o que parece difícil de ser compreendido é precisamente de que maneira o que chamamos aprender seja apenas recordar.

— Incredulidade a respeito disso? — volveu Símias; — não, não a tenho! Sinto apenas necessidade de ser posto nesse estado de que fala o argumento, e de que me façam recordar. Na verdade, Cebes contribuiu um pouco, com a exposição que fez, para despertar minhas lembranças e convencer-me. Mas nem por isso, Sócrates, deixarei de ouvir, com prazer, a tua explicação.

— Aqui a tens: estamos sem dúvi- c da de acordo em que para haver recordação de alguma coisa num momento qualquer é preciso ter sabido antes essa coisa?

— Sim.

— E, por conseguinte, sobre o ponto que segue estamos também de acordo: que o saber, se se vem a produzir em certas circunstâncias, é uma rememoração? Que circunstâncias sejam essas, vou dizer-te: se vemos ou ouvimos alguma coisa, ou se experimentamos não importa que outra espécie de sensação, não é somente a coisa em questão que conhecemos, mas temos também a imagem de uma outra coisa, que não é objeto do mesmo saber, mas de um outro. Então, dize-me, não temos razão em pretender que aí houve uma recordação, e uma recordação daquilo mesmo de que tivemos a imagem?

— Como assim? d

— Tomemos alguns exemplos. São

22 Cf. *Menão*, 80 (N. do T.)

coisas muito diferentes, penso, conhecer um homem e conhecer uma lira?

— Efetivamente.

— Ignoras tu que os amantes, à vista duma lira, duma vestimenta ou de qualquer outro objeto de que seus amados habitualmente se servem, rememoram a própria imagem do amado a quem esse objeto pertenceu? Ora, aqui temos o que vem a ser uma recordação. Da mesma forma, também acontece que, se alguém vê Símias, muitas vezes isso lhe faz recordar Cebes. E poder-se-iam encontrar milhares de exemplos análogos.

— Milhares, seguramente, por Zeus! — assentiu Símias.

— Assim, pois, um caso desse gênero constitui uma recordação, principalmente quando se trata de coisas que o tempo ou a distração já nos tinham feito esquecer, não é verdade?

— Absolutamente certo.

— Mas responde-me — continuou Sócrates: — ao ver o desenho dum cavalo, o desenho de uma lira, pode-se recordar um homem? Ao ver um retrato de Símias, recordar-se de Cebes?

— Certo que pode.

—Ao ver um retrato de Símias, não é fácil recordar-se do próprio Símias?

74 a — Seguramente que sim!

— Assim — não é verdade? — o ponto de partida da recordação em todos esses casos é, algumas vezes, um semelhante, outras vezes também um dessemelhante?

— É verdade.

— Mas, considerando o caso em que o semelhante nos sirva de ponto de partida para uma recordação qualquer, não somos forçosamente levados a reflexões como esta: falta ou não alguma coisa ao objeto considerado, em sua semelhança com aquilo de que nos recordamos?

— Sim, isso é necessário.

— Examine agora — tornou Sócrates — se não é deste modo que isso se passa: afirmamos sem dúvida que há um igual em si; não me refiro à igualdade entre um pedaço de pau e outro pedaço de pau, entre uma pedra e outra pedra, nem a nada, enfim, do mesmo gênero; mas a alguma coisa que, comparada a tudo isso, disso, porém se distingue: — o Igual em si mesmo. Deveremos afirmar que ele b existe, ou negar?

— Seguramente que devemos afirmá-lo, por Zeus! — disse Cebes. — Muito bem!

— E sabemos também o que ele é em si mesmo?

— Também.

— E onde obtemos o conhecimento que dele temos? Acaso não foi dessas coisas de que falamos há pouco? Acaso não foram esses pedaços de pau, essas pedras, ou outras coisas semelhantes, cuja igualdade, percebida por nós, nos fez pensar nesse igual que entretanto é distinto delas? Ou dirás que ao teu parecer ele não se distingue delas? Pois bem; examina outra vez a questão, mas sob este outro aspecto: não acontece que pedaços de pau ou pedras, sem se modificarem, se apresentem a nós ora como iguais, ora como desiguais?

— Acontece, realmente.

— Mas então? O Igual em si acaso te pareceu em alguma ocasião desigual, isto é, a igualdade uma desigualdade?

— Jamais, Sócrates!

— Logo, a igualdade dessas coisas não é o mesmo que o Igual em si.

c — De nenhum modo, Sócrates. Isso para mim é evidente.

— E, entretanto, não é certo que foram essas mesmas igualdades que, embora sendo distintas do Igual em si, te levaram a conceber e adquirir o conhecimento do Igual em si?

— Nada mais certo!

— E, isso, quer ele se lhes assemelhe, quer seja dessemelhante delas, não é?

— Realmente.

— Sim, por certo; isso é indiferente. Desde que, vendo uma coisa, a visão desta faz com que penses numa outra, desde então, quer haja semed lhança ou dessemelhança, necessariamente o que se produz é uma recordação?[23]

— Necessariamente.

— Mas dize-me — continuou Sócrates: — passam-se as coisas para nós da mesma forma como as igualdades dos pedaços de pau e como as de que falávamos há pouco? Essas coisas nos parecem iguais assim como o que é Igual em si? Falta-lhes ou não lhes falta algo para poderem convir ao Igual?

— Oh, falta-lhes muito!

— Estamos, pois, de acordo quando, ao ver algum objeto, dizemos: "Este objeto que estou vendo agora tem tendência para assemelhar-se a um outro ser, mas, por ter defeitos, não consegue ser tal como o ser em questão, e lhe é, pelo contrário, inferior".
e Assim, para podermos fazer estas reflexões, é necessário que antes tenhamos tido ocasião de conhecer esse ser de que se aproxima o dito objeto, ainda que imperfeitamente.

— Sim, é necessário.

— Que poderemos concluir? Encontramo-nos, sim ou não, no mesmo caso a propósito das coisas iguais e do Igual em si?

— Sim, seguramente.

— Portanto, é necessário que tenhamos anteriormente conhecido o Igual, mesmo antes do tempo em que pela primeira vez a visão de coisas iguais nos deu o pensamento de que 75 a
elas aspiram a ser tal qual o Igual em si, embora lhe sejam inferiores?

— É isso mesmo.

— Mas também estamos de acordo sobre o seguinte: uma tal reflexão e a possibilidade mesma de fazê-la provêm unicamente do ato de ver, de tocar, ou de qualquer outra sensação; pois o mesmo podemos dizer a respeito de todas.

— De fato, é o mesmo, Sócrates, pelo menos em relação ao fim visado pelo argumento.

— Como quer que seja, seguramente são as nossas sensações que devem dar-nos tanto o pensamento de que todas as coisas iguais aspiram à realidade própria do Igual, como o de que elas são deficientes relativamente a
este. Quer dizer, senão isto? b

— Isso mesmo!

— Assim, pois, antes de começar a ver, a ouvir, a sentir de qualquer modo que seja, é preciso que tenhamos adquirido o conhecimento do Igual em si, para que nos seja possível comparar com essa realidade as coisas iguais que as sensações nos mostram, percebendo que há em todas elas o desejo de serem tal qual é essa realidade, e que no entanto lhe são inferiores!

[23] Alusão ao *Fedro:* as idéias eternas são o ser verdadeiro; os objetos materiais não passam de imitações insuficientes daquelas. As almas, antes de entrar nos corpos, contemplaram as idéias eternas, e a percepção sensível dos objetos materiais lhes desperta uma recordação dessas idéias (teoria da reminiscência). (N. do T.)

— Necessária conseqüência, Sócrates, do que já dissemos.

— Logo que nascemos começamos a ver, a ouvir, a fazer uso de todos os nossos sentidos, não é verdade?

— Efetivamente.

c — Sim, mas era preciso antes, como já dissemos, ter adquirido o conhecimento do Igual?

— Sim.

— Foi, portanto, segundo parece, antes de nascer que necessariamente o adquirimos?

— É o que parece.

— Assim, pois, que o adquirimos antes do nascimento, uma vez que ao nascer já dele dispúnhamos, podemos dizer, em conseqüência, que conhecíamos tanto antes como logo depois de nascer, não apenas o Igual, como o Maior e o Menor, e também tudo o que é da mesma espécie? Pois o que, de fato, interessa agora à nossa deliberação não é apenas o Igual, mas também o Belo em si mesmo, o Bom em si, o d Justo, o Piedoso, e de modo geral, digamos assim, tudo o mais que é a Realidade em si, tanto nas questões que se apresentam a este propósito, como nas respostas que lhes são dadas. De modo que é uma necessidade adquirir o conhecimento de todas essas coisas antes do nascimento. . .

— É bem isso.

— E também, supondo pelo menos que depois de tê-lo adquirido não o esqueçamos constantemente, é uma necessidade lógica que tenhamos nascido com esse saber eterno, conservando-o sempre no curso de nossa vida. Saber, com efeito, consiste nisto: depois de haver adquirido o conhecimento de alguma coisa, dispor dele e não mais perdê-lo. Aliás, o que denominamos "esquecimento" não é, por acaso, o abandono de um conhecimento?

— Sem dúvida, Sócrates. e

— E em troca, penso, poder-se-ia supor que perdemos, ao nascer, essa aquisição anterior ao nosso nascimento, mas que mais tarde, fazendo uso dos sentidos a propósito das coisas em questão, reaveríamos o conhecimento que num tempo passado tínhamos adquirido sobre elas. Logo, o que chamamos de "instruir-se" não consistiria em reaver um conhecimento que nos pertencia? E não teríamos razão de dar a isso o nome de "recordar-se"?

— Toda a razão.

— É possível, com efeito — e assim pelo menos nos pareceu — que ao percebermos uma coisa pela vista, 76 a pelo ouvido ou por qualquer outro sentido, essa coisa nos permita pensarmos num outro ser que tínhamos esquecido, e do qual se aproximava a primeira, quer ela lhe seja semelhante ou não. Por conseguinte, torno a repetir, de duas uma: ou nascemos com o conhecimento das idéias e este é um conhecimento que para todos nós dura a vida inteira — ou então, depois do nascimento, aqueles de quem dizemos que se instruem nada mais fazem do que *recordar-se;* e neste caso a instrução seria uma reminiscência.

— É exatamente assim, Sócrates!

— Qual é, por conseguinte, dessas alternativas a que escolhes, Símias? O saber inteiro e perfeito para nós ao nascermos, ou talvez uma recordação ulterior de tudo aquilo de que anteriormente havíamos adquirido o conhecimento? b

— De momento, Sócrates, estou incapacitado de fazer uma escolha.

— Mas responde, eis aqui uma escolha que estás em condições de fazer, dizendo-me a seu respeito qual é a tua opinião: um homem que sabe é capaz, ou não, de dar razões daquilo que sabe?

— Necessariamente, Sócrates!

— Crês, além disso, que toda a gente seja capaz de explicar o que são os seres de que há pouco nos ocupávamos?

— Ah! Bem o desejaria eu — respondeu Símias. — Mas receio, pelo contrário, que amanhã não haja mais um só homem no mundo que esteja em condições de sair-se dignamente dessa tarefa.[24]

c — Daí resulta pelo menos, Símias, que, no teu entender, o conhecimento das idéias não pertence a todo o mundo?

— Absolutamente não!

— Vale então dizer que os homens se recordam daquilo que aprenderam num tempo passado?

— Necessariamente.

— E que tempo foi esse em que nossas almas adquiriram saber acerca desses seres? Seguramente, não havia de ser a datar de nosso nascimento humano?

— Seguramente que não!

— Seria pois, anteriormente?

— Sim.

— As almas, Símias, existiam, por conseguinte, antes de sua existência numa forma humana, separadas dos corpos e dotadas de pensamento?

— A menos, Sócrates, que o instante de nosso nascimento seja aquele mesmo em que adquirimos tais conhecimentos; pois essa é a ocasião que nos resta.

— É verdade, meu amigo; mas d então, em que outra ocasião nós os perdemos? É certo que não dispúnhamos deles quando nascemos, e a este respeito estávamos de acordo faz pouco. Assim, ou nós os perdemos no momento mesmo em que os adquirimos; ou acaso podes alegar algum outro momento?

— Impossível, Sócrates! A verdade é que, sem o perceber, falei levianamente.

— Em conseqüência, Símias, se existe, como incessantemente o temos repetido, um Belo, um Bom, e tudo o mais que tem a mesma espécie de realidade; se é a essa realidade que relacionamos tudo o que nos provém dos sentidos, porque descobrimos que ela já e existia, e que era nossa; se, enfim, à realidade em questão comparamos esses fenômenos — então, em virtude da mesma necessidade que fundamenta a existência de tudo isso, podemos concluir que nossa alma existia já antes do nascimento. Suponhamos, ao contrário, que tudo isso não exista. Não seria, então, pura perda o que estivemos a demonstrar? Não é desta forma que se apresenta a situação? Não há acaso uma igual necessidade de existência, tanto para esse mundo ideal, como também para nossas almas, mesmo antes de termos nascido, e a não-existência do primeiro termo não implica a não-existência do segundo?

— Não há quem sinta, Sócrates, mais do que eu — disse Símias — que a necessidade é idêntica em ambos os casos! Que bela base para uma prova,

[24] Glorificação um tanto exagerada de Sócrates: amanhã Sócrates estará morto, e após sua morte não se há de encontrar mais um bom filósofo. (N. do T.)

esta semelhança entre a existência da
77 a alma antes do nascimento com a realidade de que acabas de falar! Quanto a mim, parece-me que não há evidência que se emparelhe com esta: tudo o que é deste gênero possui o mais alto grau de existência, Belo, Bom, e tudo o mais de que falavas há um instante. Assim, pelo que me toca, estou satisfeito com tua demonstração.

— Mas quanto a Cebes? — tornou Sócrates — é preciso também convencer Cebes.

— Ele também há de estar satisfeito — respondeu Símias; — pelo menos assim creio, embora no mundo não haja em matéria de demonstrações, duvidador mais obstinado que
b ele! Entretanto julgo-o plenamente convencido de que a alma existe antes do nascimento. Mas será verdade que depois de nossa morte ela continua a existir? Aqui está, Sócrates, segundo me parece, uma coisa que ainda não foi demonstrada. Muito pelo contrário: em face de nós ainda permanece de pé a opinião vulgar há pouco lembrada por Cebes. É possível que, no momento da morte, a alma não se dissipe, e se esse não é, também, o seu fim? Com efeito, que há que impeça isso? A alma pode muito bem ter alguma outra origem, pode existir, enfim, antes de vir para um corpo humano, mas por outro lado, quando, depois de ter vindo, dele se separa, é possível que também ela encontre nesse instante o seu fim e a sua destruição.

c — Muito bem dito, Símias! — volveu Cebes. — Com efeito, é evidente que da demonstração decorre que a nossa alma existe antes do nascimento. Mas é imprescindível demonstrar ainda que nos achamos apenas na metade do que cumpre demonstrar. É preciso provar ainda que depois da morte ela existe como antes do nascimento. Só assim a demonstração atingirá plenamente o seu alvo.

— Essa demonstração já está feita, Símias e Cebes — tornou Sócrates; — tê-la-eis neste mesmo instante, uma vez que estejais dispostos a unir, em uma só, esta prova com aquela que a precedeu e a respeito da qual estávamos de acordo; a saber, que tudo o que vive nasce do que é morto. Não é verdade que admitimos há pouco a preexis-
d tência da alma, e, além disso, a impossibilidade de que seu advento à vida e que o seu nascimento tenham outra origem que não a morte? Logo, como é que sua existência, mesmo que se esteja morto, não há de ser necessária, uma vez que ela deve ter uma nova geração? De qualquer modo, já aí existe uma prova, uma demonstração. Contudo, parece-me que gostarias, Cebes, e tu também, Símias, de aprofundar esta prova, pois estais dominados pelo medo pueril de que um vento qualquer possa soprar sobre a alma no momento de sua saída do corpo para
e dispersá-la e dissipá-la, sobretudo quando, por pura coincidência, há uma brisa forte no instante de morrermos! [25]

Cebes riu:

— Não são uns poltrões, Sócrates? Talvez, mas procura reconfortá-los! Admitamos, porém, que não sejamos poltrões, mas que dentro de cada um de nós há não sei quê de infantil a que este gênero de coisas causa medo. Por isso, esforça-te para que essa criança, convencida por ti, não sinta diante da

[25] Ironia contra os naturalistas, que consideram a alma como sendo constituída pelo ar. (N. do T.)

morte o mesmo medo que lhe infundem as assombrações.

— Mas é preciso então — replicou Sócrates — que lhe façam exorcismos todos os dias, até que as encantações o tenham libertado disso uma vez por todas![26]

78 a — Mas, Sócrates, onde poderemos encontrar contra esse gênero de terrores um bom exorcista, uma vez que estás prestes a deixar-nos?

— A Grécia, Cebes, é bem grande — respondeu Sócrates — e nela não faltarão homens capazes! E, além dela, quantas nações bárbaras existem![27] Dirigi vossa busca por entre todos esses homens; e na procura de um tal exorcista não poupeis trabalhos nem bens, repetindo convosco, a cada momento, que nada há em que possais com mais proveito gastar a vossa fortuna! Mas, antes disso, é necessário que procureis entre vós mesmos, pois b talvez vos seja muito difícil encontrar uma pessoa que esteja em melhores condições do que vós para realizar essa tarefa![28]

— Pois bem, assim faremos! — disse Cebes. — Agora voltemos à investigação, no ponto em que a deixamos, a menos que isso te cause aborrecimento.

— Muito ao contrário, isso agrada-me muito! Por que havia de ser de outro modo?

— Ah, é bom ouvir isto! — disse Cebes.

— Não é uma questão, mais ou c menos como esta, a que temos de propor-nos: quais são as coisas que são suscetíveis de decomposição? A propósito de que espécie de coisas devemos temer esse estado, e para que espécie de seres isso não acontece? Depois disso, teremos ainda de examinar qual dos dois é o caso da alma, para finalmente, conforme o resultado que obtivermos, haurir daí confiança ou temor com respeito à nossa alma.

— É verdade.

— Não é, pois, às coisas compostas ou àquelas cuja natureza é composta, que cabe corresponder precisamente a composição? Mas, se acontece haver alguma coisa não-composta, não é só a ela que convém, mais do que a qualquer outra coisa, o escapar a esse estado de decomposição?[29]

— Sim — disse Cebes — é o que penso; assim deve ser.

— Dize-me então: os seres que sempre se conservam imutáveis e sempre se comportam do mesmo modo, não é altamente verossímil que sejam esses precisamente os seres que não se decompõem? Ao contrário, o que jamais é o mesmo, o que ora se comporta de um modo, ora de outro, é ou não é isso o que chamamos composto?

— Segundo penso, é.

— Passemos, agora, àquilo para onde nos havia encaminhado a argumentação precedente! Essa essência, d de cuja existência falamos em nossas interrogações e em nossas respostas,

[26] Alusão aos costumes populares, que acreditavam na possibilidade de expulsar fantasmas e assombrações mediante a recitação cantada de certas fórmulas mágicas. (N. do T.)

[27] Nações bárbaras quer dizer nações estrangeiras, e não nações incultas; Platão não ignorava que os egípcios possuíam doutrinas muito importantes acerca da ciência. (N. do T.)

[28] De fato foram os discípulos de Sócrates, que constituíram a mais rica sementeira de doutrinas e escolas da antiguidade. (N. do T.)

[29] Opinião dos filósofos Anaxágoras e Empédocles: o transformar-se resulta da composição de certas substâncias simples; o desaparecer nada mais é do que a decomposição ou desagregação destas substâncias anteriormente unidas num corpo composto. (N. do T.)

dize-me: comporta-se ela sempre do mesmo modo, mantém a sua identidade, ou ora se apresenta de um modo, ora doutro? Pode-se admitir que o Igual em si mesmo, o Belo em si mesmo, que cada realidade em si — o ser — seja suscetível de uma mudança qualquer? Ou acaso cada uma dessas realidades verdadeiras, cuja forma é uma em si e por si, não se comporta sempre do mesmo modo em sua imutabilidade, sem admitir jamais, em nenhuma parte e em coisa alguma, a menor alteração?

— É necessário — disse Cebes — que todas conservem do mesmo modo a sua identidade, Sócrates!

e — E, doutra parte, que dizer dos múltiplos objetos, como homens, cavalos, vestimentas, ou quaisquer outros do mesmo gênero, e que são ou iguais, ou belos — são sempre os mesmos ou apostos às essências pelo fato de nunca estarem no mesmo estado nem em relação a si nem em relação aos outros?

— E dessa maneira — atalhou Cebes — eles nunca se comportam da mesma forma.

79 a — Assim, pois, a uns podes tocar, ver ou perceber por intermédio dos sentidos; mas quanto aos outros, os seres que conservam sua identidade, não existe para ti nenhum outro meio de captá-los senão o pensamento refletido, pois que os seres desse gênero são invisíveis e subtraídos à visão?

— Nada mais certo!

— Admitamos, portanto, que há duas espécies de seres: uma visível, outra invisível.

— Admitamos.

— Admitamos, ainda, que os invisíveis conservam sempre sua identidade, enquanto que com os visíveis tal não se dá.

— Admitamos também isso.

— Bem, prossigamos — tornou Sócrates. — Não é verdade que nós somos constituídos de duas coisas, uma das quais é o corpo e a outra, a alma? b

— Nada mais verdadeiro!

— Com qual dessas duas espécies de seres podemos dizer, pois, que o corpo tem mais semelhança e parentesco?

— Eis uma coisa que é clara para toda a gente: com a espécie visível.

— Por outro lado, que é a alma? Coisa visível ou coisa invisível?

— Não é visível, pelo menos aos homens, Sócrates!

— Todavia, quando falamos do que é visível e do que não o é, fizemo-lo com relação à natureza humana? Ou talvez creias que foi a propósito de qualquer outra coisa?

— Foi a propósito da natureza humana.

— Portanto, que diremos da alma? Que ela é coisa visível, ou que não se vê?

— Que não se vê.

— Vale dizer, por conseguinte, que ela é uma coisa invisível?

— Sim.

— Logo, a alma tem com a espécie invisível mais semelhança do que o corpo, mas este tem, com a espécie visível, mais semelhança do que a alma?

— Necessariamente, Sócrates. c

— Não dizíamos, ainda há pouco, que a alma utiliza às vezes o corpo para observar alguma coisa por intermédio da vista, ou do ouvido, ou de outro sentido? Assim o corpo é um instrumento, quando é por intermédio de algum sentido que se faz o exame da

coisa. Então a alma, dizíamos, é arrastada pelo corpo na direção daquilo que jamais guarda a mesma forma; ela mesma se torna inconstante, agitada, e titubeia como se estivesse embriagada: isso, por estar em contato com coisas desse gênero.

— Realmente.

d — Mas quando, pelo contrário — nota bem! — ela examina as coisas por si mesma, quando se lança na direção do que é puro, do que sempre existe, do que nunca morre, do que se comporta sempre do mesmo modo — em virtude de seu parentesco com esses seres puros — é sempre junto deles que a alma vem ocupar o lugar a que lhe dá direito toda realização de sua existência em si mesma e por si mesma. Por isso, ela cessa de vaguear e, na vizinhança dos seres de que falamos, passa ela também a conservar sempre sua identidade e seu mesmo modo de ser: é que está em contato com coisas daquele gênero. Ora, este estado da alma, não é o que chamamos pensamento?

— Muito bem dito, Sócrates, e muito verdadeiro!

e — Portanto, ainda uma vez: com qual das duas espécies mencionadas, segundo te parece, diante de nossos argumentos passados e dos de agora, a alma tem mais semelhança e parentesco?

— Penso não haver ninguém, Sócrates, por mais dura que tenha a cabeça, que seja capaz de não concordar, seguindo este método, em que, em tudo e por tudo, a alma tem mais semelhança com o que se comporta sempre do mesmo modo, do que com as coisas que não o fazem.

— E o corpo, por seu lado?

— Com a outra espécie.

— Tomemos agora um outro ponto 80 a
de vista. Quando estão juntos a alma e o corpo, a este a natureza consigna servidão e obediência, e à primeira comando e senhorio. Sob este novo aspecto, qual dos dois, no teu modo de pensar, se assemelha ao que é divino, e qual o que se assemelha ao que é mortal? Ou acaso pensas que o que é divino existe, por sua natureza, para dirigir e comandar, e o que é mortal, ao contrário, para obedecer e para ser escravo?

— Penso como tu.

— Com qual dos dois, portanto, a alma se assemelha?

— Nada mais claro, Sócrates! A alma, com o divino; o corpo, com o mortal.

— Bem; examina agora, portanto, Cebes, se tudo o que foi dito nos conduz efetivamente às seguintes conclusões: a alma se assemelha ao que é b
divino, imortal, dotado da capacidade de pensar, ao que tem uma forma única, ao que é indissolúvel e possui sempre do mesmo modo identidade: o corpo, pelo contrário, equipara-se ao que é humano, mortal, multiforme, desprovido de inteligência, ao que está sujeito a decompor-se, ao que jamais permanece idêntico. Contra isto, meu caro Cebes, estaremos em condições de opor uma outra concepção, e provar que as coisas não se passam assim?

— Não, Sócrates.

— Que se segue daí? Uma vez que as coisas são assim, não é acaso uma pronta dissolução o que convém ao corpo, e à alma, ao contrário, uma absoluta indissolubilidade, ou pelo menos qualquer estado que disso se aproxime?

— E por que não, com efeito?

— Mas a esta altura podes fazer a seguinte reflexão: depois da morte do homem, o que nele há de visível, seu corpo, a parte que continua visível, ou, por outra, o que chamamos cadáver, a isto é que convém dissolver-se, desagregar-se, dissipar-se em fumo, e entretanto nada de tudo isso lhe acontece imediatamente. Bem ao contrário, ele resiste durante um tempo relativamente longo. Sobretudo para um corpo que, ao morrer, está cheio de vida e em todo o seu viço, tal duração é de fato muito grande. Ademais, é fato que, se for reduzido e embalsamado como as múmias do Egito, sua conservação será quase perfeita durante uma duração, por assim dizer, incalculável. Além disso há, mesmo num corpo em putrefação, certas partes, como os ossos, os tendões e outras do mesmo gênero, que são, pode-se dizer, imortais. Não é verdade?

— É.

— Mas então a alma, aquilo que é invisível e que se dirige para um outro lugar, um lugar que lhe é semelhante, lugar nobre, lugar puro, lugar invisível, o verdadeiro país de Hades, para chamá-lo por seu verdadeiro nome[30], perto do Deus bom e sábio, lá para onde minha alma deverá encaminhar-se dentro em breve, se Deus quiser; então há de ser essa alma, digo, cujos caracteres e constituição natural acabamos de ver, então há de ser ela que, tão depressa se separe do corpo, se dispersará e aniquilará, assim como pretende o comum dos homens? Não, muito ao contrário, meu caro Cebes, meu caro Símias; muito ao contrário, vede o que acontece.

[30] Alusão à filosofia contemporânea de Platão: os gregos derivavam a palavra ᾅδης (Hades) de α e ἰδεῖν encontraram nesta palavra a significação de invisível, explicando simplesmente que Hades, como rei dos mortos, mora com as almas destes debaixo da terra, e é por isso invisível aos homens e aos outros deuses. Mas Platão modifica a acepção: Hades é o "invisível verdadeiro", isto é, a substância invariável, eterna e imperceptível aos sentidos, mas captável pelo espírito, que depois da morte se aparta dos obstáculos da matéria (corpo) e vê diretamente o Hades, isto é, o ser eterno. (N. do T.)

O Destino das almas

"Suponhamos que seja pura a alma que se separa do corpo: deste ela nada leva consigo, pela simples razão que, longe de ter mantido com ele durante a vida um contato voluntário, ela conseguiu, evitando-o, concentrar-se em si mesma e sobre si mesma, e também pela razão de que foi para esse resultado que ela tendeu. O que equivale exatamente a dizer que ela se ocupa, no bom sentido, com a filosofia, e que, de fato, sem dificuldade se prepara para morrer. Poder-se-á dizer, pois, de uma tal conduta, que ela não é um exercício para a morte?"

— Sim, realmente é isso.

— Ora, se tal é o seu estado, é para o que se lhe assemelha que ela se dirige, para o que é invisível, para o que é divino, imortal e sábio; é para o lugar onde sua chegada importa para ela na posse da felicidade, onde divagação, irracionalidade, terrores, amores tirânicos e todos os outros males da condição humana cessam de lhe estar ligados, e onde, como se diz dos que receberam a iniciação, ela passa na companhia dos Deuses o resto do seu tempo! É deste modo, Cebes, que devemos falar, ou cumpre-nos procurar outro?

— Esse mesmo, por Zeus!

b — Segundo me parece, pode-se também supor o contrário: que esteja poluída, e não purificada, a alma que se separa do corpo; do corpo, cuja existência ela compartilhava; do corpo, que ela cuidava e amava, e que a trazia tão bem enfeitiçada por seus desejos e prazeres, que ela só considerava real o que é corpóreo, o que se pode tocar, ver, beber, comer e o que serve para o amor; ao passo que se habituou a odiar, a encarar com receio e a evitar tudo quanto aos nossos olhos é tenebroso e invisível, inteligível, pelo contrário, pela filosofia e só por ela apreendido! Se tal é o seu estado, crês c que essa alma possa, ao destacar-se do corpo, existir em si mesma, por si mesma e sem mistura?

— É totalmente impossível.

— Muito ao contrário, julgo eu, tu a crês mesclada de qualidades corpóreas que sua familiaridade com o corpo, de cuja existência partilhou, lhe tornou íntimas e naturais, pois que jamais cessou de viver em comunhão com ele e até mesmo procurou multiplicar as suas ocasiões de contato?

— Realmente.

— Sim, mas isso tem peso, meu caro; não o duvidemos: é denso, terroso, visível! E uma vez que é este o conteúdo de tal alma, por ele é que ela se torna pesada, atraída e arrastada para o lugar visível, devido ao medo que lhe inspira o que é invisível e o que chamamos de país do Hades; essa alma ronda os monumentos funerários e as d sepulturas, ao redor dos quais de fato foram vistos certos espectros sombrios de almas, imagens apropriadas das almas de que falamos. Elas, por terem sido libertadas, em estado de impureza e de participação com o visível, são assim também elas visíveis!

— Pelo menos é verossímil, Sócrates!

— Seguramente, Cebes! E o que certamente não o é, é pretender que essas almas sejam as almas dos bons. São as dos maus, que se vêem obrigadas a vaguear nesses lugares, que recebem assim o castigo de sua maneira de viver anterior, que foi má. E vagueiam desse modo até o momento em que e encontram o companheiro desejado, algo corporiforme, e tornam a entrar num corpo! Ora, aquilo a que elas assim novamente se juntam, deve ser, como é natural, possuidor dos mesmos atributos que as distinguiram no curso de sua vida.

— Quais são, Sócrates, esses atributos de que falas?

— Exemplo: em corpos de asno ou de animais semelhantes é que muito naturalmente irão entrar as almas daqueles para quem, a voracidade, a impudicícia, a bebedeira constituíram um hábito, as almas daqueles que jamais praticaram a sobriedade. Não pensas assim? 82 a

— Perfeitamente! É muito natural, com efeito.

— E para aqueles para os quais o mais alto prêmio era a injustiça, a tirania, a rapina, esses animarão corpos de lobos, falcões e milhafres. Ou acaso pode haver outra destinação para essas almas?

— Não. E bem é que assim seja — disse Cebes; — as almas desses homens tomarão essas formas.

— E é perfeitamente claro, para cada um dos outros casos, que o destino das almas corresponderá às semelhanças com o seu comportamento na vida?

— Bem claro; e como não haveria de ser assim?

— Os mais felizes — continuou Sócrates — serão aqueles cujas almas b hão de ter um destino e lugar mais agradáveis, serão aqueles que sempre exerceram essa virtude social e cívica que nós chamamos de temperança e de justiça e nas quais eles se formaram pela força do hábito e do exercício, sem o auxílio da filosofia e da reflexão?

— Mas em que sentido, dize-me, são esses os mais felizes?

— É que muito naturalmente sua migração se fará, de um modo adequado, para alguma espécie animal que tenha hábitos sociais e seja organizada de modo policiado, sem dúvida abelhas, vespas, ou formigas; ou ainda, se é que voltam realmente à forma humana, será para dar nascimento a pessoas honestas.

— Naturalmente.

— E quanto à espécie divina, absolutamente ninguém, se não filosofou, se daqui partiu sem estar totalmente purificado, ninguém tem o direito de atingi-la, a não ser unicamente aquele que é amigo do saber! c

A função da filosofia

"Pois bem, aí estão, Símias, meu amigo, e tu, Cebes, os motivos pelos quais os que, no exato sentido da palavra, se ocupam com a filosofia, permanecendo afastados de todos os desejos corporais sem exceção, mantendo uma atitude firme e não se entregando às suas solicitações. A perda de seu patrimônio, a pobreza não lhes infunde medo, como à multidão dos amigos das riquezas; e, da mesma forma, a existência sem honrarias e sem glória, que lhes confere o infortúnio, não é capaz de atemorizá-los, como faz aos que amam o poder e as honras. Por isso, eles permanecem afastados dessa espécie de desejos."

— Aliás, o contrário de tudo isso, Sócrates, é que lhes ficaria mal! — acrescenta Cebes.

— De fato, por Zeus! Eis aí por d que motivo se aparta de todas essas pessoas, Cebes, o homem que tem alguma preocupação com sua alma e

cuja vida não é gasta em mimar o corpo. Seu caminho não se confunde com o daqueles que não sabem para onde vão. Acreditando que não deve agir em sentido contrário à filosofia, nem ao que ela proporciona para libertar-nos e purificar-nos, esse homem volta-se para o lado dela e segue-a na rota que ela lhe aponta.

— De que modo, Sócrates?

— Vou dizer-te. É uma coisa bem conhecida dos amigos do saber, que sua alma, quando foi tomada sob os cuidados da filosofia, se encontrava completamente acorrentada a um corpo e como que colada a ele; que o corpo constituía para a alma uma espécie de prisão, através da qual ela devia forçosamente encarar as realidades, ao invés de fazê-lo por seus próprios meios e através de si mesma; que, enfim, ela estava submersa numa ignorância absoluta. E o que é maravilhoso nesta prisão, a filosofia bem o percebeu, é que ela é obra do desejo, e quem
83 a concorre para apertar ainda mais as suas cadeias é a própria pessoa! Assim, digo, o que os amigos do saber não ignoram é que, uma vez tomadas sob seus cuidados as almas cujas condições são estas, a filosofia entra com doçura a explicar-lhes as suas razões, a libertá-las, mostrando-lhes para isso de quantas ilusões está inçado o estudo que é feito por intermédio dos olhos, tanto como o que se faz pelo ouvido e pelos outros sentidos; persuadindo-as ainda a que se livrem deles, a que evitem deles servir-se, pelo menos quando não houver imperiosa necessidade; recomendo-lhes que se concentrem e se voltem para si, não confiando em nada mais do que em si mesmas, qualquer que seja o objeto de seu pensamento. Que não creiam enfim senao no próprio testemunho desde que tenham examinado bem o que cada coisa é na sua essência e que se persuadam de
b que as coisas que são examinadas por meio de um intermediário qualquer nada possuem de verdadeiro, e pertencem ao gênero do sensível e do visível enquanto que o que elas vêem pelos seus próprios meios é inteligível e, ao mesmo tempo, invisível!

"Contra essa libertação a alma do verdadeiro filósofo persuade-se de que não se deve opor, e por isso se afasta tanto quanto possível dos prazeres, assim como dos desejos, dos incômodos e dos terrores. Ela sabe com efeito que, quando sentimos com intensidade um prazer, um incômodo, um terror ou
c um desejo, por maior que seja o mal que possamos sofrer nesse momento, entre todos os que se podem imaginar — cair doente, por exemplo, ou arruinar-se por causa de suas paixões — ela sabe que não há nenhum desses males que não seja ultrapassado por aquele que é o mal supremo; é deste mal que sofremos, e não o notamos!"

— E que mal é esse, Sócrates?

— É que em toda alma humana, forçosamente, a intensidade do prazer ou do sofrimento, a propósito disto ou daquilo, se faz acompanhar da crença de que o objeto dessa emoção é tudo o que há de mais real e verdadeiro, embora tal não aconteça. Esse é o efeito de todas as coisas visíveis, não é?

— Efetivamente.

— E não é em tais afetos que no
d mais alto grau a alma fica sujeita às cadeias do corpo?

— De que modo, dize?

— Assim: todo prazer e todo sofrimento possuem uma espécie de cravo

com o qual pregam a alma ao corpo, fazendo, assim, com que ela se torne material e passe a julgar da verdade das coisas conforme as indicações do corpo. E pelo fato de se conformar a alma ao corpo em seus juízos e comprazer-se nos mesmos objetos, necessariamente deve produzir-se em ambos, segundo penso, uma conformidade de tendências assim como também uma conformidade de hábitos; e sua condição é tal que, em conseqüência, ela jamais atinge o Hades em estado de pureza, mas sempre contaminada pelo corpo de que sai; o resultado é que logo recai num outro corpo, onde de certa forma se planta e deita raízes. E por força disso fica desprovida de
e todo direito a participar da existência do que é divino e, portanto, puro e único em sua forma.

— Tuas palavras, Sócrates — disse Cebes — são a própria verdade!

— Aí estão, pois, Cebes, os motivos pelos quais aqueles que são, de fato, amigos do saber, são prudentes e corajosos, e não pelas razões que alega o vulgo. Ou talvez penses também como o vulgo?

— Não, seguramente que não!

84 a — Não, é verdade! Muito pelo contrário, eis como, sem dúvida, refletirá uma alma de filósofo: ela não irá pensar que, sendo o trabalho da filosofia libertá-la, o seu possa ser, enquanto a filosofia a liberta, o de se entregar voluntariamente às solicitações dos prazeres e dos sofrimentos, para tornar a colocar-se nas cadeias, nem o de realizar o labor sem fim duma Penélope que trabalhasse de maneira contrária àquela com que trabalhou aquela[31]. Não! ela acalma as paixões, liga-se aos passos do raciocínio e sempre está presente nele; toma o verdadeiro, o divino, o que escapa à opinião, por espetáculo e também por alimento, firmemente convencida de que assim deve viver enquanto durar sua vida, e b
que deverá, além disso, após o fim desta existência, ir-se para o que lhe é aparentado e semelhante, desembaraçando-se destarte da humana miséria! Tendo sido esse o seu alimento, não há recear que ela tenha medo; nem — porquanto foi precisamente nisso, Símias e Cebes, que ela se exercitou — que tema vir a decompor-se no momento em que se separar do corpo, ou ser dispersada ao sopro dos ventos, ou dissipar-se em fumo e, uma vez dissolvida, não ser mais nada em nenhuma parte!

Depois destas palavras de Sócrates, fez-se um silêncio que durou algum c
tempo. Sócrates, isso se notava ao olhá-lo, tinha o espírito completamente absorto na meditação do argumento que acabara de expor, e o mesmo acontecia com a maioria dos presentes. Quanto a Cebes e Símias, estavam conversando a meia voz. Vendo isso, Sócrates dirigiu-se aos dois: — Dizei-me se também não é vosso pensamento que falta alguma coisa ao que até agora dissemos? É bem certo que para trás ficou mais de um ponto suspeito, que daria margem a ataques contra nós se não fizéssemos uma suficiente revisão deles todos. Mas, se falais de outra coisa neste momento, então estou a interrogar-vos em vão! Se, pelo

31 Penélope: esposa de Ulisses, figura da *Odisséia*. Na ausência de seu marido, perseguida por muitos pretendentes que desejavam com ela casar, Penélope prometeu desposar um deles quando houvesse acabado de tecer um pano em que estava trabalhando. Mas desfazia durante a noite a parte que tecera de dia, de modo que jamais concluiu o trabalho, nem casou com nenhum pretendente. (N. do T.)

contrário, é isto mesmo o que vos
d embaraça, nada de hesitações! Falai, dizei o que vos parecer necessário e, por vossa vez, tomai-me por auxiliar, se acreditais que vos será mais fácil sair das dificuldades com o meu auxílio!

— Pois bem, Sócrates — respondeu Símias — vou dizer-te a verdade; já faz um bom tempo que, sentindo certa dificuldade a propósito do teu argumento, cada um de nós está procurando fazer com que o outro se decida e te interrogue; temos, com efeito, muito desejo de ouvir-te falar, mas receamos também causar-te incômodo e angústia, pois levamos em conta a situação penosa em que te encontras!

Ouvindo isso, Sócrates teve um leve sorriso: — Misericórdia, Símias! Como me seria difícil e incômodo con-
e vencer a outros homens de que não considero penosa a situação em que atualmente me encontro, uma vez que não consigo convencer disso nem a vós próprios, e que, além disso, tendes a desconfiança de que nesta ocasião eu esteja possuído de uma enorme tristeza, como nunca senti em minha vida passada! Isso, possivelmente, provém de me julgardes menos bem dotado do que os cisnes para a adivinhação. Realmente, quando eles sentem aproximar-se a hora da morte, o canto que
85 a antes cantavam se torna mais freqüente e mais belo do que nunca, pela alegria que sentem ao ver aproximar-se o momento em que irão para junto do Deus a que servem. Mas os homens, com o pavor que têm da morte, caluniam até os cisnes: estes estão, dizem, a lamentar a sua morte, e a dor é que lhes inspira aquele canto supremo. No entanto, ninguém se lembra de que nenhuma ave canta quando sente fome ou frio, ou quando sente dor; não, nem mesmo o rouxinol, a andorinha e a poupa, que são precisamente, segundo a tradição, os pássaros cujo canto é um lamento dolorido. Para mim, não é a dor que faz com que eles cantem, como não é ela que faz cantar os cisnes[32]. Estes, muito ao contrário, provavelmente porque são as aves de Apolo, possuem um dom divinatório, e b é a presciência dos bens existentes no Hades que os faz, no dia de sua morte, cantar de modo tão sublime, como jamais o fizeram no curso anterior de sua existência. Ora, eu, quanto a mim, penso ter a mesma missão que os cisnes; creio que estou consagrado ao mesmo Deus, que os cisnes não me superam na faculdade divinatória que recebi de nosso Soberano[33], e que, do mesmo modo, não sinto mais tristeza do que ele ao separar-me desta vida. Essas são as cousas que deveis ter em mente quando quiserdes falar e propor as questões que desejardes, tanto quanto o permitirem os Onze[34] em nome do povo de Atenas.

— Alegra-me, Sócrates, esse teu modo de falar! — disse Símias. — Vou, portanto, expor-te o que está me c embaraçando, e Cebes, depois, dirá por que motivo não aceita o que até agora foi dito. Meu ponto de vista, Sócrates, a respeito de questões deste gê-

32 Há aqui alusão a uma antiga lenda da Ática, segundo a qual a andorinha e o rouxinol são Procne e Filomela, filhas do rei Pandião, de Atenas. (N. do T.)

33 O cisne é a ave consagrada a Apolo, deus da adivinhação. Sócrates aqui se compara poeticamente ao cisne e considera como seu derradeiro canto a doutrina sobre a imortalidade da alma. (N. do T.)

34 Funcionários encarregados da execução dos condenados e de fiscalizar a prisão. (N. do T.)

nero — e sem dúvida será também o teu — é que um conhecimento certo disso tudo é, na vida presente, se não impossível, pelo menos extremamente difícil de obter. Mas por outro lado, está claro, se as opiniões relacionadas com tudo isso não forem submetidas a uma crítica realmente aprofundada, se se abandonar o assunto sem antes ser examinado em todos os sentidos — então, é porque se tem uma natureza fraca! É necessário, pois, a este propósito, fazer uma das cousas seguintes: não perder a ocasião de instruir-se, ou procurar aprender por si mesmo, ou então, se não se for capaz nem de uma nem de outra dessas ações, ir buscar em nossas antigas tradições humanas o
d que houver de melhor e menos contestável, deixando-se assim levar como sobre uma jangada, na qual nos arriscaremos a fazer a travessia da vida, uma vez que não a podemos percorrer, com mais segurança e com menos riscos, sobre um transporte mais sólido: quero dizer, uma revelação divina! Assim, pois, já estamos entendidos: não terei, de minha parte, cerimônia em interrogar-te, já que a isso me convidas, e para que no futuro eu não tenha de recriminar-me por não te haver dito hoje o que penso! De fato, Sócrates: depois da revisão à qual eu mesmo submeti, como Cebes, o que se disse em nossa conversa, fiquei convencido de que as provas não são satisfatórias.

e Então disse Sócrates: — Pode muito bem ser, meu amigo, que realmente estejas com a verdade. Mas dize-me em que, precisamente, não estás satisfeito.

— É que, para mim, uma harmonia e uma lira com suas cordas podem dar lugar a esta mesma argumentação: a harmonia, dir-se-ia então, é uma coisa invisível, incorpórea, absolutamente bela, divina, enfim, quando a lira é 86 a
dedilhada, ao passo que a própria lira e suas cordas são coisas corporiformes, compostas, terrenas, aparentadas com a natureza mortal. Suponhamos, pois, que alguém quebre a lira, que se lhe cortem ou rebentem as cordas; e depois que se sustente, com uma argumentação idêntica à tua, que a harmonia de que falamos existe necessariamente e que não foi destruída. De que modo compreender que subsistam, tanto a lira, depois que suas cordas se partiram, como as próprias cordas, que são de natureza mortal, e a harmonia — a harmonia que é da mesma natureza e da mesma família que o divino e o imortal, destruída mesmo antes do que é mortal? Não, b
seria o que diriam; é necessário que a harmonia continue ainda a existir em alguma parte, embora a madeira da lira e suas cordas apodreçam, à harmonia nada sucederá! Aliás, Sócrates, creio que não esqueceste aquela concepção da natureza da alma, a que damos preferência. Admitido que nosso corpo seja semelhante a um instrumento de cordas e que sua unidade seja mantida pelo calor e o frio, pelo seco, pelo úmido e outras qualidades análogas, é a combinação e a harmonia desses mesmos contrários que constitui a nossa alma, quando se com- c
binam em proporções convenientes. Portanto, se justamente a alma é uma harmonia, a coisa é clara: desse modo sempre que nosso corpo for excessivamente relaxado ou retesado pelas doenças ou por outros males, é necessário que a alma, apesar de divina, seja

logo destruída como as outras harmonias, quer se realizem em sons, quer em outras formas de arte; ao passo que o despojo corporal resiste ainda por muito tempo, até o dia em que o tenha
d destruído o fogo ou a putrefação. Examina, pois, Sócrates, o que poderíamos objetar a essa teoria segundo a qual a alma, sendo a combinação dos elementos de que é feito o corpo, deve ser destruída em primeiro lugar quando sobrevém aquilo a que chamamos morte.

Sócrates teve aquele olhar penetrante que, em muitas circunstâncias, lhe era habitual, e sorriu: — Há alguma verdade, palavra!, no que Símias acaba de dizer! Com efeito, se há dentre vós alguém que esteja menos aturdido do que eu por suas palavras, por que não lhe responde? Pois é um temível golpe que ele parece ter desfechado contra as minhas provas! Contudo,
e segundo penso, antes de responder-lhe devemos primeiramente ouvir dos lábios de Cebes o que este por sua vez reprova no meu argumento. Assim teremos tempo para refletir sobre o que devemos dizer. Depois disso, ouvidos ambos, por-nos-emos acordes com eles, se julgarmos que seu canto está bem cantado; senão, será porque o processo do argumento deve ser revisado. Pois bem, Cebes, avante! Fala, por tua vez, sobre o que te preocupa.

— Para mim — disse então Cebes — é bem claro que o argumento ainda se encontra na mesma situação e continua a ser passível das mesmas obje-
87 a ções de há pouco. Que nossa alma realmente existiu antes de assumir a forma que agora possui, isso não sou obrigado a admitir. Nada aí existe que vá contra o meu modo de pensar e que não tenha sido (se pelo menos não é presunção afirmá-lo) demonstrado de modo plenamente satisfatório. Mas, pretender que depois de nossa morte a alma continue a existir, eis uma coisa com que não estou de acordo. Por certo, a alma é uma entidade mais vigorosa e durável que o corpo; e isso não concedo à objeção levantada por Símias, pois minha convicção é a de que, em todos os pontos, a superioridade da alma é imensa. "Então por que motivo, dir-me-ão, permaneces ainda em dúvida? Não reconheces que, uma vez morto o homem, o que continua a subsistir é precisamente o que há de mais frágil? E quanto ao que é mais b
durável não achas necessário que continue a viver durante esse tempo?" Examina agora se minha linguagem encerra alguma verdade, pois eu, naturalmente, assim como Símias, sinto necessidade duma imagem para que me possa exprimir. Para mim, com efeito, seria isso o mesmo que dizer alguém a respeito da morte dum velho tecelão: "O bom do velho tecelão não está morto; ele continua a viver em qualquer parte, e, como prova, aqui está o vestuário que ele usava, e que ele próprio tecera, conservado em bom estado e não destruído." E a quem não concordasse, poderia fazer esta pergunta: "Qual dos dois, em seu gênero, c
é mais durável: o homem ou a veste de que se serve e traz no corpo?" Então, baseado na resposta de que muito mais durável é o homem, imaginaria ter demonstrado que, com maior razão ainda, o homem deve permanecer inteiro em alguma parte, pois o que é menos durável do que ele não foi destruído!

"Contudo, segundo penso, as coisas

não se passam assim, Símias; e, portanto, deves tu também prestar atenção ao que vou dizer, pois no que respeita à argumentação precedente, todos podem facilmente perceber sua ingenuidade. E vou prová-lo: se é verdade que o desaparecimento de nosso tecelão, após haver usado uma multidão de d tais vestuários e de haver tecido outros tantos, ocorre depois deles todos, mas antes daquele que foi sua última vestimenta, aí não se encontra menor motivo para afirmar que o homem seja inferior às suas vestes e mais frágil do que elas! Pois bem: esta mesma imagem, se não me engano, é aplicável à alma em sua relação com o corpo. Quem fizer uso dela dirá (acertadamente, no meu entender) que a alma é coisa durável, e o corpo, por seu lado, coisa frágil e de menor duração. Quem assim fizer, poderá acrescentar ainda que cada alma usa diversos corpos, principalmente se ela vive muitos anos, pois sendo o corpo — como é possível supor — uma torrente que se esvai enquanto o homem vive, a alma incessantemente renova o seu vestuário perecível. Mas, assim mesmo, é neces- e sário que a alma, no dia em que for destruída, se revista com a última vestimenta que teceu e que seja esta a única anteriormente à qual tenha lugar esta destruição. Uma vez aniquilada a alma, o corpo patentearia desde logo a sua fragilidade essencial e, caindo em podridão, não tardaria a desaparecer definitivamente. Por conseguinte, não estamos ainda em condições de aceitar o argumento de que tratamos, e, assim, confiar em que mesmo depois de nossa morte nossa alma continue a existir em alguma parte!

88 a "A prova é que qualquer um poderia dizer: "A esse raciocínio, concedo ainda mais do que tu". E o que lhe concederia é que não somente as nossas almas existem no tempo que precedeu o nascimento, mas que também nada impede, mesmo após a morte, que algumas delas continuem a existir, para dar lugar a futuros nascimentos e a novas mortes. Nesta hipótese, com efeito, a alma é bastante forte para fazer frente a esses repetidos nascimentos. Entretanto, depois de haver concedido isto, esse alguém se recusaria a admitir que a alma não se esgote nesses múltiplos nascimentos e não termine por ser radicalmente destruída, afinal, em uma dessas mortes. Ora, essa morte, essa dissolução do corpo que b vibra na alma o golpe fatal, não há homem, diria esse alguém, que a possa conhecer, pois é impossível a quem quer que seja que possa ter essa impressão. Mas, se as coisas são assim, não há homem que possa estar tranqüilo diante da morte, a menos que ele seja capaz de provar que a alma é totalmente imortal e imperecível. Se assim não for, necessariamente, todo aquele que vai morrer deve sempre temer que sua alma, no momento em que se separa do corpo, seja destruída inteiramente."

Tendo-os ouvido falar, todos nós experimentamos um sentimento de angústia, como aliás, mais tarde, mutua- c mente no-lo confessamos. O que pouco antes fora exposto nos havia firmemente convencido, e eis que agora esses dois nos lançam outra vez na inquietação e nos abandonam à incredulidade, não só quanto aos argumentos já expostos, mas também de antemão quanto a tudo que se viesse a dizer a seguir. Não seríamos nós, real-

mente, incapazes de decidir de obter solução sobre o que quer que fosse? Ou era porventura a própria questão que não comportava certeza?

EQUÉCRATES

— Ah, Fédon, bem vos compreendo! A mim mesmo, com efeito, enquanto te escutava, me ocorriam
d mais ou menos estas palavras: "Qual será, doravante, o argumento em que nos poderemos fiar, uma vez que, não obstante sua forma persuasiva, o argumento exposto por Sócrates assim se esboroa na incerteza?" É o efeito do maravilhoso poder que sempre exerceu sobre mim a teoria que afirma que a alma é uma harmonia. A exposição dessa tese me fez, por assim dizer, recordar que ela tivera até então o meu assentimento; mas eis que, novamente, sinto também grande necessidade de que, partindo de novas razões me demonstrem que nossa morte não é acompanhada pela morte da alma! Dize-nos, pois, em nome de Zeus, de que modo Sócrates defendeu o seu
e argumento. Ele se mostrava descoroçoado, assim como dizes que vós todos estáveis? Ou, ao contrário, acudiu com serenidade em socorro de sua teoria? E esse socorro foi eficaz ou não? Contanos tudo isso minuciosamente, com a maior exatidão de que fores capaz.

FÉDON:

— Em verdade, Equécrates, muitas vezes me maravilhei diante de Sócrates, mas confesso qua nunca senti tanta admiração por ele como naquelas horas finais em que estive a seu lado. Que um homem como ele fosse capaz 89 a
de responder, é coisa que nada tem de extraordinário. Mas o que achei maravilhoso de sua parte foi antes de tudo o bom humor, a bondade, o ar interessado com que acolhia as objeções daqueles moços e, além disso, a finura com que percebeu e soube avaliar o efeito que sobre nós tinham produzido as suas objeções. E, enfim, como nos soube curar! Pois parecíamos uns fugitivos, uns vencidos. Sua voz nos alcançou novamente, nos obrigou a fazer meia volta e a tornar, sob sua conduta e com ele, ao exame do argumento.

EQUÉCRATES:

— De que modo?

Fédon retoma a narrativa

FÉDON:

— Vou contar-te. Eu me encon-
b trava então à sua direita, sentado num tamborete e encostado ao seu leito, de modo que ele ficava muito mais alto do que eu. Pôs-se então a afagar-me a cabeça, brincando com os cabelos que caíam sobre meus ombros; era, com efeito, um costume seu troçar às vezes de minha cabeleira. E disse-me:

— Então será amanhã, Fédon, que mandarás cortar esta soberba cabe-

leira?[35]

— E com toda a razão, Sócrates!

— Não, não por isso.

— Explica-te, então!

— Hoje mesmo — respondeu — mandarei cortar a minha e tu a tua, se é verdade que este dia é o último de nossa discussão, e que somos incapazes de lhe infundir vida! Quanto a mim, em teu lugar, e se o argumento me escapasse assim por entre os dedos, c eu me comprometeria por um juramento, seguindo o exemplo dos argeus,[36] a não mais ostentar uma tal cabeleira enquanto não obtivesse, em novos combates, uma vitória sobre a argumentação de Símias, assim como sobre a de Cebes!

— Mas contra dois — interpus — o próprio Hércules, ao que se diz, nada podia!

— E eu, então — emendou Sócrates. — Eu sou Iolau![37]. Chama-me em teu auxílio enquanto ainda é dia.

— Sim, eu te chamo! —respondi. — Apenas, não sou Hércules, mas é a Hércules que Iolau pede socorro!

— Isso não faz diferença alguma.

— Mas, antes, tomemos cuidado para que não nos venha a acontecer um desastre.

— Qual? — perguntei.

d — O de nos transformarmos em inimigos da ciência, em misólogos, assim como há alguns que se convertem em inimigos dos homens, em misantropos; pois não há maior mal do que tornar-se inimigo da ciência. Aliás, desenvolvem-se do mesmo modo tanto o ódio à ciência como o ódio aos homens. O ódio aos homens, a misantropia, penetra nos corações quando confiamos demais numa pessoa, sem nos acautelarmos; quando acreditamos que uma pessoa é boa, sincera, honesta, e vimos a descobrir mais tarde que tal não é, que pelo contrário é má, desonesta e mentirosa; e se isso acontecer repetidas vezes a um mesmo homem, e justamente a propósito daquelas pessoas a quem considerava como seus melhores e mais sinceros amigos, esse passará finalmente a e odiar todos os homens, persuadido de que em ninguém há de encontrar a menor qualidade boa. Acaso não notaste que, efetivamente, as coisas se passam dessa forma?

— Sim — respondi —, justamente desse modo.

— E proceder assim não é, acaso, proceder mal? Não é claro que esse descrente vive entre os homens sem entretanto conhecer a humanidade? Se procedesse com juízo, notaria que bem poucos homens são absolutamente bons ou maus, e que inúmeros são os que se encontram entre esses extremos.

— Que queres dizer? 90 a

— Que se dá aqui o mesmo que se dá a próposito das coisas pequenísimas e grandíssimas — respondeu-me. — Achas que possa haver coisa mais rara do que um homem enormemente grande ou extraordinariamente pequeno? E isso vale também para o cão, como para qualquer outra coisa.

35 Cortar os cabelos era prova de tristeza: amanhã Fédon cortará sua basta cabeleira por causa da morte de Sócrates. Sócrates costumava troçar da longa cabeleira de Fédon, que era do Peloponeso. Em Atenas não se usavam cabelos longos. (N. do T.)

36 Alusão a um texto de Heródoto: Os argeus, após uma derrota sofrida, fizeram a promessa de não mais deixar crescer os cabelos enquanto não tivessem obtido uma vitória sobre o inimigo. Da mesma forma Sócrates e Fédon, que desejam vencer os argumentos inimigos de sua doutrina. (N. do T.)

37 Hércules é o grande herói fabuloso; Iolau, quem o ajudou uma vez. Sócrates se compara a Iolau, que é o mais fraco dos dois. (N. do T.)

E não te parece também que é muito difícil encontrar-se um ser rapidíssimo e um vagarosíssimo, assim como um belíssimo e um feiíssimo, ou um muito alvo e outro muito negro? Acaso não notaste por ti mesmo como são raros em todas essas coisas os pontos extremos, ao passo que os termos médios são muito mais numerosos?

— De fato.

b — De modo que, se fosse feito um concurso de maldade, não te parece também que apenas uns poucos seriam premiados?

— Com certeza — concordei.

— Com certeza, com efeito. Mas não é nesse ponto que os argumentos são comparáveis aos homens. Como enveredaste nessa direção, nada mais fiz do que seguir-te... Mas a comparação é esta: uma pessoa, que desconhece a arte de provar por argumentos, se entrega com cega confiança a um argumento que lhe parece verdadeiro; pouco depois, este passa a lhe parecer c falso. Ora o é, ora não o é; e assim muitas vezes. Sabes também, com efeito, que os que se dedicam a demonstrar o pró e o contra[38] afirmam ter encontrado o cume da sabedoria e haver descoberto, como mais ninguém, que em nenhuma coisa ou demonstração que seja, existe absolutamente base segura ou certeza, mas sim que, em tudo o que existe, à semelhança do Euripes[39], a parte inferior se mistura com a parte superior, jamais permanecendo estável e em seu lugar.

— Tens razão — assenti eu.

— Mas não seria deplorável desgraça, Fédon, quando existe um argumento verdadeiro, sólido, suscetível de d ser compreendido, que, — aqueles que se puseram a ouvir argumentos que ora são verdadeiros e ora são falsos — que aqueles mesmos, em lugar de acusarem as suas próprias dúvidas ou a sua falta de arte, lancem toda a culpa na própria razão e passem toda a vida a caluniá-la e odiá-la, privando-se, desse modo, da verdade dos seres e da ciência?[40]

— Por Zeus! — disse eu — isso seria, com efeito, um lamentável desastre!

— Ora pois — volveu Sócrates — tomemos cuidado para que não venha a penetrar em nossas almas o pensa- e mento de que nos argumentos nada há de razoável. Suponhamos sempre, ao contrário, que nós é que não temos ainda bastante discernimento. Devemos, com efeito, ser corajosos e fazer tudo o que for necessário para obter os conhecimentos verdadeiros — tu e os outros, porque ainda vivereis bastante, eu simplesmente porque vou morrer. Pois estou exposto, visto que se trata 91 a apenas da morte, a não me comportar como filósofo mas sim à maneira dos homens completamente iletrados, que só pensam em levar a melhor. Repara quando discutem um problema: não se preocupam em absoluto com obter a solução certa, mas o que desejam é unicamente conseguir que todos os ouvintes estejam de acordo com eles. É isso que querem; entretanto, creio que me distingo desses argumentadores pelo menos num ponto: não pretendo convencer os ouvintes de que é verdadeiro tudo o que eu disser — embora o deseje secundariamente — mas em primeiro lugar desejo persuadir-me, a

38 Crítica à Sofística que se liga ao ceticismo lógico. (N. do T.)

39 Estreito que separa do continente a ilha de Eubéia; célebre pelo fato de suas correntes variarem sete vezes por dia. (N. do T.)

40 Platão critica ainda aqui a Sofística e o desenvolvimento do ceticismo. (N. do T.)

b mim mesmo, disso. Penso, pois, caro amigo, como um egoísta. Se é verdade o que digo, então é bom estar convencido; se, pelo contrário, não há esperança para quem morre, eu, pelo menos, não terei tornado meus últimos instantes desagradáveis para meus amigos, obrigando-os a suportar minhas lamentações. De resto, não terei muito tempo para meditar nisso (o que seria efetivamente desagradável). Mais um pouco e logo tudo estará acabado. Assim, preparado com esse espírito, Símias e Cebes, entro na discussão. Vós, entretanto, se me acreditais, cui-
c dai menos de Sócrates que da verdade! Concordai comigo, se achardes que digo a verdade; se não, objetai-me a cada argumento, a fim de que — iludindo a vós e a mim também, com meu entusiasmo — eu não me vá daqui, como a abelha, deixando o ferrão![41]

"Então, avante! Antes de tudo, porém, fazei-me recordar bem o que dissestes, se notardes que não me recordo. Para Símias, salvo erro meu, o objeto de sua dúvida e dos seus temores é o de que a alma, sendo algo de mais belo e mais divino do que o corpo, venha a corromper-se antes dele, pois pensa que aquela nada mais d é do que uma espécie de harmonia. Quanto a Cebes, concede, por seu lado, que a alma dure mais do que o corpo, mas, segundo pensa, é bem difícil saber se a alma, depois de haver gasto muitos corpos sucessivamente, não se dissolve ao sair do último, e se a morte não consiste justamente nisto, na destruição da alma, pois que o corpo, esse, está continuamente destruindo-se. Não é isto, Símias e Cebes, o que devemos examinar?

Ambos declararam que sim.

— Ora — tornou Sócrates —, não e aceitais o conjunto das afirmações que fizemos ou que apenas aceitais umas e outras, não?

— Umas sim, outras não — responderam os dois.

— Que pensais a respeito da doutrina segundo a qual instruir-se é apenas recordar e, que sendo assim, é necessário que nossa alma, antes de vir encadear-se em nosso corpo, tenha vi- 92 a vido primeiramente noutro lugar?

— Quanto a mim — respondeu Cebes — estou perfeitamente persuadido disso, e que não há pensamento ao qual eu mais ligado esteja.

— Eu também — ajuntou Símias — ficaria muito admirado se viesse a mudar de opinião a esse respeito.

41 A abelha, que deixa seu ferrão na ferida, provoca dores. Assim Sócrates, que faria mal e causaria sofrimentos a seus discípulos se se fosse, deixando-lhes erros. (N. do T.)

Resposta a Símias

— Pois deverias mudar de opinião, ó homem de Tebas — disse Sócrates — se de fato persiste em ti a idéia de que a harmonia é uma coisa composta e que a alma nada mais é do que a harmonia, uma composição das tensões das cordas do corpo. Pois é claro, com efeito, que não podes ter aquela opi- b nião e afirmar ao mesmo tempo que a harmonia existiu antes dos elementos dos quais viria a ser composta. Ou pensas assim?

— Não, Sócrates.

— Percebes então — disse Sócrates — o que resulta do teu juízo? Afirmas, de um lado, que a alma existia antes de tomar a forma de homem, num corpo e, de outro que ela é composta de coisas que ainda não existiam! A alma não é, pois, como a harmonia com a qual tu a comparas. A harmonia, com a qual comparas a alma, não apresenta analogia com ela neste ponto: primeiro, com efeito, existem a lira e as cordas, e depois os sons c inarticulados e a harmonia, que se forma por último e desaparece antes de tudo mais. Como, pois, farás concordar esta teoria com aquela opinião?

— É impossível — confessou Símias.

— No entanto — retrucou Sócrates —, se há uma linguagem que seja coerente, é bem aquela que fala da harmonia!

— De fato isso lhe convém! — disse Símias.

— Ora, essa linguagem — acrescentou Sócrates — nada tem, na tua opinião, de coerente. É necessário então escolher entre essas duas linguagens; qual é aquela que preferes? A que afirma que instruir-se é lembrar-se ou a de que a alma é uma harmonia?

— Evidentemente a primeira, caro Sócrates; a outra se apresentou diante de mim sem provas em seu favor; como apenas plausível ao sabor de uma conveniência apenas verossímil e especiosa, como tudo que é fonte da d opinião da maioria[42]. Bem sei que as teorias baseadas em demonstrações prováveis nos enganam e, se não tomarmos cuidado com elas, elas demonstram tudo e até a geometria! Ao contrário, a teoria relativa à recordação e ao estudo está assente em bases mais sólidas. O que nós dissemos é que a nossa alma, antes de vir animar um corpo, existe como a própria essência, e isto é, que tem existência real. Reconheço que esta proposição é correta e foi suficientemente provada; tal é minha convicção. E por esse motivo não me parece certo afirmar que a alma é uma harmonia, seja eu quem o diga ou seja outrem.

— Bem; mas eis outra questão, Símias: crês que uma harmonia, ou qualquer outra coisa composta, possa ter qualidades outras e diferentes daquelas

[42] A opinião vulgar dos gregos é que a alma sem corpo passa a ter uma vida sem consciência no Hades. É interessante que Homero no limiar da *Ilíada* diga mais ou menos a mesma coisa: a ira de Aquiles enviou muitas almas de heróis para o Hades, mas quanto a "eles mesmos" (isto é, seus corpos), entregou-os aos cães e às aves para comerem. (N. do T.)

93 a que possuem os elementos de que é composta?

— Nunca!

— Nem, segundo me parece, poderá fazer ou sofrer senão aquilo que fazem ou sofrem as coisas que a empolgam?

Símias concordou.

— E, por conseguinte, a harmonia não pode reger os elementos de que se compõe, mas, pelo contrário, os deve seguir?

Símias concordou novamente.

— É, então, absurdo dizer que uma harmonia se move ou soa contrariamente às suas partes constitutivas, ou que a elas se opõe?

— Por certo que é absurdo!

— Com efeito. Entretanto, eis outra questão: a harmonia não será precisamente aquela que exigem as suas partes constitutivas?

— Não entendo — disse Símias.

— Pergunto se, quando os elementos estão mais ou menos de acordo, se
b a harmonia também não existe mais ou menos? E quando mais fracos e menos extensos, se a harmonia também não é mais fraca e menos extensa?

— Claro!

— E com a alma se passará o mesmo? É o fato de uma alma ter, no menor de seus elementos, em grau mais elevado do que outra, mais extensão e mais grandeza ou menos extensão e mais fraqueza, que precisamente constitui o que ela é, a saber, uma alma?

— De modo algum!

— Prossigamos, por Zeus! Quando uma alma possui razão e virtude, não se diz que é boa, e quando é cheia de desrazão e maldade, que é má? E não é exato dizer isso?

— É absolutamente certo, com efeito! c

— Mas, então, aqueles que consideram a alma como uma harmonia, como irão eles explicar a virtude e o vício que se encontram nas almas? Dirão que uma é uma harmonia e a outra uma dissonância? Dirão eles que a alma boa, sendo por natureza uma harmonia, possui ainda consigo uma outra harmonia dentro de si[43], enquanto que a outra, desprovida de harmonia, nada mais possui?

— Não sei dizer-te — respondeu Símias. — É bem provável que um partidário dessa opinião havia de dizer algo de parecido.

— Mas nós concordamos — disse d Sócrates — em que uma alma não é nem mais nem menos alma do que outra alma; e o acordo era este: nada há de maior ou mais numeroso, nem nada de mais fraco ou mais extenso numa harmonia do que noutra, não foi?

— Foi!

— E que a harmonia, visto que nem é mais nem menos harmonia, também não pode ser nem mais nem menos harmonizada, não é assim?

— Sim.

— Ora, a harmonia, não sendo nem mais nem menos harmonizada, pode participar mais ou menos da harmonia, ou o faz sempre da mesma maneira?

[43] Trecho difícil de traduzir. O que Platão quer dizer é que há um acordo essencial e mais uma modalidade desse acordo. A virtude, por exemplo, é na opinião de Plantão (cf. *República*) um acordo das três partes da alma, cada uma delas agindo na sua modalidade própria. Cf. Semelhança com as cordas — alta, média e baixa — da lira. Cf. León Robin, *Platon*, ed. P.U.F. (N. do T.)

— Da mesma maneira, é claro.

— Ora, visto que uma alma não pode ser mais nem menos alma do que
e outra, também não pode ser mais nem menos harmonizada?

— Exatamente.

— Portanto, não pode participar nem mais nem menos da desarmonia nem da harmonia?

— Não.

— Em conseqüência, uma alma pode participar mais da maldade ou da virtude do que outra, considerando-se a maldade como desarmonia e a virtude como harmonia?

— Nunca!

— Ou a razão nos leva, Símias, a dizer que a maldade não se encontra
94 a em nenhuma alma se a alma é uma harmonia, pois é claro que a genuína harmonia nunca poderá participar da desarmonia?

— Nunca!

— Nem, portanto, uma alma, sendo plenamente alma, participará da maldade!

— Como seria isso possível, com efeito, diante de nossas premissas?

— Se permanecermos de acordo com tua comparação e com o que dela se infere, deveremos considerar todas as almas, de todos os seres vivos, como sendo uniformemente boas, se as almas se formaram tal como são, isto é, como almas!

— Assim me parece, Sócrates.

— Achas também que isso assim estaria bem expresso e razoável, se
b fosse certa a teoria segundo a qual a alma é harmonia?

— De modo algum!

— Ademais — volveu Sócrates — afirmarás que o governo de todas as coisas que se encontram no homem cabe a algo que não seja a alma e a inteligência?

— Eu não!

— Crês que é a alma que cede às paixões do corpo ou que ela as contraria? Por exemplo: temos febre, temos sede, e a alma nos diz: "tu não beberás", temos fome, e a alma nos diz: "tu não comerás!", e em mil outros casos obervamos que a alma resiste às inclinações do corpo, não é verdade? c

— Absolutamente certo.

— E não havíamos, acaso, concordado antes em que a alma, sendo harmonia, jamais poderia ressoar em desacordo com as tensões, relaxamentos, movimentos e quaisquer outras modificações dos elementos de que é constituída, mas que, pelo contrário, deveria segui-los e nunca dirigi-los?

— Realmente, concordamos nisso — confirmou Símias — e nem poderia ser de outra forma.

— E agora? A alma não nos parece fazer exatamente o contrário disso? Porventura não dirige ela tudo aquilo de que, segundo se pretende, é constituída? Não é ela que resiste e governa, como um senhor, todas as modali- d
dades da vida, às vezes rigorosamente e com dores, como na ginástica e na medicina, e às vezes com menos rudeza, como uma pessoa que conversa com outra, ameaçando-a e advertindo-a contra cobiças, cóleras ou temores? É mais ou menos assim, com efeito, que Homero apresenta Ulisses na Odisséia:

"Batendo no peito, apostrofou rudemente seu coração:

"Suporta, coração! Infelicidades, já as suportaste bem piores!"[44]

— Crês que ele teria dito isso se houvesse considerado a alma como simples harmonia, inteiramente sujeita às inclinações do corpo, e não como algo que rege e governa o corpo, em suma como uma coisa por demais divina para se comparar à harmonia?

— Por Zeus! é isso justamente o que penso, Sócrates.

— Logo, meu excelente amigo, não é coisa assisada considerar a alma como uma simples harmonia; pois, assim, não ficaríamos de acordo nem com Homero, divino poeta, nem co- 95 a
nosco mesmos.

— É justamente isso — concedeu Símias.

[44] O autor recorre aqui a Homero, divino poeta, porque este dístico se encaixa perfeitamente na tese que vem desenvolvendo no diálogo; mas em outras obras Platão o censura, deixando de lhe chamar divino e sem reconhecê-lo como autoridade com a qual é conveniente "estarmos de acordo". (N. do T.)

Resposta a Cebes

— Muito bem — continuou Sócrates. — Agora que a Harmonia tebana[45] se nos tornou de certo modo propícia, e do modo que lhe convém, isto é, com comedimento, ocupemo-nos de seu esposo Cadmo. Mas como, meu caro Cebes, e com que provas, poderemos conciliar Cadmo?[46]

— Creio que o saberás — respondeu Cebes; — a prova contra a harmonia, tu a desenvolveste de modo admirável e imprevisto. Quando Símias expôs a dificuldade que havia encontrado, fiquei assombrado e perguntei a mim mesmo se alguém seria capaz de movimentar um único argumento contra ele. Por isso admirei-me muito quando sua objeção não resistiu ao ataque de tua argumentação. E pela b
mesma razão eu não me espantaria agora se o argumento de Cadmo viesse a ter a mesma sorte.

— Evita, meu caro — disse Sócrates —, de falar assim com tanta confiança! É bem possível que o mau olhado volte contra mim o argumento que desejo apresentar agora![47] Enfim, de qualquer modo, isso ficará sob os cuidados da Divindade! Nós, porém, nos aproximaremos um do outro à moda homérica[48] e averiguaremos se disseste alguma coisa de importância.

[45] Alusão à fábula de Anfião, que construiu Tebas com a harmonia da sua lira. Símias é tebaro. (N. do T.)

[46] Cadmo é o esposo da mencionada deusa Harmonia. Cebes é tebano como Símias, e ambos estão a discutir com Sócrates. (N. do T.)

[47] Alusão a uma superstição vulgar, para significar que quem é ambicioso e deseja demais é orgulhoso e não consegue nada perdendo às vezes o que já tem. (N. do T.)

[48] Homero na *Ilíada* descreve numerosas vezes o modo cauteloso como dois inimigos se aproximam no combate para mutuamente se atacarem: Sócrates compara-se a um herói que luta contra outro. (N. do T.)

Ora, o essencial do que queres saber é isto: desejas que se demonstre que
c nossa alma é indestrutível e imortal; sem o que, para o filósofo que está próximo de morrer, a confiança, a convicção de ir encontrar no além, depois da morte, uma felicidade que jamais teria alcançado se vivesse doutra forma, essa confiança seria, pensas, desarrazoada e tola. Mostrar que a alma é forte e semelhante à divindade, e que existia antes de nos havermos tornado homens, pode ser prova, como dizes, não de que a alma é imortal, mas apenas de que ela dura muito, de que sua existência anterior preencheu um tempo incalculável com uma multidão enorme de conhecimentos e de ações; o que, no entanto, não lhe confere imor-
d talidade, pois o próprio fato de vir localizar-se num corpo humano marca o início de seu fim, e uma espécie de doença; por isso, é num estado de miséria que deve viver essa existência, e, quando a termina por aquilo a que chamamos morte, deve ela ser destruída. É indiferente, como dizes, saber se ela se localiza em corpos uma só ou muitas vezes; cada um de nós tem razão de recear por sua alma. Quem não tem certeza, nem sabe provar que a alma é imortal, deve temer a morte, se não for tolo. É mais ou menos isto, e caro Cebes, o que dizes? Repito-o propositadamente, para que não olvidemos nada e para que acrescentes ou tires alguma coisa, se quiseres.

Então Cebes — Nada tenho, no momento, que acrescentar, nem que tirar. É aquilo justamente o que pretendo.

O Problema da Física

A esta altura fez Sócrates uma longa pausa, absorto em alguma reflexão. Depois disse — Não é coisa sem importância, Cebes, o que procuras. A causa da geração e da corrupção de todas as coisas, tal é a questão que
96 a devemos examinar com cuidado. Se o desejares, poderei relatar-te detalhadamente as minhas experiências a esse respeito. E se vires que uma ou outra coisa do que eu disser é útil aproveita-a para reforçar tua tese.

— Sim — disse Cebes — é justamente o que eu quero.

— Escuta, então, o que vou contar: em minha mocidade senti-me apaixonado por esse gênero de estudos a que dão o nome de "exame da natureza"; parecia-me admirável, com efeito, conhecer as causas de tudo, saber por que tudo vem à existência, por que perece e por que existe. Muitas vezes detive-me seriamente a examinar ques- b tões como esta: se, como alguns pretendem, os seres vivos se originam de uma putrefação em que tomam parte o frio e o calor; se é o sangue que nos faz pensar, ou o ar, ou o fogo, ou quem sabe se nada disso, mas sim o próprio cérebro, que nos dá as sensações de

ouvir, ver e cheirar, das quais resultariam por sua vez a memória e a opinião, ao passo que destas, quando adquirem estabilidade, nasceria o conhecimento[49]. Examinei, inversa-
c mente, a maneira como tudo isso se corrompe, e, também, os fenômenos que se passam na abóbada celeste e na terra. E acabei por me convencer de que em face dessas pesquisas eu era duma inaptidão notável! Vou contar-te uma ocorrência que bem esclarece minha situação naquele tempo. Havia coisas acerca das quais eu antes possuía um conhecimento certo, ao menos na minha opinião, e na dos outros. Pois bem, essa espécie de estudo chegou a produzir em mim uma tal cegueira que desaprendi até aquelas coisas que antes eu imaginava saber, como, por exemplo, o conhecimento que eu julgava ter das causas que determinam o crescimento do homem!
d Outrora eu acreditava, como é claro para todos, que isso acontece em virtude do comer e do beber: adicionando, pelos alimentos, carne a carne e ossos aos ossos, e em geral substância semelhante a substância semelhante, acontece que o volume, antes pequeno, aumenta, e assim, o homem pequeno se torna grande. Desse modo pensava eu naquela época. Não achas tu que isso era razoável?

— Pelo que me parece, sim — respondeu Cebes.

— Mas repara no seguinte: naquele tempo, eu também achava razoável pensar que quando um homem grande é visto ao lado dum pequeno, ele é de uma cabeça[50] maior do que o pequeno, e, da mesma forma, um cavalo é maior do que outro. E o que é mais evidente: o número "dez" me parecia maior do que o número "oito", precisamente por causa do acréscimo de "dois", e o tamanho de dois côvados me parecia ser maior do que o de um côvado por este ser a metade daquele.

— E agora — perguntou Cebes — qual é a tua opinião a esse respeito?

— Por Zeus, atualmente estou muito longe de saber a causa de qual- 97 a
quer dessas coisas! Não sei resolver nem sequer se quando se adiciona uma unidade a outra, a unidade à qual foi acrescentada a primeira torna-se duas, ou se é a acrescentada e a outra que assim se tornam duas pelo ato de adição. Fico admirado! Quando as duas unidades estavam separadas uma da outra, cada uma era uma, e não havia dois; logo, porém, que se aproximaram uma da outra, esse encontro tornou-se a causa da formação do dois. Também não entendo por que motivo, quando alguém divide uma unidade, esse ato de divisão faz com esta coisa que era uma se transforme pela separação em duas! Essa coisa que produz duas uni- b
dades é contrária à outra: antes, acrescentou-se uma coisa a outra — agora, afasta-se e separa-se uma de outra[51]. Nem sequer sei por que um é um! Enfim, e para dizer tudo, não sei absolutamente como qualquer coisa tem origem, desaparece ou existe, segundo este procedimento metodológico. Escolhi então outro método, pois, de qualquer modo, este não me serve. Ora,

[49] Platão quer dizer aqui que em sua mocidade se dedicou ao estudo de todas as teorias da filosofia naturalista pré-socrática. Não há dúvida de que ele coloca nos lábios de Sócrates a história de sua própria evolução intelectual. Cf. Burnet, *Early Greek Philosophy*. (N. do T.)

[50] O tamanho da cabeça é usado aqui como medida. (N. do T.)

[51] Crítica aos filósofos eleáticos, que abusam às vezes da dialética. (N. do T.)

certo dia ouvi alguém que lia um livro de Anaxágoras. Dizia este que "o espírito é o ordenador e a causa de todas
c as coisas". Isso me causou alegria. Pareceu-me que havia, sob certo aspecto, vantagem em considerar o espírito como causa universal. Se assim é, pensei eu, a inteligência ou espírito deve ter ordenado tudo e tudo feito da melhor forma. Desse modo, se alguém desejar encontrar a causa de cada coisa, segundo a qual nasce, perece ou existe, deve encontrar, a respeito, qual é a melhor maneira seja de ela existir, seja de sofrer ou produzir qualquer
d ação. E pareceu-me ainda que a única coisa que o homem deve procurar é aquilo que é melhor e mais perfeito, porque desde que ele tenha encontrado isso, necessariamente terá encontrado o que é o pior, visto que são objetos da mesma ciência.

Pensando desta forma, exultei acreditando haver encontrado em Anaxágoras o explicador da causa, inteligível para mim, de tudo que existe. Esperava que ele iria dizer-me, primeiro, se a
e terra é plana ou redonda, e, depois de o ter dito, que à explicação acrescentasse a causa e a necessidade desse fato, mostrando-me ainda assim como é ela a melhor. Esperava também que ele, dizendo-me que a terra se encontra no centro do universo, ajuntasse que, se assim é, é porque é melhor para ela estar no centro. Se me explicasse tudo isso, eu ficaria satisfeito e nem sequer desejaria tomar conhecimento de outra espécie de causas. Naturalmente, a propósito do sol eu estava pronto também a receber a mesma espécie de
98 a explicação, e da mesma forma para a lua e os outros astros, assim como também a respeito de suas velocidades relativas como de suas revoluções e de outros movimentos que lhes são próprios. Nunca supus que depois de ele haver dito que o Espírito os havia ordenado, ele pudesse dar-me outra causa além dessa que é a melhor e que
b é a que serve a cada uma em particular assim como ao conjunto.

Grandes eram as minhas esperanças! Pus-me logo a ler, com muita atenção e entusiasmo os seus livros. Lia o mais depressa que podia a fim de conhecer o que era o melhor e o pior. Mas, meu grande amigo, bem depressa essa maravilhosa esperança se afastava de mim! À medida que avançava e ia estudando mais e mais, notava que esse homem não fazia nenhum uso do espírito nem lhe atribuía papel algum como causa na ordem do universo,
c indo procurar tal causalidade no éter, no ar, na água em muitas outras coisas absurdas![52]. Parecia-me que ele se portava como um homem que dissesse que Sócrates faz tudo o que faz porque age com seu espírito; mas que, em seguida, ao tentar descobrir as causas de tudo o que faço, dissesse que me acho sentado aqui porque meu corpo é formado de ossos e tendões, e os ossos

[52] Foi discutido muitas vezes o problema de saber se Platão tinha razão ao descrever historicamente, desta forma, o pensamento de Anaxágoras. Os mencionados livros de Anaxágoras só nos chegaram em reduzidos fragmentos. O que sabemos é que aquele filósofo reconhecia, como princípio material, umas partículas mínimas de matéria — as homeomerias — e ainda, como outro princípio — o espírito — cuja função para nós não é ainda bem clara, e sobre a qual, aliás, já havia dúvidas na antiguidade: alguns explicadores antigos viam nesse espírito um deus, outros, um ordenador do mundo, e finalmente outros, como nosso autor e também Aristóteles, uma simples primeira força motriz, isto é, um princípio quase material ou mesmo material. Cf. J. Burnet, *Early Greek Philosophy* e Carl Joel, *Geschichte der Antiken Philosophie*. (N. do T.)

são sólidos e separados uns dos outros
d por articulações, e os tendões contraem e distendem os membros, e os músculos circundam os ossos com as carnes, e a pele a tudo envolve! Articulando-se os ossos em suas articulações, e estendendo-se e contraindo-se, sou capaz de flexionar os meus membros, e por esse motivo é que estou sentado aqui, com os membros dobrados. Tal homem diria coisas mais ou menos semelhantes a propósito de nossa conversa, e assim é que consideraria como causas dela a voz, o ar, o ouvido e muitas outras coisas — mas, em realidade, jamais diria quais são as verdadeiras causas disso tudo: estou aqui
e porque os atenienses julgaram melhor condenar-me à morte, e por isso pareceu-me melhor ficar aqui, e mais justo aceitar a punição por eles decretada [53]. Pelo Cão [54]. Estou convencido de que estes tendões e estes ossos já poderiam
99 a há muito tempo se encontrar perto de Mégara ou entre os Beócios, para onde os teria levado uma certa concepção do melhor, se não me tivesse parecido mais justo e mais belo preferir à fuga e à evasão a aceitação, devida à Cidade, da pena que ela me prescreveu!

Dar o nome de causas a tais coisas [55] seria ridículo. Que se diga que sem ossos, sem músculos e outras coisas eu não poderia fazer o que me parece, isso é certo. Mas dizer que é por causa disso que realizo as minhas ações e não pela escolha que faço do melhor e com inteligência — essa é b
uma afirmação absurda. Isso importaria, nada mais nada menos, em não distinguir duas coisas bem distintas, e em não ver que uma coisa é a verdadeira causa e outra aquilo sem o que a causa nunca seria causa. Todavia, é a isso que aqueles que erram nas trevas, segundo me parece, dão o nome de causa, usando impropriamente o termo [56]. O resultado é que um deles, tendo envolvido a terra num turbilhão [57], pretende que seja o céu o que a mantém em equilíbrio, ao passo que para outro ela não passa duma espécie de gamela [58], à qual o ar serve de base

53 Platão conta que Sócrates, tendo uma oportunidade para fugir do cárcere, não se aproveitou dela porque era sua convicção que um cidadão deve obedecer sempre às leis e decretos do Estado, mesmo quando os concidadãos e as autoridades legítimas são injustos. (N. do T.)

54 Pelo Cão: Sócrates jura muitas vezes desta forma, certamente porque o cão sempre foi considerado como símbolo da lealdade. (N. do T.)

55 Isto é: as causas materiais. (N. do T.)

56 Esta frase exprime desprezo pela filosofia naturalista: "os demais" poderia ser entendido aqui como indicando apenas a opinião vulgar, mas o que o autor posteriormente atribui aos 'demais" são os sistemas filosóficos naturalistas. Platão, como quase sempre quando fala nas teorias naturalistas, acha que não vale a pena citar os nomes de seus autores, contentando-se com dizer "uns", "alguns" e "outros".(N. do T.)

57 A palavra díne (turbilhão) é técnica no sistema de Demócrito e Leucipo. Para estes naturalistas gregos, o princípio de todas as coisas são os átomos, corpos minúsculos e indivisíveis (donde átomos, em grego), eternos e invisíveis; esses átomos estão a cair no vácuo; os mais pesados caem mais depressa, pelo que se apartam dos demais. Dão, assim, encontrões uns nos outros, com a conseqüente formação de turbilhões, produtores de complexos de átomos, que nada mais são do que os objetos existentes. Esses turbilhões jamais terminam, e continuamente os átomos estão a separar-se e a reunir-se; é a isto que damos o nome de geração e corrupção. A terra existe e permanece em seu lugar, porque continuamente está a receber e a perder átomos; e o mesmo vale para os demais corpos. Logo, quando um corpo não recebe novos átomos em troca dos que vai perdendo, dá-se sua destruição. Platão se refere aqui ao turbilhão do céu para meter a ridículo esta teoria, que mais tarde iria ter grande importância nas ciências naturais. (N. do T.)

58 É uma ironia contra Anaxímenes, mas indicadora das doutrinas deste filósofo. Conforme ele, o princípio de todas as coisas é o ar: tudo se forma do ar, volta ao ar, e o próprio ar é também o sustentáculo da terra, a qual tem a forma de um tamborim. O termo propriamente empregado por Platão é o de "gamela", com o que exprime seu desprezo deste sistema.

c e de suporte. Mas quanto à força, que a dispôs para que essa fosse a melhor posição, essa força, ninguém a procura; e nem pensam que ela deva ser uma potência divina. Acreditam, ao contrário, haver descoberto um Atlas [59] mais forte, mais imortal e mais garantidor da existência do universo do que esse espírito; recusam-se a aceitar que efetivamente o bom e o conveniente formem e conservem todas as coisas. Ardentemente desejaria eu encontrar alguém que me ensinasse o que é tal causa! Não me foi possível, porém, d adquirir esse conhecimento então, pois nem eu mesmo o encontrei, nem o recebi de pessoa alguma. Mas quererias, estimado Cebes, que descrevesse a segunda excursão que realizei em busca dessa causalidade?

— É impossível que alguém o deseje mais do que eu — respondeu Cebes.

59 Atlas: figura da lenda grega; um gigante que trazia sobre os ombros a abóbada celeste. (N. do T.)

A Idéia

— Então — prosseguiu Sócrates — minha esperança de chegar a conhecer os seres começava a esvair-se. Pareceu que deveria acautelar-me, a fim de não vir a ter a mesma sorte daqueles que observam e estudam um eclipse do sol. Algumas pessoas que assim fazem estragam os olhos por não tomarem a precaução de observar a imagem do sol refletida na água ou em matéria semelhante. Lembrei-me disso e receei que minha alma viesse a ficar completamente cega se eu continuasse a olhar com os olhos para os objetos e tentasse compreendê-los através de cada um de meus sentidos. Refleti que devia buscar refúgio nas idéias e procurar nelas a verdade das coisas. É possível, todavia, que esta comparação não seja perfeitamente exata, pois nem eu mesmo aceito sem reservas que a observação ideal dos objetos — que é uma observação por imagens — seja melhor do que aquela que deriva de uma experiência dos fenômenos [60]. Entretanto, será sempre para o lado daquela que me inclinarei. Assim, depois de haver tomado como base, em cada caso, a idéia, que é, a meu juízo, a 100 a mais sólida, tudo aquilo que lhe seja consoante eu o considero como sendo verdadeiro, quer se trate de uma causa ou de outra qualquer coisa, e aquilo que não lhe é consoante, eu o rejeito como erro. Vou, porém, explicar com mais clareza o que estou a dizer, pois me parece que não o compreendeste bem.

— Por Zeus, com efeito, que não o entendo bem! — confirmou Cebes.

— Quero dizer o seguinte — vol-

60 O sensualista é que observa mais em "imagens", pois os objetos materiais não passam de imitações imperfeitas das idéias eternas. (N. do T.)

veu Sócrates — e não estou a enunciar
b nenhuma novidade, mas apenas a repetir o que, em outras ocasiões como na pesquisa passada, tenho me fatigado de dizer[61]. Tentarei mostrar-te a espécie de causa que descobri. Volto a uma teoria que já muitas vezes discuti e por ela começo: suponho que há um belo, um bom, e um grande em si, e do mesmo modo as demais coisas. Se concordas comigo também admites que isso existe, tenho muita esperança de, por esse modo, explicar-te a causa mencionada e chegar a provar que a alma é imortal.

c — Naturalmente admito que isso existe — confirmou Cebes; — e, agora, faze depressa o que dizes.

— Examina, pois, com cuidado, se estás de acordo, como eu, com o que se deduz dessa teoria! Para mim é evidente: quando, além do belo em si, existe um outro belo, este é belo porque participa daquele apenas por isso e por nenhuma outra causa. O mesmo afirmo a propósito de tudo mais. Reconheces isto como causa?

— Reconheço.

— Logo — prosseguiu Sócrates — não compreendo nem posso admitir aquelas outras causas científicas. Se alguém me diz por que razão um objeto é belo, e afirma que é porque tem cor ou forma, ou devido a qualquer
d coisa desse gênero — afasto-me sem discutir, pois todos esses argumentos me causam unicamente perturbação. Quanto a mim, estou firmemente convencido, de um modo simples e natural, e talvez até ingênuo, que o que faz belo um objeto é a existência daquele belo em si, de qualquer modo que se faça a sua comunicação com este. O modo por que essa participação se efetua, não o examino neste momento; afirmo, apenas[62], que tudo o que é belo é belo em virtude do Belo em si. Acho que é muitíssimo acertado, para e mim e para os demais, resolver assim o problema, e creio não errar adotando esta convicção. Por isso digo convictamente, a mim mesmo e aos demais, que o que é belo é belo por meio do Belo. Acaso não é esta também a tua opinião?

— É.

— E o que é grande é grande por meio da Grandeza; e o que é maior pelo Maior; e o que é menor é Menor por meio da Pequenez?

— Indubitavelmente.

— Em conseqüência, jamais estarias de acordo com quem te viesse dizer que um é maior do que outro pela cabeça, e que o menor é menor pelo mesmo motivo; mas continuarias firmemente a afirmar que tudo aquilo que 101 a é maior do que outro, não o é por nenhuma outra causa senão pela Grandeza; e que o que é menor, não o é por nenhuma outra causa senão pela Pequenez. Pois acho que terias medo de cair em contradição se dissesses que uma coisa é maior ou é menor pela cabeça: primeiro, porque nesse caso o maior seria maior e o menor seria menor, ambos em virtude da mesma coisa; segundo, porque o maior seria b maior pela cabeça — que é pequena! Seria, com efeito, prodigioso que alguém fosse grande em virtude de uma coisa pequena! Acaso essa tolice te assusta?

61 Alusão ao Fedro e ao *Banquete*, que já apresentaram a doutrina das idéias. (N. do T.)

62 Cf. *Parmênides*. (N. do T.)

— Eu? Claro que sim! — Cebes riu e disse.

— E não temerias igualmente dizer — continuou Sócrates — que o dez é maior do que o oito porque o ultrapassa de dois e considerar isso como causa, ao invés de dizer que é pela quantidade e por causa da quantidade? E serias capaz de dizer, da mesma forma, que um objeto do tamanho de dois côvados é maior do que outro de um côvado pela metade, em lugar de dizer que é pela grandeza? Pois, sem dúvida, isso não é menos estapafúrdio!

— Efetivamente.

— Não te envergonharias de dizer que, acrescentando-se a unidade à unidade, esse acréscimo, e dividindo-se a
c unidade, essa separação, são ambos causas da formação do dois? Não protestarias aos gritos que não compreendes como cada coisa se possa formar por outro modo que não seja pela participação na própria substância em que essa coisa toma parte? Não dirias, neste caso, que não encontras outra causa de formar-se o dois a não ser a participação na idéia do dois, e que deve participar dela o que vem a tornar-se dois, e também que deve participar da idéia de unidade o que se torna unidade? E, em conseqüência, não haverias de pôr de lado essas tais separações e acréscimos e demais artimanhas do mesmo gênero, deixando a discussão de tais coisas a homens que são
d mais sábios do que tu? Mas o medo que tens, como se costuma dizer, da tua própria sombra[63], o receio da tua ignorância e o teu apego à segurança que encontraste ao tomar por base a tese em questão — tudo isso te inspiraria uma resposta semelhante. E se alguém se apresentasse censurando essa tese, porventura não o deixarias em paz e sem resposta, até o momento em que houvesses examinado as conseqüências dela extraídas e verificado se ela concorda consigo mesma ou se contradiz? E depois, quando viesse a ocasião de dar as razões desta tese em si mesma, não o farias da mesma forma, tomando desta vez por base uma outra tese, aquela em que encontrasses maior valor, até atingires um resultado satisfatório? E não é claro
e que tu, desejando uma doutrina do ser verdadeiro, te absterias de tagarelices e mais discussões a propósito do princípio e das suas conseqüências, assim como fazem os que polemizam profissionalmente? Nada daquilo, com efeito, figura nas pesquisas e preocupações de tais homens: dão-se por superiormente satisfeitos com a sabedoria que possuem, embora confundam tudo[64]. Tu, porém, se na verdade és filósofo, 102 a
tenho a certeza de que farás o que digo!

— O que dizes é a pura verdade — responderam ao mesmo tempo Símias e Cebes.

EQUÉCRATES:

— Por Zeus, caro Fédon, e com

63 Temer a própria sombra: expressão proverbial que exprime o cúmulo do medo. (N. do T.)

64 Golpe violento contra naturalistas e sofistas: estes desejam apenas discutir por discutir, sem cogitar de obter a verdade; aqueles podem ter uma convicção pessoal da veracidade de suas teorias, mas seus métodos são tão deficientes que não conseguem oferecer mais do que fracas tolices, não merecendo por isso o nome de filósofos. (N. do T.)

toda a razão! Quanto a mim, parece-me que Sócrates explicou tudo com maravilhosa clareza, mesmo para quem tenha pouca inteligência!

FÉDON:

— Nada mais certo, Equécrates! E tal foi também a opinião de todos os que lá estavam presentes.

EQUÉCRATES:

— E também a nossa, dos que lá não estivemos, mas que ouvimos agora o teu relato! Dize-me, porém: como prosseguiu a conversa? [65]

[65] Platão torna a lembrar ao leitor que Fédon está contando em Flius, a Equécrates e a uma roda de fliásios, as discussões havidas no último dia de Sócrates. (N. do T.)

O Problema dos Contrários e as Idéias

FÉDON:

— Se não me engano, depois de haverem concordado com ele nesse ponto e admitido a existência real de
b cada uma das idéias, e igualmente que os demais objetos, que delas participam, delas também recebem as suas denominações, Sócrates perguntou o seguinte:

— Se disseres que Símias é maior do que Sócrates, mas menor do que Fédon, não terás dito, acaso, que em Símias se encontram essas duas coisas: grandeza e pequenez?

— Sim.

— Mas, na realidade — não é? — reconheces que nesta frase: "Símias é maior do que Sócrates", o modo por que a linguagem se exprime não corresponde à verdade e que indubitavelmente não pertence à natureza de
c Símias o ser maior, pelo simples fato de ser Símias, mas sim pela grandeza, na medida em que a possui, e tampouco se pode dizer que seja maior do que Sócrates porque Sócrates é Sócrates, mas unicamente porque Sócrates participa da pequenez, em relação à grandeza dele?

— Efetivamente assim é.

— E, da mesma forma, também Fédon não o ultrapassa pelo simples fato de ser Fédon, mas sim porque Fédon possui grandeza em comparação com a pequenez de Símias?

— De fato.

— Ora, temos que Símias é chamado pequeno e também grande; está entre os dois: submete sua pequenez à grandeza de um, para que este o ultrapasse, enquanto que o outro apresenta uma grandeza que ultrapassa sua pequenez. — Então, sorrindo: "Parece d
— prosseguiu — que estou a redigir um contrato. Entretanto acho que as coisas estão certas assim como as digo". Cebes aquiesceu.

— Digo isto, porque desejo que tenhas a mesma opinião que eu. Pois, quanto a mim, parece-me claro isto: a grandeza em si jamais consente em ser simultaneamente grande e pequena. Da mesma forma procede a grandeza, nunca admitindo a pequenez nem dese-

jando ser ultrapassada, mas optando por uma destas alternativas: ou se retira e foge quando o seu contrário, a e pequenez, se aproxima — ou, então, cessa de existir quando aquela avança. O que admite e aceita a pequenez jamais deseja ser outra coisa senão o que é. Eu, por exemplo, havendo admitido e aceitado a pequenez, continuo a ser o que sou, pequeno; mas a grandeza em si não suportou ser grande e ao mesmo tempo pequena; e, da mesma forma, a nossa pequenez jamais deseja tornar-se ou ser grande; aliás, nenhuma outra coisa deseja, enquanto existe, tornar-se 103 a ou ser o seu contrário, mas se retira ou se destrói quando isso acontece.

— Com tudo isso estou, eu também, de acordo — declarou Cebes.

Mas, nesse momento, um dos que estavam presentes (não me recordo bem quem foi) ao ouvir isso tomou a palavra:

— Mas, pelos deuses! Não se afirmou já, nesta discussão, justamente o contrário do que acaba de ser dito agora? Acaso não foi dito que o maior se desenvolve do menor e o menor do maior, e que realmente constitui a geração para os contrários, é provir dos contrários? O que se diz agora, pelo que vejo, é que jamais isso acontece!

Sócrates volveu a cabeça para o lugar de onde vinha a voz, escutou e depois disse:

b — És um bravo por nos haveres recordado isso! Entretanto, não refletiste na diferença que há entre o que se diz agora e o que se disse antes. No início de nossa palestra foi afirmado que uma coisa se forma da coisa contrária; mas, neste momento, o que se diz é que o contrário em si não se forma de seu contrário, tanto em nós mesmos como em sua própria natureza. Antes, meu amigo, falávamos de coisas que possuem qualidades contrárias, e então as classificamos de acordo com estas. Agora, porém, estamos a falar daqueles próprios contrários que estão dentro de uma coisa e lhe dão o nome, e não dissemos que esses contrários possam ter sua origem na coisa contrária.

Ao mesmo tempo, olhou para Cebes c e perguntou:

— Acaso alguma coisa do que este disse, caro Cebes, causou-te perturbação?

Cebes respondeu: — Oh, não! absolutamente. Mas confesso que muitas coisas me preocupam.

— Responde-me, então, simplesmente, se estamos de acordo em que um contrário nunca poderá ser o seu contrário?

— Estamos completamente de acordo.

— Vejamos, pois, se concordarás também com o que vou dizer. Há uma coisa a que chamas quente e outra a que chamas frio?

— Há.

— São elas as mesmas coisas a que chamas neve e fogo?

— Por Zeus que não!

— Quer dizer, então, que o calor é d uma coisa e o fogo, outra; e que o frio é uma coisa e a neve, outra?

— Evidentemente.

— Por certo há de ser também tua opinião que a neve jamais aceita o calor, conforme antes dissemos, nem continuará a ser o que foi quando o calor se aproximar: ou fugirá dele, ou deixará de existir; não é assim?

— Efetivamente.

— E o fogo, por sua vez, ao aproximar-se o frio, retirar-se-á ou deixará de existir, mas nunca se resolverá a aceitar o frio e continuar ao mesmo tempo a ser o que era, fogo e frio.

— Tens razão.

— Poderá acontecer, pois, continuou Sócrates, que em outros exemplos análogos as coisas sucedam de tal sorte, que não somente a forma em si mesma tenha direito a seu próprio nome por um tempo eterno, mas que haja ainda aí outra coisa que, embora não sendo a forma propriamente dita, possua todavia o caráter desta, e isto em virtude da eternidade de sua existência.[66] Todavia, é possível que minhas palavras se tornem mais claras com o seguinte: o ímpar, por exemplo, deve ser chamado sempre por este nome com que o denominamos agora, ou não?

— Claro que sim!

— Agora, pergunto-te: isto vale só para o ímpar, ou acaso poderá aplicar-se também a outra coisa que não é
104 a o mesmo que o ímpar em si, mas que apesar disso deve ser chamada pelo seu nome, porquanto por sua natureza é de tal modo que jamais pode abandonar o ímpar? Refiro-me, por exemplo, a uma coisa como o "três", e muitas outras semelhantes. Reflete sobre o três: não achas que ele deve ser chamado sempre pelo seu próprio nome e também pelo nome de ímpar que todavia, não é a mesma coisa que o três? Da mesma maneira, o três, o cinco e a metade dos números, por sua natureza, são tais que cada um deles, embora não seja *o ímpar*, sempre é *ímpar*[67]. E o mesmo com o contrário: o dois, o b
quatro e a outra metade inteira dos números não são a mesma coisa que o *par*, mas cada um sempre é *par*. Concordas comigo, ou não?

— Como não concordar?

— Pois bem, repara agora atentamente no que desejo explicar. Não só tais conceitos excluem os seus contrários, mas o mesmo fazem estes objetos que, sem ser contrários, possuem o contrário; com efeito, eles não admitem a idéia, contrária à que os informa, mas, ao aproximar-se esse contrário, ou fogem ou cessam de existir. Ou acaso não devemos dizer que o três se destruiria ou sofreria qualquer coisa de c
preferência a tornar-se par?

— Isso é absolutamente certo.

— Mas o três não é contrário do dois?

— Não, seguramente.

— Portanto, não são só as idéias que não permitem a aproximação de seus contrários, mas certas outras coisas, por sua vez, não consentem também que eles se aproximem.

— O que dizes é a pura verdade — tornou Cebes.

— Queres então — prosseguiu Sócrates — que determinemos, se pudermos, de que natureza são essas coisas?

— Desejo-o muitíssimo.

[66] O fogo, por exemplo, se forma pela participação na idéia eterna de fogo, mas o calor é atributo especial do fogo; logo, a idéia de calor também se encontra dentro do fogo. (N. do T.)

[67] O número três participa da idéia eterna de três; o número cinco, da idéia de cinco — mas ambos, assim como muitos outros números, "a metade da série numérica", participam também da idéia de imparidade, ou de ímpar, que é essencial a esses números. O número três como tal não é o contrário do número dois; mas a imparidade é o contrário da paridade, e por isso o três nunca aceita a paridade, nem o dois a imparidade. (N. do T.)

d — Não serão, caro Cebes, essas coisas cuja existência as obriga a conter em si não só sua própria idéia, mas também, e sempre, a idéia contrária a uma certa coisa?

— Não compreendo o que dizes.

— Quero dizer o que disse há pouco: sabes, com efeito, que o que contém a idéia do três necessariamente não é só três, mas é também a idéia de ímpar.

— Sim.

— E que dele jamais se aproximará a idéia de par?

— É.

— Então a idéia de par jamais se aproximará do três?

— Efetivamente, jamais se aproximará.

e — Em conseqüência, o três não participa da idéia de par?

— Nunca, com efeito.

— Com isso, então, diremos que o três é ímpar?

— Necessariamente.

— Desta forma, pois, é que se determina, como disse, a natureza das coisas, que, sem serem contrárias, não admitem a presença de seu contrário: o três, por exemplo, sem ser contrário ao par, nunca o aceita, e não o aceita porque sempre tem incluído em si o contrário do par; e do mesmo modo o dois inclui o contrário do ímpar, o fogo o do frio, e assim em muitíssimos outros
105 a exemplos. Pensa agora e dize-me se não concluirias assim: não é somente o contrário que não recebe em si o seu contrário, mas o mesmo acontece também a coisas que, sem serem mutuamente contrárias umas às outras, possuem sempre em si os contrários, e as quais verossimilmente não receberão jamais uma qualidade que seja o contrário da que nelas existe. Volta, aliás, às tuas lembranças (não há mal que se repitam as mesmas coisas!): O cinco não receberá em si a natureza do par; nem o dez, que lhe é o dobro, a do ímpar. Este dez, como tal, não é contrário ao outro, mas apesar disso não receberá a idéia do ímpar. É o mesmo o que acontece com o um e meio e com b
os outros números que comportam o "meio", em face da natureza do inteiro; e o mesmo, também, com o terço e as demais frações dessa espécie. Suponho que estás a acompanhar-me e a participar da minha opinião?

— Participo com todas as minhas forças — disse Cebes — e te acompanho.

— Agora — disse Sócrates — recorda-te de nosso ponto de partida e fala, sem empregar, para responder, as próprias palavras de minha pergunta, mas tomando-me por modelo. Explico-me: ao lado da resposta de que eu em primeiro lugar falava, a resposta certa a que me referia, vejo, à luz do que agora dissemos, uma outra certeza. Podes perguntar-me: que é que entrando num corpo o faz quente? Não c
te darei aquela resposta certa, mas simples, que é o calor, mas responder-te-ei com uma mais hábil, dizendo que é o fogo. Perguntas: que é que, entrando num corpo, o torna doente? Não direi que é a doença, mas a febre. Da mesma forma, não irei declarar que um número se torna ímpar devido à imparidade, mas sim devido à unidade, e assim por diante. Examina, entretanto, se compreendeste bem o que quero dizer!

— Compreendi suficientemente — respondeu Cebes.

— Então responde-me, se puderes:

qual é a coisa que, entrando num corpo, o torna vivo?

— A alma.

— Mas é sempre assim?

— Como não!

d — Portanto a alma, empolgando uma coisa, sempre traz vida para essa coisa?

— Sempre traz vida!

— Existe um contrário da vida, ou não?

— Existe.

— Qual é?

— A morte.

— Não é verdade que a alma jamais aceitará o contrário do que ela sempre traz consigo?

— Decididamente!

— Ora pois; como chamávamos há pouco ao que não aceita a idéia do par?

— Ímpar.

— E ao que não aceita o justo e ao que não admite o harmônico?

— Inarmônico — respondeu Cebes — e injusto.

e — Bem; e ao que não admite a morte como chamaremos?

— Imortal.

— A alma não admite a morte, pois não é?

— É.

— Logo, a alma é imortal?

— É imortal!

— E, então, afirmaremos ou não que isso está provado? Que achas?

— Parece-me que está suficientemente provado, caro Sócrates!

— Por conseguinte, meu caro Cebes, se o ímpar fosse necessaria-
106 a mente indestrutível, o três poderia ser outra coisa, senão indestrutível?

— Claro que não!

— Se o que não contém o calor em si fosse necessariamente indestrutível, e dado que alguém aproximasse calor à neve, a neve não haveria de retirar-se conservando sua essência e sem se fundir? Pois ela não poderia ser destruída, nem, se subsistisse, aceitaria o calor.

— É verdade!

— E, da mesma forma, se o que não possui o frio fosse indestrutível, o fogo, ao aproximar-se o frio, não seria extinto nem destruído, mas, fugindo depressa, continuaria a subsistir.

— Necessariamente.

— E não podemos falar do mesmo b
modo a propósito do que é imortal? Assim, pois, se também o imortal é indestrutível, a alma não pode ser destruída quando a morte se aproxima. Em conseqüência do que dissemos, a alma nem aceitará a morte, nem ficará morta, da mesma forma como — de conformidade com as nossas precedentes explanações — nem o três será par, nem o ímpar será par, nem o fogo será frio, nem o calor no fogo será frio, e assim por diante. Todavia, alguém nos poderia dizer: bem, o ímpar pela aproximação do par não se torna par, mas que impede que depois da destrui-
ção do ímpar se forme o par? A tal lin- c
guagem, não poderíamos replicar que o ímpar não cessa de existir: pois o ímpar não é indestrutível. Se isso fosse provado poderíamos responder que, ao aproximar-se o par, o ímpar e o três fogem depressa. E o mesmo poderíamos dizer a propósito do fogo, do calor e das demais coisas. Ou porventura não?

— Poderíamos, sim.

— Portanto, se a propósito do que é imortal está provado que também é

indestrutível, segue-se que a alma não
d só é imortal, mas também indestrutível. Se não, precisamos ir em busca doutra prova.

— Mas não é necessário buscar outra prova! Se o que é imortal, quer dizer, o que é eterno, aceitasse a destruição, não poderia haver nenhuma outra coisa que deixasse de admiti-la![68]

— Creio, por conseguinte — continuou Sócrates —, que todos estão de acordo em que Deus e a própria idéia da vida, e o mais que de imortal existe, nunca desaparecem?

— Evidentemente, por Zeus! — exclamou Cebes. — Todos os homens, e mais ainda os deuses, segundo penso, concordam nisso!

e — Por conseguinte, o que é imortal é também indestrutível; e a alma, sendo imortal, não deve ser também indestrutível?

— Necessariamente!

— Logo, quando a morte sobrevém ao homem, a sua parte mortal naturalmente morre — mas a parte imortal foge, rápida, subsistindo sem se destruir, escapando à morte.

— Evidentemente!

— Portanto, meu caro Cebes, a alma é antes de tudo uma coisa imortal
107 a e indestrutível, e nossas almas de fato hão de persistir no Hades!

— Quanto a mim — disse Cebes — não tenho, caro Sócrates, depois disso nada mais a ajuntar, nem nada a apresentar contra a tua demonstração. Se há, todavia, alguma coisa que Símias aqui presente, ou alguém mais, tenham a dizer, será bom que não silenciem. Pois haverá outra ocasião, além desta, para a qual possa adiar o desejo de falar ou de ouvir falar sobre tais questões?[69]

— Tampouco eu — confessou Símias — jamais poderia duvidar, após essas demonstrações — mas, apesar disso, devido à magnitude da matéria tratada e por desconfiança em face da b
fraca natureza humana, acho necessário não confiar na discussão.

— Nem só isso, caro Símias — exclamou Sócrates. — A justeza de tuas palavras se estende também às premissas: por mais certas que vos pareçam ser, não deixam por isso de exigir um exame mais profundo[70]. Sim, com a condição de que as examineis com toda a precisão requerida, a marcha do raciocínio será seguida por vós, se não me engano, com a maior proficiência de que o homem é capaz! E suponhamos, enfim, que isso se tenha revelado a vós como certo e evidente — então, não precisareis procurar mais nada!

— É verdade — assentiu Cebes.

[68] A neve é portadora do frio; logo, aproximando-se o calor, a neve se deve retirar ou cessar de ser neve; mas naturalmente a neve nem sempre pode escapar do calor, e por isso se destrói sob a sua influência, deixando de ser neve. Isto é também verdadeiro de todas as coisas que são portadoras de certas idéias cujo contrário não podem aceitar. Esses corpos podem ser destruídos pelo seu contrário, mas a alma, como portadora da vida, faz exceção: o conceito da imortalidade exclui a destruição. Logo, a única coisa que a alma sofre é retirar-se quando a morte se aproxima. (N. do T.)

[69] Sócrates tem poucas horas de vida, e quem quiser algum esclarecimento a propósito da imortalidade da alma deve aproveitar esta ocasião; dentro em breve o mestre não mais estará com eles. (N. do T.)

[70] Este último diálogo entre Sócrates e Símias não é expressão de ceticismo, como se poderia pensar, mas leal reconhecimento da dificuldade da matéria em tratamento: o discípulo de Sócrates, isto é, de Platão, deve sempre revisar estas argumentações difíceis, para compreendê-las sempre de modo mais perfeito. Esta filosofia, portanto, não é divertimento, nem pode ser compreendida rapidamente. Exige reflexão. (N. do T.)

Mito do Destino das Almas

— Há, entretanto — volveu Sócrates —, pelo menos uma coisa sobre a qual seria justo que vós — sim, vós c todos — ainda refletísseis: se verdadeiramente a alma é imortal, cumpre que zelemos por ela, não só durante o tempo atual, isso a que chamamos viver, mas também pela totalidade do tempo; pois seria um grande perigo não se preocupar com ela. Admitamos que a morte nada mais seja do que uma total dissolução de tudo. Que admirável sorte não estaria reservada então para os maus, que se veriam nesse momento libertos de seu corpo, de sua alma e da própria maldade! Mas, em realidade, uma vez evidenciado que a alma é imortal, não existirá para ela nenhuma fuga possível a d seus males, nenhuma salvação, a não ser tornando-se melhor e mais sábia. A alma, com efeito, nada mais tem consigo, quando chega ao Hades, do que sua formação moral e seu regime de vida — o que aliás, segundo a tradição, é justamente o que mais vale ou prejudica ao morto, desde o início da viagem que o conduz ao além. Assim, dizem que o mesmo gênio que acompanha cada um de nós durante sua vida é, também, quem conduz cada morto a um determinado lugar. Então, os que lá se encontram reunidos são submetidos a um julgamento e, imposta a sentença, são levados ao Hades, conduzidos por um guia a quem foi dada a ordem de levá-los para lá. Depois de e haverem recebido o que mereciam e de terem lá permanecido durante o tempo conveniente, outro guia os reconduz para cá, através de muitos e demorados períodos de tempo. O que quer dizer, portanto, que o caminho não é tal como o pretende o Télefo de Ésquilo[71]: este, com efeito, diz que é simples 108 a o caminho que conduz ao Hades; a mim, todavia, quer me parecer que ele não é nem simples, nem um só: pois, se houvesse uma só estrada para ir ao Hades, não era necessária a existência de guias, já que ninguém poderia errar a direção. Mas é evidente que esse caminho contém muitas encruzilhadas e voltas: e prova disso são os cultos e costumes religiosos que temos[72].

"Desta maneira, pois, a alma ordenada e sábia acompanha obedientemente ao guia, pois bem conhece a situação. Mas a alma que se agarra avidamente ao corpo — coisa que antes expliquei — permanece por

71 Télefo é o herói de uma tragédia do mesmo nome, escrita pelo grande trágico grego Ésquilo, e sobre a qual temos apenas umas poucas notícias dos historiadores antigos. (N. do T.)

72 Cf. Decharme, *op. cit.* Veja também Pe. Festugière, *"La Religion de Platon dans l'Epinonus"* in *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, n. 1-2 (1948). A religião grega não conhecia dogmas estabelecidos por uma igreja autoritária. Por esta razão, as opiniões sobre a outra vida divergiram de acordo com as diferentes épocas e regiões. Entretanto, sempre e em toda parte houve um culto aos mortos e conjurações dirigidas a estes, assumindo aspectos diferentes conforme o que a respeito deles se imaginava. (N. do T.)

muito tempo ainda adejando ao redor do cadáver e dos monumentos funerá-
b rios, oferece resistência e sofre, e só se deixa levar pelo gênio sob violência e exigindo grandes esforços. Mas quando essa alma, afinal, chega ao lugar em que já se encontram as outras almas, cada uma destas imediatamente se afasta e a evita, pois sabem que ela praticou uma das negras ações seguintes: ou matou injustamente alguém, ou praticou qualquer crime desse gênero, ou qualquer obra que seja própria dessa espécie de almas. Por isso, ninguém deseja ter sua amizade e ser seu companheiro, nem servir-lhe de guia.
c Assim, essa alma erra desnorteada daqui para lá, em ignorância absoluta, durante certo tempo, e em virtude de uma necessidade fatal é levada a uma residência que lhe é conveniente. Inversamente, a alma cuja vida na terra foi pura e sábia lá encontra, por companheiros e guias, os próprios deuses, e sua residência será, da mesma forma, a que lhe é adequada.

"Ora, a terra possui grande número de regiões maravilhosas, e nem pela sua constituição nem pela sua grandeza, ela não é o que admitem as pessoas que têm o costume de falar sobre ela, conforme a convicção que alguém me transmitiu [73]."

d — Mas que queres dizer, Sócrates? — perguntou Símias. — Já tenho ouvido dizer muitas coisas a propósito da terra, mas, confesso, nenhuma parecida com a de que falas. Teria, pois, muito prazer em te ouvir a esse respeito.

— Pois bem, meu caro Símias. Todavia, para explicar *como* isso é, evidentemente não necessitamos da arte de Glauco [74]. Provar, porém, *que isso de fato assim é*, eis uma tarefa que de muito ultrapassa a arte de Glauco. Eu talvez não seja capaz de demonstrá-lo, e, mesmo que fosse, parece-me que ainda assim a minha própria vida, caro Símias, não seria suficiente para fazê-lo, tendo em vista a extensão do assunto. Quanto a explicar-vos, entre- e tanto, as minhas opiniões a respeito da terra e de suas regiões, nada me impede de fazê-lo.

— Nada mais queremos! — exclamou Símias.

— Pois bem — continuou Sócrates. — Em primeiro lugar, estou convencido de que a terra, sendo redonda e estando colocada no centro da abóbada celeste, não precisa nem do ar nem de qualquer outra matéria para não cair. Ao contrário, a uniformidade 109 a existente em cada parte do céu, dum lado, e, de outro, o próprio equilíbrio da terra são suficientes para sustentá-la. Assim, pois, um objeto que se mantém em equilíbrio no centro de um continente uniforme não tem motivo nenhum para inclinar-se mais para lá ou mais para cá e mantém-se efetivamente em sua posição, sem descair para os lados. Aqui tendes o primeiro

73 Platão apresenta a exposição de uma fantástica teoria cosmográfica, na qual não se mostra de acordo com nenhuma das teorias naturalistas que haviam sido elaboradas até então. (N. do T.)

74 Glauco: nome de alguns personagens da lenda grega, que realizaram obras dificílimas. A expressão "obra de Glauco" serve para designar uma realização árdua e complicadíssima. (N. do T.)

ponto de que me convenceram [75].

— E essa teoria me parece efetivamente muito certa — concordou Símias.

— Aquilo de que me convenci em segundo lugar — prosseguiu Sócrates — é que a terra é muito grande e que nós moramos apenas numa pequena parte dela — naquela que do Fásis às colunas de Hércules [76], ao redor do mar [77], assim como formigas e rãs [78] que vivem em torno dum paul. Muitos b
outros homens moram em muitas outras partes semelhantes a essa. É que em muitas partes, ao redor da terra, há um grande número de cavidades [79], diferentes entre si pela forma e pelo tamanho, para as quais correram e onde se juntaram águas, vapor e ar. Quanto à terra em si mesma, pura, encontra-se situada na pura abóbada celeste, lá onde demoram os astros, e parte é chamada de éter pelos que c
disso tratam. A borra precipitada do éter vem aglomerar-se nas cavidades da terra [80]. Nós habitamos, pois, essas cavidades, embora não o notemos: cremos que estamos a morar na superfície superior da terra, da mesma forma como acreditaria morar na superfície do oceano aquele que habitasse o seu fundo, pois, vendo o sol e os demais astros através da água, haveria de tomar o oceano por um céu. Sua indo- d
lência e fraqueza jamais lhe permitiriam vir ter à flor do mar, nem, uma vez emerso da água e volvida a cabeça na direção desses lugares, ver como são mais puros e mais belos do que os outros, sobre os quais aliás ninguém o poderia informar por jamais tê-los visto. É mais ou menos a mesma coisa o que sucede a nós. Morando num buraco da terra, acreditamos estar em sua superfície exterior, e damos ao ar o

75 Combinação das teorias de Anaximandro de Mileto e dos filósofos do sul da Itália, em primeiro plano dos pitagóricos. Anaximandro, como todos os filósofos pré-socráticos da Jônia, tem a terra como um corpo de forma cilíndrica, numa de cujas bases nós, os homens, estamos estabelecidos. Anaximandro é o primeiro a negar que a terra para se manter no espaço necessite de um sustentáculo. Deste modo, foi levado por primeira vez a reconhecer a lei da gravitação universal, declarando que cair significa apenas mover-se em direção ao centro do universo, e como a terra se encontra (para ele) no centro do universo, não cai e, portanto, não necessita que a sustentem. Os filósofos pitagóricos, por sua vez, concluíram que a terra e o universo inteiro são esféricos, porque viam na esfera o corpo mais perfeito. Platão combina ambas opiniões: a terra é uma esfera que se acha colocada no centro do universo e ao redor dela gravita a abóbada celeste, que é uma esfera oca e cujo centro se confunde com o centro da própria terra. Cf. *Fedro* e veja ainda L. Robin, *La Science Grecque*, A. Reymond, *Histoire des Sciences Exactes et Naturelles dans l'Antiquité Greco-Romaine*. (N. do T.)

76 Fásis e Colunas de Hércules, na linguagem geográfica tradicional, indicavam o extremo leste e o extremo oeste da terra conhecida até então. Fásis é um rio que desemboca no Mar Negro, próximo da cadeia do Cáucaso e as Colunas de Hércules são o estreito de Gibraltar. (N. do T.)

77 O mar aqui referido é o Mediterrâneo: os países conhecidos naquele tempo estavam agrupados ao redor desse mar. (N. do T.)

78 Formigas e rãs são pequenas como o homem em relação à terra: tal a característica comum a esses dois animais. Quanto à segunda — a de viver em torno de um paul — cabe somente às rãs. Platão emprega aqui o que se denomina em filologia clássica um anacoluto, isto é, uma união de termos discordantes supondo que o leitor saiba fazer por si a distinção. (N. do T.)

79 Aqui ressalta claramente que Platão faz uma combinação da teoria segundo a qual a terra é uma esfera com a outra, segundo a qual nosso planeta é uma chapa: a terra como tal é uma esfera, mas está cheia de cavidades no fundo de uma das quais moramos nós, os homens. Ou seja: a parte da terra ocupada pelos homens é plana, e no seu centro está o Mediterrâneo. (N. do T.)

80 Transparece aqui claramente que o éter é o invólucro da superfície da terra e que o ar não passa de uma borra ou dejeto do éter, precipitado nas cavidades da terra. (N. do T.)

nome de céu, como se os astros de fato planassem no ar, nosso céu. O caso é
e bem o mesmo: por fraqueza e indolência estamos impossibilitados de subir até o ar superior. Se alguém escalasse a parte superior da terra, ou voasse com asas, esse alguém haveria de contemplar o que existe por lá, e se sua natureza fosse bastante forte para lhe permitir uma observação prolongada, verificaria que aqueles é que são o céu verdadeiro, a luz verdadeira e a terra verdadeira — assim como os peixes, que sobem do mar, vêem o que há em
110 a nossa terra! Esta parte da terra em que nos achamos, as próprias pedras e suas diferentes regiões, estão corroídas e desgastadas, assim como está desgastado e corroído pela água salgada tudo o que há no mar, onde nada existe que mereça menção, onde nada é perfeito, acabado, por assim dizer, mas onde só se encontram anfratuosidades e areia e lama, muita lama, e sujeira onde há terra — nada, enfim, que se possa chamar belo, em comparação com nossas coisas. Ao contrário, aqueles lugares que se encontram na parte superior da terra hão de ser indubitavelmente muito mais belos do que os nossos. E
b se há, caro Símias, ocasião propícia para referirmos uma lenda mitológica, seria esta; assim poderíamos conhecer o que se encontra na parte superior da terra, debaixo do céu verdadeiro. Não vos parece?

— Sim, e teríamos vivo prazer, Sócrates, em ouvir essa lenda — respondeu Símias.

— Pois dizem, meu excelente amigo — prosseguiu Sócrates —, que a terra, se alguém a observasse do alto, ofereceria o aspecto de uma mola de couro formada de doze gomos, toda colorida, correspondendo a cada gomo uma diferente cor, das quais são fracas imitações as cores aqui usadas por nossos pintores. Ora, naquela longín- c
qua região a totalidade da terra é decorada com tais cores — aliás muito mais nítidas e puras do que as nossas conhecidas: aqui, com efeito, ela é púrpura e de uma beleza deslumbrante, ali semelha o ouro puro, além é perfeitamente branca e muito mais alva do que o giz e a neve; e as demais cores de que está revestida são, da mesma forma, ainda mais numerosas e muito mais belas do que todas aquelas que nós conhecemos. Ademais, as grandes ca- d
vidades de que falei, cheias de ar e de água, se mostram também coloridas, e, em combinação com os outros orifícios, igualmente coloridos, apresentam um conjunto de visão esplêndida, um todo de harmoniosas cores. Quanto à outra terra, constituída como é, tudo o que aí existe existe adequadamente — árvores, flores e frutos; do mesmo modo, por sua parte, as montanhas; e as pedras aí têm, proporcionadamente, muito mais beleza quanto ao polimento, transparência e coloração: e as pedrarias de cá embaixo, as pedrarias que qualificamos de preciosas, nada mais são do que suas lascas — sim, lascas são os nossos sárdios, o nosso jaspe, as nossas esmeraldas, e tudo o mais do mesmo gênero. Enfim, nessa e
remota região, se não há nada comparável às coisas daqui, tudo é muito mais lindo e mais precioso. A causa disso é a seguinte: as pedras daquela região são puras; não estão, como as daqui, corroídas e deterioradas pela ação da água suja e salgada, que inquina de doença e fealdade as pedrarias, a terra e as outras coisas, assim como

aos animais e às plantas. E ao ornamento dessa terra verdadeira, constituída pela multidão deslumbrante das gemas, se ajuntam ainda o ouro, a prata e tudo o mais que pertence à
111 a mesma espécie. Ornamentação que de per si e por sua natureza se revela aos olhos de um modo tão pleno, tão grandioso e tão universalmente esparso sobre a terra que esta é na verdade um espetáculo especialmente feito para a contemplação dos bem-aventurados!

"Nessa terra verdadeira vivem animais em grande número diferentes dos daqui e também homens. Destes alguns moram no interior da terra; outros, na orla do ar, como nós outros à beira do mar; outros, ainda, em ilhas cercadas de ar e próximas do continente. Numa palavra, o que para nós
b representam a água e o mar em face de nossas necessidades, lá é o ar; e o que para nós é o ar, para esses homens é o éter. Há, no clima de que gozam, uma tal perfeição de temperatura que se acham isentos de doenças e, ademais, quanto à duração da vida, ultrapassam de muito os homens cá debaixo. E quanto à vista, ao ouvido, ao pensamento e todas as funções análogas, eles se encontram mais ou menos à mesma distância de nós, como, quanto à pureza, o ar da água e o éter do ar.

"Lá também existem lugares sagrados e templos, nos quais os deuses efetivamente residem; e vozes, e profecias, mediante as quais os deuses se
c tornam sensíveis a eles; desse modo, entram em contato com as divindades, face a face. E o sol, a lua e os demais astros são contemplados por esses homens, tais como verdadeiramente são em si mesmos. A esses privilégios se junta uma felicidade que lhes é acompanhamento natural.

"Assim, pois, tal é a natureza da terra em seu conjunto e a do que pertence à terra. Quanto às regiões interiores encontram-se muitos espaços ocos, conforme as cavidades: uns são mais profundos e mais largamente abertos do que este em que moramos. Outros, embora sejam mais fundos, apresentam aberturas menores do que a de nossa região; e outros enfim, com menor profundidade do que a daqui, têm uma largura maior. Mas todas d
essas cavidades estão de muitas maneiras ligadas entre si no seio da terra: por meio de canais, uns mais amplos, outros mais estreitos; e muita água se precipita de uma cavidade para outra, assim como o vinho nos vasos em que o misturam. Há, com efeito, enormes caudais subterrâneos, de imensa grandeza, carregando água quente e água fria; e também há muito fogo e grandes rios de fogo. E há muitos, enfim, que são de lama líquida, ora mais claros, ora mais barrentos — e é por isso que e
na Sicília escorrem antes das lavas os rios de lama e depois a própria lava. Esses rios inundam cada região, conforme o sentido em que a corrente de cada vez se encaminha para cada uma. Ora, o que causa todos esses movimentos de subida e descida é uma espécie de oscilação que se faz na parte interior da terra, e a existência dessa oscilação deve provir do seguinte:

"Entre os abismos da terra há sobretudo um, que é o maior, precisamente porque atravessa a terra inteira dum lado a outro. É dele que fala Homero, 112 a
quando diz: *Bem longe, no lugar em que sob a terra está o mais fundo dos abismos,* e é a ele que o próprio Homero em outros trechos, e da mesma forma muitos outros poetas, dão o

nome de Tártaro[81]. O fato é que esse vazio é o lugar para onde convergem os cursos de todos os rios, e também o de onde inversamente partem, adquirindo cada um então características próprias, conforme o terreno que atravessa. Quanto à razão pela qual todos os rios vão ter a esse lugar e dele saem, está no fato de que a água aí não
b encontra nem fundo nem base: é, pois, natural que aí haja um movimento de oscilação e de ondulação, que a faça subir e descer. O ar e o sopro que a ele se prende fazem o mesmo[82]: ambos acompanham e seguem, com efeito, o movimento da água, tanto quando este lança para o outro lado da terra como quando para o nosso lado — mais ou menos assim como no processo da respiração, quando se inspira e expira, se forma uma corrente de ar. Do mesmo modo o sopro, aí entrando e saindo com as massas d'água, produz ventos de uma irresistível violência.

c Suponhamos que a água se tenha retirado para as chamadas regiões inferiores; afluindo então através do solo nos lugares onde, como vimos, se opera a descida da sua corrente, ela enche os rios do outro lado, do mesmo modo que nos processos de irrigação. Suponhamos, inversamente, que a água fuja desses lugares e se arroje em direção ao nosso lado. Serão então os rios deste lado que, por sua vez, se encherão. Cheios, os rios correm pelas vias de passagem e atravessam a terra, chegando a lugares que se abrem para o exterior, dando nascimento a mares, a lagos, a outros rios e a fontes. Mas, d daqui, a água desce novamente para o interior da terra e, depois de haver feito ora circuitos de grande extensão e em grande número, ora mais curtos e em menor número, desemboca no Tártaro; uns, muito abaixo do lugar de saída; outros, um pouco menos — mas todos sempre abaixo da saída do Tártaro. Alguns desses rios correm pelo lado oposto àquele por onde saíram; outros, pelo mesmo lado. Alguns deles também descrevem um círculo completo, enlaçando a terra uma ou duas vezes, como serpentes, e descem à maior profundidade que é possível, para voltar ao Tártaro. Ora, o que é possível é e que, numa ou noutra direção, a descida se faça apenas até o centro, mas nunca além; pois a parte da terra que se acha de cada um dos dois lados do centro é, para cada corrente, a origem de uma ascensão.

"Seguramente esses rios são muito numerosos, enormes e variados: nessa multidão, porém, se podem distinguir quatro mais importantes. O maior de todos, e aquele cujo curso descreve o círculo mais exterior, é o rio a que chamam de Oceano[83]. Face a face com este, e rolando em sentido oposto, corre o Aqueronte[84]: serpeia por entre desertos, várias vezes corre também por baixo da terra, e ao cabo precipita-se no lago Aquerúsia. A este lago é 113 a

81 Platão neste passo interpreta dados da mitologia com grande liberdade poética: Tártaro é às vezes sinônimo de Hades, mas em geral a mitologia o considera como uma parte do Hades, na qual os maiores criminosos recebem a pena merecida. Jamais se disse, porém, que o Tártaro fosse o centro do sistema hidrográfico universal. (N. do T.)

82 O Tártaro de Platão é um orifício que perfura completamente a terra, passando pelo seu centro. A água corre no Tártaro de uma para a outra extremidade, mas jamais sai fora desse canal, porque o centro da terra, como centro de gravidade, a mantém segura. O ar, no Tártaro, faz movimentos como a água. (N. do T.)

83 Oceano: na lenda, é ele um rio que perfaz um círculo ao redor da terra plana. (N. do T.)

84 Aqueronte (ao pé da letra: rio dos lamentos) é um fabuloso rio que existe no Hades; a mencionada lagoa Aquerúsia é também um dado mitológico que Platão utiliza. (N. do T.)

que vêm ter as almas dos mortos, as quais, após ali permanecerem durante o tempo que lhes foi prescrito, tempo mais longo para umas, mais breve para outras, são outra vez enviadas para formarem os seres vivos. Um terceiro rio nasce a meia distância entre os dois primeiros e, perto do ponto em que nasceu, vem a desembocar num vasto espaço onde arde um fogo imenso; aí, então, forma um lago muito maior do que o nosso mar[85], fervendo sempre
b água e lama; e daí sai, sujo e cheio de lama, serpeando por muitas voltas e passando por muitos lugares, chegando a cruzar pela extremidade do lago Aquerúsia, sem todavia se misturar com suas águas, para ir, finalmente, após mais alguns coleios repetidos, lançar-se no Tártaro, num ponto mais abaixo: é a este terceiro rio que se dá o nome de Periflegetonte[86], e dele é que brota toda lava que se encontra, onde quer que ela exista, sobre a face de nossa terra. Fazendo por sua vez face a este, corre o quarto rio: rolam suas águas primeiramente por uma região de assombrosa horripilância e selvageria, completamente revestida de uma uniforme coloração azulada — é
c a região que se denomina região Estígia; e Estige[87] é então o nome do lago formado por esse rio. Depois de se haver lançado nesse lago, onde suas águas adquirem temíveis propriedades, mergulha pela terra adentro e, descrevendo espirais, corre em sentido contrário ao Periflegetonte, ante o qual avança, nas proximidades do lago Aquerúsia, mas do lado oposto. Suas águas tampouco se misturam com outra; também elas, após o trajeto circular, finalmente desembocam no Tártaro, num ponto oposto ao Periflegetonte: o nome deste rio, ao dizer dos poetas é Cocito[88].

"Tal é, pois, meus amigos, a distri- d
buição natural desses rios. Eis, agora, os mortos chegados ao lugar para onde cada um foi conduzido por seu gênio tutelar. Aí, antes do mais, todos são julgados, tanto os que tiveram uma vida sã e piedosa como os outros. Em seguida, aqueles de quem se verifica que tiveram uma existência comum são dirigidos ao Aqueronte, e nele, em qualquer embarcação, se encaminham para o lago Aquerúsia. Lá, então, passam a morar e a submeter-se a purificações, quer remindo-se pelas penas que sofrem das ações de que se tornaram culpados, quer obtendo pelas boas ações que praticaram recompensas proporcionadas aos méritos de cada um[89]. Outros, porém, que se verifica e
serem incuráveis por causa da grandeza dos pecados que cometeram, autores de roubos em templos repetidos e graves[90], de muitos homicídios

85 Não é bem claro se "nosso mar" indica o Mediterrâneo ou o Egeu, que é o mar propriamente grego. Em todo caso, este lago é bem grande. (N. do T.)

86 Periflegetonte (ao pé da letra: rio de chamas de fogo) é também um rio fabuloso que corre no Hades. Nosso autor utiliza este rio em sentido naturalista para explicar os vulcões. (N. do T.)

87 Estige, na mitologia, é um rio do Hades. Platão o transforma em lago. (N. do T.)

88 Cocito (rio das queixas) é igualmente um dos fabulosos rios do Hades. Platão esclarece: "ao dizer dos poetas". Mas aproveitou dos poetas apenas o nome do rio, pois em nenhuma poesia ele desempenha o papel que Platão lhe empresta. (N. do T.)

89 Os que viveram uma vida comum constituem a maioria: não têm nem grandes vícios, nem grandes virtudes. Conforme a vida que levaram, recebem punição ou recompensa temporária e, ademais, como indica o trecho anterior, voltam a inserir-se em novos corpos. Platão não descreve as punições nem as recompensas. (N. do T.)

90 Os salteadores de templos figuram entre os maiores criminosos: onde se observa o respeito de Platão à religião tradicional. Sócrates, acusado de inimigo desta religião, é que expressa tais pensamentos. Assim, Platão está defendendo seu caro mestre. (N. do T.)

contra a justiça e contra a lei, e de muitas outras coisas desse gênero — estes recebem a paga merecida e são precipitados no Tártaro, de onde nunca mais sairão[91]. Quanto àqueles cujos erros foram reconhecidos como sendo faltas que, não obstante sua gravidade, não deixam de ter remédio, como as cometidas pelos que sob o domínio da ira usaram de violência contra o pai e a mãe, e que disso se arrependeram para
114 a o resto da vida, ou que, em condições semelhantes, se tornaram assassinos — estes, também, devem necessariamente ser lançados no Tártaro; mas, quando houver decorrido um ano depois que foram precipitados, uma onda os arremessa para fora — e os assassinos são lançados no Cocito, e os criminosos contra pai e mãe no Periflegetonte. Comboiados por esses rios, chegam ao lago Aquerúsia: e ali, chamam e pedem em altos brados, uns
b àqueles que mataram, outros àqueles que violaram; e lhes suplicam que os deixem passar do rio ao lago e vir ter com eles. Se conseguem o que pedem, saem do rio e não sofrem mais. Em caso contrário são de novo jogados ao Tártaro, e de lá outra vez aos rios, assim numa repetição sem tréguas, até que hajam obtido o perdão de suas vítimas — pois essa é a punição que os juízes lhes impuseram. Aqueles, enfim, cuja vida foi reconhecida como de grande piedade, são libertados, como de cárceres, dessas regiões interiores da terra, e levados para as alturas da
c morada pura, indo morar na superfície da verdadeira terra![92] E, entre estes, aqueles que pela filosofia se purificaram de modo suficiente passam a viver absolutamente sem os seus corpos, durante o resto do tempo, e a residir em lugares ainda mais belos que os demais[93]. Mas descrever esses lugares não é fácil nem possível, pois temos pouco tempo!

"Pois bem, meu caro Símias, são estas as realidades, cuja exposição fizemos por alto, e, que nos devem levar a tudo fazermos por participar da virtude e da sabedoria nesta vida. Bela é a recompensa e grande a esperança! Entretanto, pretender que essas coisas sejam na realidade exatamente como as descrevi, eis o que não será próprio d
de um homem de bom senso! Mas crer que é uma coisa semelhante o que se dá com nossas almas e o seu destino — porque a alma é evidentemente imortal — eis uma opinião que me parece boa e digna de confiança. Belo será ter esta coragem! É preciso repeti-lo como fórmula mágica e é — palavra! — por tal razão que há muito estou a falar nessa lenda mitológica. Pois bem! Considerando estas crenças, deve permanecer confiante sobre o destino de sua alma o homem que e

91 Castigo eterno para os maiores pecadores. Platão não dá precisão acerca dos sofrimentos por que passam no Tártaro. Possivelmente, é opinião sua que os turbilhões de água e ar, atrás descritos, façam padecer os habitantes daquela região. (N. do T.)

92 Chegamos enfim a conhecer quais são os felizes habitantes da superfície da verdadeira terra, sobre os quais e sobre cuja bem-aventurança Platão tanto tem falado: são os adeptos da religião tradicional, os piedosos. Agora se compreende também por que Platão disse antes que estes tinham comunicação direta com os deuses: adoravam os deuses nesta vida e nas cavidades da terra, e sua recompensa na superfície da mesma será uma vida feliz e o contato com os deuses. (N. do T.)

93 Grau superior da classificação dos homens: os filósofos. Estes fazem parte dos piedosos a que nos referimos na nota anterior; mas são entre eles os mais genuinamente piedosos, e por este motivo terão uma sorte melhor do que os demais adeptos da religião tradicional. (N. do T.)

durante sua vida desprezou os prazeres do corpo e os ornamentos deste, principalmente, pois são, a seu ver, coisas estranhas e nocivas. O homem que, ao contrário, se dedicou aos prazeres que têm a instrução por objeto, e que dessa forma ornou sua alma, não com adornos estranhos e nocivos, mas com o que é propriamente seu e mais lhe convém, com a temperança, a justiça, a coragem, a liberdade, a verdade[94] — esse aguarda confiante e corajoso o momento de por-se a caminho do
115 a Hades, quando seu destino o chamar!

"Vós, seguramente — ajuntou Sócrates —, vós, Símias, Cebes, e todos os outros — será mais tarde, não sei quando, que vos poreis a caminho. Quanto a mim, o meu destino neste momento me chama, como diria um ator de tragédia[95].

"Creio que ainda me sobra algum tempo para tomar um banho: parece-me melhor, com efeito, lavar-me antes de tomar o veneno, e não deixar para as mulheres o trabalho de lavar um cadáver."

Depois destas palavras de Sócrates,
b Críton falou: — Então, que ordens nos dás, Sócrates, a estes ou a mim, a respeito de teus filhos ou de qualquer outro assunto? Quanto a nós, essa seria, por amor a ti, nossa tarefa mais importante!

— Justamente, Críton, não cesso de falar sobre ela — respondeu — e nada de novo tenho para vos dizer! Vede: cuidai de vós próprios, e de vossa parte então toda tarefa será feita com amor, tanto a mim e aos meus quanto a vós mesmos, ainda que não tenhais assumido esse compromisso. Suponhamos, pelo contrário, que de vós próprios não tomeis cuidado, e que não queirais absolutamente viver em conformidade com o que foi dito tanto hoje como em outras ocasiões. Então, quaisquer que possam ser hoje o número e a força de vossas promessas, nada tereis adiantado!

— Poremos todo o nosso coração, c
naturalmente — disse Críton — em conduzir-nos dessa forma. Mas como haveremos de enterrar-te?

— Como quiserdes — respondeu —, isto é, se conseguirdes reter-me a mim, e se eu não vos escapar! — Então riu-se docemente e, voltando-se para nós, disse: — Não há meio, meus amigos, de convencer Críton de que o que eu sou é este Sócrates que se acha presentemente conversando convosco e que regula a ordem de cada um de seus argumentos! Muito ao contrário, está persuadido de que eu sou aquele outro Sócrates cujo cadáver estará daqui a pouco diante de seu olhos; e ei-lo a perguntar como me deve enterrar! E d
quanto ao que desde há muito venho repetindo — que depois de tomar o veneno não estarei mais junto de vós, mas me encaminharei para a felicidade que deve ser a dos bem-aventurados — tudo isso, creio, eram para ele vãs palavras, meras consolações que eu procurava dar-vos, ao mesmo tempo que a mim mesmo! Sede, pois, meus fiadores junto a Críton, garantindo-lhe o contrário daquilo que ele afiançou aos juízes[96]. Ele jurou que eu ficaria no meio de vós; vós, porém, afirmai-

94 Nesta enumeração de virtudes, a liberdade só pode ter o sentido de "libertação de paixões e vícios". (N. do T.)

95 Nas tragédias, os heróis despedem-se de seus amigos com frases como esta e em tom dramático. (N. do T.)

96 Alusão ao processo de Sócrates: Críton garantiu ao tribunal que Sócrates não fugiria. (N. do T.)

lhe que não ficarei entre vós quando morrer, mas que partirei, que me irei embora! Este é o único meio de fazer e com que esta provação seja mais suportável a Críton, o meio de evitar que, vendo queimar ou enterrar meu corpo[97], se impressione e pense que estou sofrendo dores inenarráveis, e que no decorrer dos funerais diga estar expondo Sócrates, conduzindo-o à sepultura e enterrando-o! Nota bem, meu bravo Críton: a incorreção da linguagem não é somente uma falta cometida contra a própria linguagem. Ela faz mal às almas! Não! É preciso perder esse temor. Realiza estes funerais como quiseres e como achares 116 a mais conforme aos usos.

97 A época clássica dos gregos não conheceu o costume generalizado dos funerais, tendo instituído a liberdade de queimar ou enterrar os cadáveres, como se quisesse. (N. do T.)

Epílogo

Dito isto, Sócrates pôs-se de pé, e, para banhar-se, passou a outra peça. Críton seguiu-o, fazendo-nos sinal que esperássemos. Ficamos, pois, a conversar e a examinar tudo quanto se havia dito. Lamentávamos a imensidade do infortúnio que sobre nós descera. Verdadeiramente, era para nós como se perdêssemos um pai, e iríamos passar como órfãos o resto de nossa vida!

b Depois de se ter banhado, trouxeram-lhe seus filhos (tinha dois pequenos e um já grande), e as mulheres de casa[98] também vieram; entreteve-se com eles em presença de Críton, fazendo-lhes algumas recomendações. Em seguida ordenou que se retirassem e veio para junto de nós.

Já o sol estava próximo de recolher-se, pois Sócrates havia passado muito tempo no outro quarto. Ao voltar do banho sentou-se novamente, e a conversa desta vez durou pouco. Apresentou-se então o servidor dos Onze, e, em pé, diante dele disse:

— Sócrates, por certo não me darás a mesma razão de queixa que tenho contra os outros! Esses enchem-se de c cólera contra mim e me cobrem de imprecações quando os convido a tomar o veneno, porque tal é a ordem dos Magistrados. Tu, como tive muitas ocasiões de verificar, és o homem mais generoso, o mais brando e o melhor de todos aqueles que passaram por este lugar. E, muito particularmente hoje, estou convencido de que não será con-

98 Esta frase suscitou na antiguidade a seguinte tentativa de explicação: em seguida à guerra do Peloponeso, em que morreram muitos homens; os atenienses consentiram que cada cidadão passasse a ter mais mulheres além da legítima esposa; e Sócrates, modelo de patriota, acrescentou a Xantipa uma nova esposa, da qual teve um de seus três filhos. Mirto era o nome desta última. Mas tudo isso não está bem provado. Platão, quando aqui fala em mulheres de casa, talvez queira significar apenas que Xantipa compareceu ao cárcere acompanhada de parentes ou de escravas. (N. do T.)

tra mim que sentirás ódio, pois conheces os verdadeiros culpados, mas contra eles. Não ignoras o que vim anunciar-te, adeus! Procura suportar da melhor forma o que é necessário!

Ao mesmo tempo pôs-se a chorar e, escondendo a face, retirou-se. Sócrates tendo levantado os olhos para ele:

— Adeus! — disse. — Seguirei o teu conselho.

Depois, voltando-se para nós:

— Quanta gentileza neste homem! Durante toda a minha permanência aqui veio várias vezes ver-me, e até conversar comigo. Excelente homem! E, hoje, quanta generosidade no seu pranto! Pois bem, avante! Obedeçamos-lhe, Críton, e que me tragam o veneno se já está preparado; se não, que o prepare quem o deve preparar!

Então disse Críton:

— Mas, Sócrates, o sol se não me engano está ainda sobre as montanhas e não se deitou de todo. Ademais, ouvi dizer que outros beberam o veneno só muito tempo depois de haverem recebido a intimação, e após terem comido e bebido bem, e alguns, até, só depois de haverem tido contato com as pessoas que desejaram. Vamos! nada de precipitações; ainda há muito tempo!

Ao que Sócrates respondeu:

— É muito natural, Críton, que as pessoas de quem falas tenham feito o que dizes, pensando que ganhavam alguma coisa fazendo o que fizeram. Mas, quanto a mim, é natural que eu não faça nada disso, pois penso que tomando o veneno um pouco mais tarde nada ganharei, a não ser, tornar-me para mim mesmo um objeto de riso, agarrando-me dessa forma à vida e procurando economizá-la quando dela nada mais resta! Mas temos falado demais; vai, obedece, e não me contraries.

Assim admoestado, Críton fez sinal a um de seus servidores que se mantinham nas proximidades. Este saiu e retornou daí a poucos instantes, conduzindo consigo aquele que devia administrar o veneno. Este homem o trazia numa taça. Ao vê-lo Sócrates disse:

— Então, meu caro! Tu que tens experiência disto, que é preciso que eu faça?

— Nada mais — respondeu — do que dar umas voltas caminhando, depois de haver bebido, até que as pernas se tornem pesadas, e em seguida ficar deitado. Desse modo o veneno produzirá seu efeito.

Dizendo isso, estendeu a taça a Sócrates. Este a empunhou, Equécrates, conservando toda a sua serenidade, sem um estremecimento, sem uma alteração, nem da cor do rosto, nem dos seus traços. Olhando em direção do homem, um pouco por baixo e perscrutadoramente, como era seu costume, assim falou:

— Dize-me, é ou não permitido fazer com esta beberagem uma libação às divindades?[99]

— Só sei, Sócrates, que trituramos a cicuta em quantidade suficiente para produzir seu efeito, nada mais.

— Entendo. Mas pelo menos há de ser permitido, e é mesmo um dever, dirigir aos deuses uma oração pelo bom êxito desta mudança de residên-

[99] Nos banquetes dos gregos era costume que todos os convivas, antes de tocarem na primeira taça, derramassem no chão algumas gotas, em homenagem aos deuses, e que ao mesmo tempo recitassem uma breve oração. Aqui, Platão quer sublinhar a tranqüilidade de Sócrates: este se comporta como se estivesse num banquete. (N. do T.)

cia, daqui para além. É esta minha prece; assim seja!

E em seguida, sem sobressaltos, sem relutar nem dar mostras de desagrado, bebeu até o fundo.

Nesse momento nós, que então conseguíramos com muito esforço reter o pranto, ao vermos que estava bebendo, que já havia bebido, não nos contivemos mais. Foi mais forte do que eu. As lágrimas me jorraram em ondas, embora, com a face velada, estivesse chorando apenas a minha infelicidade — pois, está claro, não podia chorar de pena de Sócrates! Sim, a infelicidade de ficar privado de um tal
d companheiro! De resto, incapaz, muito antes de mim, de conter seus soluços, Críton se havia levantado para sair. E Apolodoro[100], que mesmo antes não cessara um instante de chorar, se pôs então, como lhe era natural, a lançar tais rugidos de dor e de cólera, que todos os que o ouviram sentiram-se comovidos, salvo, é verdade, o próprio Sócrates:

— Que estais fazendo? — exclamou. — Que gente incompreensível! Se mandei as mulheres embora, foi sobretudo para evitar semelhante cena, pois, segundo me ensinaram, é com belas palavras que se deve morrer.
e Acalmai-vos, vamos! dominai-vos!

Ao ouvir esta linguagem, ficamos envergonhados e contivemos as lágrimas.

Quanto a Sócrates, pôs-se a dar umas voltas no quarto, até que declarou sentir pesadas as pernas. Deitou-se então de costas, assim como lhe havia recomendado o homem. Ao mesmo tempo, este, aplicando as mãos aos pés e às pernas, examinava-os por intervalos. Em seguida, tendo apertado fortemente o pé, perguntou se o sentia. Sócrates disse que não. Depois disso 118
recomeçou no tornozelo, e, subindo aos poucos, nos fez ver que Sócrates começava a ficar frio e a enrijecer-se. Continuando a apalpá-lo, declarou-nos que quando aquilo chegasse até o coração, Sócrates ir-se-ia[101]. Sócrates já se tinha tornado rijo e frio em quase toda a região inferior do ventre, quando descobriu sua face, que havia velado, e disse estas palavras, as derradeiras que pronunciou:

— Críton, devemos um galo a Asclépio ; não te esqueças de pagar essa dívida.

— Assim farei — respondeu Críton. — Mas vê se não tens mais nada para dizer-nos.

A pergunta de Críton ficou sem resposta. Ao cabo de breve instante, Sócrates fez um movimento. O homem então o descobriu. Seu olhar estava fixo. Vendo isso, Críton lhe cerrou a boca e os olhos.

Tal foi, Equécrates, o fim de nosso companheiro. O homem de quem podemos bendizer que, entre todos os de seu tempo que nos foi dado conhecer, era o melhor, o mais sábio e o mais justo.

100 O leitor do *Banquete* já conhece Apolodoro como o mais emotivo dos alunos de Sócrates. (N. do T.)

101 A descrição minuciosa do efeito do veneno está a mostrar que na realidade se trata da cicuta, planta muito venenosa; e manifesta, da mesma forma, a humanidade com que os atenienses realizavam suas execuções capitais, procurando torná-las isentas de sofrimentos e dores. (N. do T.)